

HTT-20

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

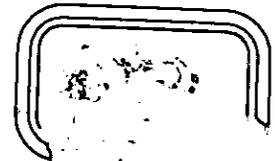
CURSO DE HISTÓRIA

**TEMA: OS KHOKHOLO E A ESTRUTURA DA ETNIA CHOPE NO  
SÉC.XIX: O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DA CULTURA DE UMA  
POPULAÇÃO**

“Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane”

Mário José Chitaúte Cumbe

Maputo, 2000



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

CURSO DE HISTÓRIA

TEMA: OS KHOKHOLO E A ESTRUTURA DA ETNIA CHOPE NO  
SÉC.XIX: O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DA CULTURA DE UMA  
POPULAÇÃO

“Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane”

Mário José Chitaúte Cumbe

Maputo, 2000

39 (679)  
C 969 K 04

F. LETRAS U.E.M.	
R. E	27414
DATA	8/ Dez/ '00
COTA - HT - 20	

## DECLARAÇÃO

Declaro que esta Dissertação nunca foi apresentada na sua essência, para obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que usei.

## DEDICATÓRIA

À minha esposa, Rute Chimele Zavala Chitaúte e aos meus filhos que tudo fizeram para que se tornasse realidade a realização deste trabalho e pelo amor, carinho e encorajamento que sempre dispensaram ao longo da minha formação.

## AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Gerhard Liesegang, meu supervisor, que soube me guiar e acompanhar em todas as fases do trabalho, com os seus vastos conhecimentos sobre os problemas das etnias do sul de Save e pela sua orientação metodológica.

Ao Dr. Ricardo Teixeira Duarte que disponibilizou alguns dos seus recursos pessoais para que uma das fases deste trabalho de campo fosse possível e pelos seus conselhos.

Ao Bernardo Mavique, um dos nossos entrevistados, por ter se interessado pelo trabalho e disponibilizado a sua viatura e tempo em prol da sua realização.

A todos os docentes do Departamento de História que directa ou indirectamente contribuíram para a minha formação e para a elaboração deste "produto final".

Aos anónimos.

## RESUMO

A presente dissertação com o título "Os khokholo e a estrutura da etnia chope no século XIX: O problema da definição da cultura de uma população" foi baseada numa bibliografia secundária e entrevistas semi-estruturadas além da visita aos locais onde existiram estes khokholo o que permitiu a recolha de alguma cerâmica decorada característica do século XIX, depositada no Departamento de Arqueologia e Antropologia desta Universidade.

Os Chope no século XIX não eram um grupo coeso politicamente mesmo as chefaturas mais fortes como o Zavala, Guamba e Mucumbi, estavam divididas e em desintegração devido a lutas internas onde intervieram os portugueses e o Estado de Gaza.

Continuidade e mudança podem ser observados ao longo do tempo, assim como a mudança do nome "*ndonge*" para Chope no século XIX.

A definição cultural da população hoje designada de Chope variou ao longo do tempo, pois para os estranhos eram considerados Chope aquelas comunidades que viviam em khokholos, se defendiam com arcos e flechas e eram adversários dos nguni e os que tinham certas tatuagens, mas a partir do primeiro quartel do século XX já é considerado Chope quem fala a língua e se associa a alguns aspectos materiais como as timbilas e o arco e a flecha. Contudo, é preciso considerar que nem todas as chefaturas que viviam em khokholos eram chope, pois temos os macuácuá e os khambanes que também tinham este tipo de estruturas comunitárias e, para o caso das timbilas temo-las também com os tswá do norte de Inhambane. Estes símbolos parecem pertença exclusiva nos estereótipos étnicos, mas não o são de facto.

Este trabalho constitui uma primeira abordagem que não pode esgotar toda a problemática. Procuramos apenas tentar explorar a imagem que o grupo étnico chope tem de si próprio tendo como pressuposto base a ocupação do espaço e as realidades culturais por si evocadas.

**ÍNDICE**

**DECLARAÇÃO**

**DEDICATÓRIA**

**AGRADECIMENTOS**

**RESUMO**

**CAP. I INTRODUÇÃO**

I.1-O tema e a estrutura do trabalho, limites geográfica e cronológicos

I.2-Objectivos específicos

I.3.1-Metodologia e história da investigação

I.3.2-As Fontes Oraís e Escritas

1.4-Revisão da literatura referente à área

**CAP. II ASPECTOS GEOGRÁFICOS E AMBIENTAIS**

II.1-Características Geo-Ambientais da região

II.2-Situação demográfica actual

II.2-Situação da vegetação e sua evolução recente

## **CAP. III- HISTÓRIA POLÍTICA DA REGIÃO**

III.1- Situação geral no decurso dos séculos XVI-XVIII

III.2-O que caracterizou a segunda metade do século XIX

III.3.1-A Intervenção política dos portugueses, entre 1862-1899

### **IV**

III.3.2-A situação de Gaza entre 1889-1895

III.4-Considerações sobre as relações entre os portugueses e os africanos

## **CAP.IV- OS KHOKHOLO DE ZAVALA E DE INHARRIME**

IV.1-O que caracteriza os khokholo

IV.2-O que é khokholo e onde ocorreram?

III.3-Função de defesa khokholo

III.4-Quando e porquê desapareceram

III.5-Contribuição para a compreensão do khokholo

## **CAP.V CULTURA E ETNICIDADE CHOPE**

V.1-Como se identifica a si próprios

V.2-Como é visto por outros

V.3-Cultura material e economia

## **CAP. VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## **CAP.VII- BIBLIOGRAFIA**

### **ANEXOS**

1-CONCEITOS

2-HISTÓRIA DOS KHOKHOLOS

3-HISTÓRIA DOS NOMES

4-ALGUNS ASPECTOS DA ANTROPOLOGIA CHOPE

5-PORQUE HÁ MAIS CHOPES A TRABALHAREM NA SALUBRIDADE DE  
MAPUTO?

### **MAPAS**

1-Mapa de enquadramento da área de estudo

2-Distribuição actual da população e localização dos khokholo

3-Mapa linguístico de Moçambique

4-Imagem Satélite



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

*FACULDADE DE LETRAS*

*Comunicação Interna nº 182/2000*

---

*Para: BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA U.E.M*

*De: SECÇÃO DO REGÍSTO ACADÉMICO*

*DATA : 27/06/2000*

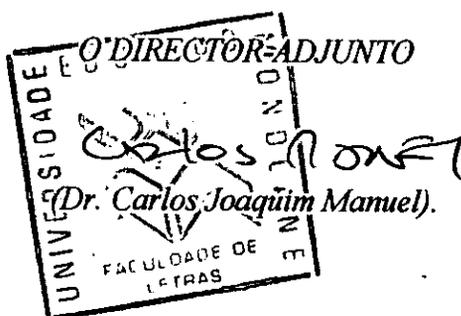
---

*N/Referência: Porcº. 1-LE/2000*

*ASSUNTO: ENVIO DO EXEMPLAR DO TRABALHO DE LICENCIATURA*  
*DO CURSO DE HISTÓRIA DESTA FACULDADE*

*Junto se envia à V.Excia o exemplar do Trabalho de Licenciatura do Srº-*  
*MÁRIO JOSÉ CHITAÚTE CUMBE, do Curso de História desta Faculdade.*

*Com os melhores cumprimentos*



## ERRATA

	Onde se lê	Deve ler-se
<b>Resumo</b>		
Parágrafo 4		
Linha 8	khambanes; macuácia	Khambanes; Macuácia
<b>pag. 6</b>		
parág.4		
linha 2	preeminência	proeminência
Parág.5		
linha 4	afidas	afiadas
<b>pag. 8</b>		
parág.4		
linha 5	comumente	comummente
<b>pág. 18</b>		
parág.1		
linha 1	semeadas	plantadas
<b>pág. 21</b>		
parág. 3		
linha 2	não cheguei de ver	não cheguei a ver
21		
parág. 6		
linha 4	refere que machambas as	refere que as machambas
<b>pág.22, 24</b>		
parág.5, 1, 3		
linha 4	indica nos	indica-nos
<b>pág. 27</b>		
parág. 3		
linha 5	(1721-1730) se tinham	(1721-1730) tinham
<b>pág. 28</b>		
parág. 1		
linha 2	distritos de Inhambane	distrito de Inhambane
linha 2	dos negros em que	dos negros que
linha 5	relacionamento permitiu	relacionamento que permitiu
parág. 2		
linha 4	ter lhe	ter-lhe
linha 6	sejão	sejam

<b>pág. 28</b>		
parág. 3		
linha 5	esta guerra foi devida	esta guerra foi devido
linha 6	que quiz	que quis
<b>pág. 29</b>		
parág. 2		
linha 3	registra se	registra-se
<b>pág. 30</b>		
parág. 4		
linha 1	as ordens que do governo	as ordens do governo, que
<b>pág. 32</b>		
parág. 3		
linha 4	litígeos	litígios
<b>pág. 33</b>		
parág. 4		
linha 4	gartificação	gratificação
<b>pág. 39, 42</b>		
parág. 2		
linha 6	previlégios	privilégios
<b>pág. 41</b>		
parág. 4		
linha 3	aconteceu aconteceu	aconteceu
<b>pág. 43</b>		
parág. 1		
linha 1	contrabalançou favor	contrabalançou a favor
parág. 2		
linha 2	era em género	era em géneros
<b>pág. 51</b>		
parág. 2		
linha 7	de esconder-as	de escondé-las
parág. 3		
linha 5	duas e três	duas ou três
<b>pág. 53</b>		
parág. 2		
linha 3	por catos	por cactos
parág. 4		
linha 2	grupo clânico	grupo clânico
<b>pág. 57</b>		
parág. 4		
linha 2	apenas est	apenas este

<b>pág. 61</b>		
parág. 3		
linha 2	numa primeira, era de	numa primeira fase, era de
parág.4		
linha1	estiveram estiveram	estiveram
linha2	podem se	podem-se
<b>pág. 71</b>		
parág.4		
linha 2	reparado que quasi	reparado que quase
<b>pág. 72</b>		
parág.1		
linha 9	importantes que de davam	importantes que se davam
parág. 6		
linha única	do trabalho constatei	do trabalho constatámos
<b>pág. 73</b>		
parág. 3		
linha 3	E neste contexto	É neste contexto
parág. 4		
linha 4	cobraça	cobrança
parág. 5		
linha 1 a 3	estrutura da etnis chope, esta... shona-carangas	estrutura da etnis chope, “esta... shona-caranga”
<b>pág. 74</b>		
parág. 2		
linha 5	das sua influência	das suas influências
parág. 3		
linha 3,	aumentar o se excedente	aumentar o seu excedente
linha 6	residente no se seio	residente no seu seio

ERRATA DOS ANEXOS

	onde se lê	deve ser-se
<b>anexo1, pág.2</b>		
parág. 1	chi-kcambane	xi-khambane
linha 6	cambanes	khambanes
linha 7		
<b>anexo2, pág.6</b>		
parág. 3		
linha 2	semevam catos	plantavam cactos
pág. 7		
parág. 2		
linha 1	Em 1885-1895	Entre 1885-1895
<b>pág. 8</b>		
parág. 2		
linha 2	pequeno Inhamitande	pequeno rio Inhamitande
parág. 3		
linha 5	da terra dos Guambes	da terra os Guambes
<b>pág. 9</b>		
parág. 3		
linha 4	infoirmantes	informantes
<b>anexo3, pág.1</b>		
parág.3	não deixava ela	não a deixava
linha 2	pos heles	por heles
linha 9		

## CAP. I-INTRODUÇÃO

### I.1-O TEMA E A ESTRUTURA DO TRABALHO, LIMITES GEOGRÁFICOS E CRONOLÓGICOS

A presente dissertação visa investigar a estrutura e funções dos khokholo, povoações fortificadas com estacas e paliçadas semelhantes às aringas da Zambézia, que estiveram implantados na actual província de Inhambane, distritos de Inharrime e Zavala, povoados sobretudo por populações da etnia chope<sup>1</sup>. Os motivos para a escolha do tema são vários: Em primeiro lugar queremos documentar a *estrutura da organização sócio-política e económica das comunidades que viviam nestas fortificações*, considerando que na bibliografia secundária, encontram-se referências frequentes às aringas da Zambézia enquanto que nenhum estudo foi feito, sobre a região sul<sup>2</sup>, questionando ao mesmo tempo a continuidade das etnias e a possibilidade de delimitá-las na base da cultura material e dos estereótipos utilizados para caracterizá-las. Em segundo lugar veio o *interesse em verificar o que significa etnia*<sup>3</sup>. Outra razão relaciona-se com a *naturalidade do estudante* que lhe inspirou a querer saber um pouco mais da história da sua região de origem contribuindo ao mesmo tempo para as ciências humanas.

Nos limites geográficos da abordagem foi analisado apenas parte da área nuclear chope, Inharrime e Zavala. Os Chope da área de Chidenguele, Manjacaze e os de Cumbana assim como das outras áreas localizadas, sobretudo no Sul de Save não foram abrangidos pelo estudo.

O período cronológico escolhido, será a segunda metade do séc. XIX e o início do séc. XX. A razão da escolha deve-se à abundância de fontes escritas durante o séc. XIX relativamente ao período anterior e à possibilidade de se encontrarem fontes orais que

---

<sup>1</sup> Segundo Manuel Simões Alberto, o censo de 1940 constatou que os chope eram a terceira tribo, em termos numéricos, depois dos Macuas e dos Lómues e a primeira a nível do sul de Save devido ao fraccionamento dos changana actuais em mabuyindlela, changana, etc. Alberto, 1947:258.

<sup>2</sup> Salvo o trabalho feito em Manjacaze pelo Dr. Liesegang e publicado numa separata do vol. I, em "A Survey of the 19 century Stockades of Southern Mozambique: The khokholwene of Manjacaze área". In: Memoriam António Jorge Dias, 1974: 303-320

ainda retêm na memória alguns factos ocorridos neste período, sobretudo para a primeira metade do séc. XX.

O tema relaciona-se ainda parcialmente com estudos sobre as aringas e fortificações, já efectuados no vale do Zambeze<sup>4</sup>.

O trabalho será constituído de 7 capítulos. No primeiro teremos a introdução que abordará o tema, a estrutura, os limites geográficos e cronológicos, seguem-se os objectivos, a metodologia e história da investigação, o contexto e história da investigação, as fontes orais e escritas principais, e a revisão da literatura referente à área. O segundo trata dos aspectos geográficos e ambientais da região escolhida. Nele analisamos as características geo-ambientais da região, baseada numa análise comparativa entre as diversas fontes (mapas, fotografia aérea e a nossa observação no terreno) referentes às características geo-morfológicas da região. O principal sujeito transformador da natureza, o Homem, o seu impacto sobre a natureza é analisado no sub-capítulo sobre a situação demográfica actual. Seguem-se as observações sobre a situação da vegetação e sua evolução recente. O terceiro capítulo é sobre a história política da região onde descrevemos a situação geral no decurso dos séculos XVI-XVIII, segue-se a análise do que caracterizou a segunda metade do século XIX, prossegue com a intervenção política dos portugueses, entre 1862-1889, tendo ainda uma apreciação da situação de Gaza entre 1889-1895 e finalisa com as considerações sobre as relações entre os portugueses e os africanos. No quarto trataremos dos khokholo o que os caracteriza, a definição do conceito, a sua função e localização geográfica, o período e as razões do seu desaparecimento e uma contribuição para a compreensão do khokholo. O quinto, trata do problema da definição da cultura e etnicidade chope, onde temos informações de como é

---

<sup>3</sup> Rita-Ferreira, 1986:15

<sup>4</sup> Por Alan Isaacman em (Military Slaves, Clients, and Mercenaries: The transformation of the Chikunda of Mozambique 1825-1920, pp.285-298; A tradição de Resistência em Moçambique. O vale do Zambeze, 1850-1921, 1979, pp.13-63; Ex-Slaves, transfrontiersmen and the Slave trade: The Chikunda of the Zambezi Valley, 1850-1900 (...), 1986, pp.475-85); Filipe G. de A. de Eça ( História das Guerras no Zambéze: Chicoa e Massangano 1807-1888, 1954, pp.217-18); José Capela (A República Militar da Maganja da Costa, 1862-1898, 1988, pp.13-37); M. D. D. Newitt, (The Portuguese Settlement on the Zambezi (...), 1973, pp.226-29); Carlos Serra em (Para a História da Arte Militar Moçambicana [1505-1920], Maputo: "Cadernos Tempo", 1983), entre outros.

que se identificam a si próprios e como eram vistos por outros, além da cultura material e economia.

Finalmente no sexto capítulo faremos as nossas considerações finais, seguindo-se o sétimo que contém a bibliografia e os anexos.

## **1.2-OBJECTIVOS ESPECÍFICOS**

O trabalho pretende dar uma contribuição sobre a história regional de Moçambique descrevendo e analisando nos seguintes níveis:

### **1-Nível da história local política e social do séc.XIX-XX,**

Este estudo vai fornecer dados sobre o nível da estrutura política e social da etnia chope no séc.XIX.

### **2-Nível da cultura e identidade chope,**

Ver até que ponto o estudo da história e cultura (material, língua, etc.) ajuda a compreender a estrutura e mudanças das etnias. Procuraremos responder a questões tais como:

- O que são os khokholo e onde é que se situam? Quando é que surgiram?
- Quem são os que viviam nesses khokholo? Como se relacionavam?
- O que caracteriza a estrutura da etnia chope, no séc. XIX?
- Que alterações se podem observar hoje em relação à cultura e etnicidade chope?
- Qual é o legado que prevalece?

Como hipótese, pensámos que o estudo dos khokholo pode ajudar a compreender que as sociedades humanas adaptam-se a novas condições e se transformam segundo as dinâmicas internas que associadas a mudanças do contexto político e económico provocam alterações estruturais até ao nível da cultura e etnicidade. A clarificação da generalização da atribuição dos khokholo, timbila, etc. aos Chope, considerando as grandes dificuldades de estabelecer fronteiras inter-étnicas, será outro esforço que faremos.

### **I.3- METODOLOGIA E HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO**

#### **I.3.1- CONTEXTO E HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO**

Em termos específicos, dentro do **contexto dos micro-estudos do meio ambiente e de regiões**, pretendemos fazer uma reflexão sobre a forma de organização do espaço que os reinos chope tinham; as vantagens e limitações dentro do contexto de guerra em que se encontravam; as metamorfoses que o conceito de “khokholo” sofreu ao longo do tempo assim como as razões do seu desaparecimento.

Como estratégia para o desenvolvimento do trabalho depois das leituras em obras secundárias que falam da região de estudo, foi efectuado o trabalho de campo em três fases. Elaborámos um guião de perguntas abertas, semi-estruturadas. Na primeira fase deslocou-se o estudante com a missão de localizar e visitar os locais onde ocorreram os khokholo. Foram contactados alguns informadores-chave. Na segunda fase, na companhia do supervisor Dr. Gerhard Liesegang e do Dr. Ricardo Teixeira Duarte, voltou-se para os locais anteriormente localizados pelo estudante e se efectuou a visita a outros locais que ainda não tinham sido visitados, por dificuldades de transporte. A pesquisa versava a área histórica dos khokholo. A terceira fase foi efectuada pelo estudante e procurava investigar os aspectos étnico-culturais. Também foram acrescentadas outras áreas de pesquisa por imperativos de coerência do estudo, nomeadamente Zandamela.

Durante a segunda fase foram localizadas as coordenadas de alguns khokholo, através do GPS. Estes dados foram trasladados para os mapas e fotografia aérea e resultaram no mapa-esboço elaborado para a localização dos khokholo.

Não se efectuou a análise dos materiais arqueológicos recolhidos, por um lado devido a factores externos, e por outro pela exiguidade do material recolhido nesses locais além da falta de motivação para esse esforço.

No Arquivo Histórico de Moçambique foram investigados os documentos primários relativos às caixas do Distrito de Inhambane do séc.XIX, com predominância da documentação militar.

### I.3.2-AS FONTES ORAIS E ESCRITAS

Iremos classificar as nossas fontes em primárias e secundárias. As primárias são as resultantes das entrevistas e da documentação contida nas caixas sobre Inhambane do AHM e as secundárias, serão as obras de estudiosos. As fontes orais são a única fonte narrativa local capaz de dar uma ideia sobre aquilo que a população local pensa de si mesma e a classificação e importância que dão à sua história, “o seu ponto fraco é a sua ausência de cronologia. As listas de chefes geralmente não abrangem mais do que 80 anos e as genealogias nos quais se contam só os antepassados directos também não ultrapassam muito o dobro, as vezes é até menos”<sup>5</sup>. Na recolha destas fontes orais gravaram-se as entrevistas. Em Maputo o estudante trabalhou na transcrição das mesmas. Na sua maioria foram realizadas na língua chope e as outras em português.

O critério de selecção dos entrevistados não se baseou no número apenas, mas também na capacidade de dar coerência às informações que forneciam. A idade não foi também privilégio, pois deparamos com idosos que forneciam pouco “sumo”. É neste contexto que aparecem entrevistados “privilegiados” por terem sido visitados nas três fases do trabalho de campo, casos de Xitimela Novela e Abner Jonas de Mavila, Bernardo Mavique e Filipe Ulembane de Nhacutô, Domingos Leonardo Mucumbi e seu pai Leonardo Sibone Mucumbi em Inharrime e em Helene, Gonçalo Chilundo. Mais tarde fez-se a selecção do que mais interessava ao trabalho.

Em relação às fontes escritas não publicadas, analisamos os fundos do sec.XIX do Arquivo Histórico de Moçambique, relativos ao distrito de Inhambane e da antiga Capitania-Mor das terras da Coroa de Inhambane e na correspondência sobre Gaza (1887-1895) que possuem algumas referências sobre Inhambane.

---

<sup>5</sup> Liesegang em relatório de viagem, 1999

Faltou a consulta de algumas fontes não acessíveis em Maputo (casos dos relatos completos da segunda e quinta viagem de St. Vicent W. Erskine ca. de 1871 e 1878).

#### 1.4- REVISÃO DA LITERATURA REFERENTE À ÁREA

Por lapso na altura da investigação não conseguimos distinguir nas citações entre tradução/transcrição verbal e sumário. Alguns textos apresentados entre aspas são portanto sumários. Os comentários no texto foram separados por parênteses.

Embora a bibliografia consultada não trate especificamente do tema em estudo, fornece algumas descrições destes khokholo, as suas relações, o ambiente de permanente conflituosidade vivido, a vegetação, referências algumas que escapam à memória dos nossos informantes, ajudando desta maneira a fazer uma análise objectiva.

No concernente às fontes escritas maior referência é dada às obras que, mesmo sem se referirem directamente ao assunto em estudo, fazem referências sobre a história etnicidade dos Chope.

Isaacman considera que os “Estados Secundários” para estabelecerem a sua hegemonia e estabelecerem a sua preeminência, todos combinaram o uso de armas europeias e o desenvolvimento de um novo sistema de fortificações defensivas, durante a segunda metade do séc.XIX. Adiante, acrescenta que “o desenvolvimento de um conjunto complexo de fortificações, conhecidas como *Aringas*, permitiram nos Estados Secundários defender os seus territórios. Estas estruturas parecem ter sido uma combinação das aldeias vedadas Shona e Tonga, e dos *musitu*, ou locais fortificados da selva, desenvolvidas pela primeira vez no séc. XVII”<sup>6</sup>.

Quanto à sua estrutura, ele considera que “As *aringas* diferiam no entanto dos seus percursores, tanto nos materiais utilizados como no tamanho. Nas principais *aringas* os troncos e traves das fortificações primitivas foram substituídas por trabalhos de pedra reforçados. As paredes de pedra ofereciam protecção mais eficaz contra as *assagai* (tipo de arma) ou pequenas lanças afidas dos nguni, e contra as espingardas e artilharia dos europeus. Estas fortificações podiam suportar o peso de um canhão e

---

<sup>6</sup> Isaacman, 1979:62. Nestas acersões ele cita De Eça; Newitt e o o seu trabalho “Achikunda” a darem as mesmas referências às aringas. Porque esta área não é o objecto do nosso trabalho não daremos mais pormenores.

eram ainda apreciavelmente mais largas do que os primitivos tipos de estruturas defensivas. As capitais dos respectivos Estados abrigavam normalmente várias centenas de homens e suas famílias, grandes armazéns de munições e alimento, e em alguns casos terreno suficiente para a criação de gado.

A aringa central de Massangano, a primeira a ser construída, ilustra o tamanho e complexidade destas fortificações. A maioria encontra-se localizada junto a cursos de água ou sistemas rodoviários estratégicos<sup>7</sup>.

Quanto à sua função ele afirma que actuavam como centros administrativos e militares para a defesa contra as incursões do inimigo. A extensão do território onde se podiam localizar estas aringas era desde o Zumbo para Oeste ao longo rio Zambeze. Ao longo da margem Sul do mesmo rio, estendiam-se mais de uma dúzia de paliçadas desde Gorongosa até Sena enquanto que Massangano estava protegido por mais de vinte aringas construídas ao longo da sua extensa fronteira<sup>8</sup>.

José Capela na sua obra sobre a República Militar da Maganja da Costa, refere que esta também era conhecida de *Aringa*, devido ao tipo de residência comunitário onde assentava a comunidade. Cita Joaquim Lapa, Governador Interino de Quelimane que descreveu a capital desta República "como um vasto quadrado, com 200 metros de lado, fechada por uma paliçada, com uma única porta, ao lado da qual se veem dois crânios; um fosso de 4 a 5 metros de largura circunda esta fortificação"<sup>9</sup>.

As primeiras referências às chefaturas que hoje fazem parte dos Chope, datam da segunda metade do sec. XVI (1560-62), com relatos de cartas de padres jesuítas<sup>10</sup>, seguidas de relatos de naufragos<sup>11</sup>.

Nos finais do sec. XIX (1885) Longle na sua viagem pelo sertão das actuais províncias de Gaza e Inhambane, fez uma descrição dos khokholo que visitou. Uma destas descrições faz uma caracterização dos khokholo assim como as dificuldades de ser assaltada. Destaca também a ausência de água no seu interior o que considera como um dos seus aspectos fracos. É um dos poucos, na sua época, que faz a descrição dos

---

<sup>7</sup> Isaacman, 1979:62

<sup>8</sup> Ibidem: 63

<sup>9</sup> Capela, 1988:37

<sup>10</sup> Em 1559 decidia a Companhia de Jesus levar a fé cristã a um Reino de Inhambane, referido nas cartas de D. Gonçalo da Silveira, como Reino de Gamba. Matos, 1973:22

khokholo, a sua estrutura física e arquitectónica, a sua localização e sobretudo a função de defesa.

Destacamos a função de *defesa* porque ao longo do relatório deste autor, é marcante o ambiente de lutas permanentes entre os povos desta região contra os “povos de Bilene” referência ao Imperador Ngungunhana e, mais tarde contra as autoridades portuguesas<sup>12</sup>, representadas pelos caçadores<sup>13</sup>.

Os distritos de Zavala e Inharrime são habitados maioritariamente por comunidades da etnia chope<sup>14</sup>. Segundo vários autores que estudaram as suas origens, são o resultado de associação de grupos de várias origens. Para Leonor Correia de Matos, “os chope são um conglomerado de tribos, ou segmentos de tribos, emigradas de pontos vários e ali estabelecidos e ali reunidas em datas distanciadas entre si apenas alguns anos ou vários séculos”<sup>15</sup>.

Ainda este autor na sua obra “Origens do Povo Chope Segundo a Tradição Oral”, depois de uma aturada recolha da tradição oral que levou cerca de dois anos, ela faz uma confrontação com as fontes escritas dos seus predecessores e, segundo as suas palavras “pretendeu acautelar, em primeiro lugar, os estudiosos de Ciências Humanas contra certas presunções comumente aceites mas que certa pesquisa provará talvez serem erróneas-em particular a da unidade cultural do povo chope”. Em segundo lugar, “procurou lançar as bases para uma definição das fronteiras político-sociais tradicionais”<sup>16</sup>.

Quanto à composição étnica dos Chope conclui que “Não são pois os autores dos meados e fins do século passado quem nos vai ajudar de modo decisivo no *puzzle* que é a composição étnica da Chopilândia. A literatura da época pouco mais pode oferecer a este trabalho do que a

---

<sup>11</sup> É o caso do naufrágio da nau “São Tomé” em 1589, em que Diogo de Couto foi um dos sobreviventes. Matos, 1973:22

<sup>12</sup> Uma das referências diz que “Os pretos andavam empregados na reconstrução das suas habitações que tinham sido queimadas. Já depois de Makomane, tinha visto um grande número de palhotas igualmente destruídas pelo fogo e abandonadas pelos seus habitantes. Contaram-me em Mujango que quando lá chegaram os caçadores assaltaram as casas matando cinco pretos e afugetando os demais”. Longle, 1886:61

<sup>13</sup> Segundo Longle, estes caçadores deviam comer à sua custa e que a maioria das armas eram deles. O governo dava-lhes pólvora e munições de guerra. Idem.

<sup>14</sup> O termo *data* do século passado e foi aplicado pelos invasores ngunis a população que se estende ao longo da costa entra a Vila de João Belo (Xai-Xai) e Inharrime e para o interior até Manjacaze. Matos: 1973:4

<sup>15</sup> Matos, 1973:3

<sup>16</sup> Ibidem:8



desanimadora certeza de que as tribos do sul de Moçambique foram irremediavelmente fragmentadas e desenraizadas do seu habitat tradicional, quando não também subjugadas e compelidas à aceitação de uma lei estrangeira”<sup>17</sup>.

Rita-Ferreira, na obra “Presença Luso-Asiática e Mutações Culturais no Sul de Moçambique, até c.1900”, também trata das origens do povo chope recorrendo à análise da bibliografia dos seus predecessores. A complexidade desta matéria levaram-no a afirmar que “É tarefa ingrata e quase impossível esboçar satisfatoriamente os movimentos migratórios que se sucederam no sul de Moçambique durante os séculos XVI, XVII, XVIII, periodo em que julgamos terem sido robustecidos os factores que provocaram a diferenciação cultural e linguística entre Tsongas, Chopes e Bitongas”<sup>18</sup>. Partilhamos a sua opinião que considera que “a moderna historiografia africana vem reconhecendo a insuficiência dos esforços desenvolvidos, até épocas recentes, no sentido de serem definidos e caracterizados com maior rigor os diversos, <<grupos étnicos>> que se distinguem na população de Moçambique. É que esses esforços esqueceram invariavelmente quer as marcas deixadas por seculares unidades políticas, quer a progressiva adaptação dos habitantes aos condicionalismos ecológicos, quer as mutações culturais desencadeadas pelos contactos com o mundo exterior, quer as próprias diferenças linguísticas e dialectais, sem dúvida o critério mais seguro-mas mais difícil- em que se poderá basear essa caracterização”<sup>19</sup>.

A propósito da dimensão das unidades políticas, ele considera que o número desses “Reinos” não era assim tão pequeno como sugere Alan Smith, pois Diogo do Couto cita a existência de sete reinos entre o rio Limpopo e Inhambane. Analisa os vários tipos de unidades políticas, ao longo do tempo, dentre as centralizadas e as descentralizadas e desagua no sec.XIX com o reino de Khambana-Mondlane. É aqui que se refere aos Khokholo. Considera que, “...neste reino se alcançou um elevado grau de centralização e planificação, revelado na construção de grandes povoações fortificadas, na conservação da espessura defensiva dos matagais virgens, no plantio de numerosas frutíferas, na demarcação dos campos de cultivo com renques de ananás, etc.”.

Outra passagem sobre os Khokholo refere-se aos finais do mesmo século, quando Ngungunhana transferiu a capital de Gaza, de novo, para o sul, para o actual distrito de Manjacaze, um movimento que “...teve como primeiro objectivo esmagar o poderio e a resistência

---

<sup>17</sup> Matos, 1973:43

<sup>18</sup> Rita-Ferreira, 1982:185

<sup>19</sup> Rita-Ferreira, 1986:15

do Reino de Cambana-Mondlane, então dirigido por Binguane, que havia fortificado parte da sua fronteira com uma linha de fortes palissadas. Os célebres cocolo (...) <sup>20</sup>.

Liesegang considera que “vários autores aceitam que as linhagens reinantes agora, terem diferentes origens e haverem restos de grupos de população que governavam antes dos invasores. Este é o grupo migrante que é referenciado nesta zona em 1560 <sup>21</sup>”.

Assim, neste espaço temos que considerar duas linhagens principais a Chope e a Tsonga.

Os Chope do grupo Gwambe-Mucumbi-Zavala, segundo Liesegang, “têm uma importância bastante grande na história e historiografia da região, por três razões:

1º É um grupo comprovadamente bastante antigo nesta zona, tendo sido mencionado em 1560-61.

2º O seu nome, na forma de “Magwamba”, “Makwapa” ou “Makoapa”, foi depois utilizado por certos grupos Venda e Sotho da África do Sul para designar também ou especialmente os Tsonga vivendo em contacto com estes ou vindo refugiados do vale do Limpopo. Esse termo serviu também para auto-identificação e sugere que durante um certo período Gwamba era um Estado ou grupo importante, um ponto de referência, que serviu para identificar grupos.

3º Essa suposição é reforçada pela circunstância que um outro termo, referente a este grupo, “Donge”, já referido na forma de “Tongue” (ou “Otongue”, i.e. Vutonge) em 1561 como designação local, serviu depois de termo de identificação para todo o grupo que mais tarde se chamaria de Chope <sup>22</sup>”.

Este autor, numa contribuição ao vol.I das Memórias a António Jorge Dias, analisou em 1974 os “khokholwenes da área de Manjacaze”, província de Gaza, com referência especial ao clã Khambana, mencionado no trabalho de Rita-Ferreira. Esta é a única obra de que dispomos que trata exclusivamente dos khokholo.

Além de apresentar uma resenha histórica do clã Khambana, apresenta um mapa das estações (khokholo) visitadas, a descrição das mesmas e dos artefactos recolhidos (uma cerâmica característica, com decorações que hoje já não se usam).

Na Revista Arquivo, nº8 de 1990, o mesmo autor faz uma análise das variações de escrita nas designações de chefaturas e sua localização, segundo os vários autores que estudaram os povos desta região. Dentre as várias constatações que faz ao longo do texto, podem-se destacar as suas conclusões:

---

<sup>20</sup> Matos, 1973:202-204

<sup>21</sup> Liesegang, 1998:19

Havia algumas Chefaturas com longa tradição de existência na zona que ainda ocupavam no sec.XX, enquanto que noutras zonas parece ter havido descontinuidade. Até certo ponto a tradição oral pode esclarecer algumas mudanças havidas. O ponto fraco dela é, todavia, a ausência de cronologia<sup>23</sup>.

Sobre as linguas, ele considera que “É importante notar que nem todas as migrações e conquistas afectaram directamente a distribuição das linguas nesta zona. Muitas linhagens que conquistaram certas áreas e fundaram chefaturas adoptaram a língua dos conquistados<sup>24</sup>, como os “*Karanga*” de Gwambe, os Valoyi, que fundaram as Chefaturas Nhantumbu e Mbanze, etc. Mas as migrações do sec.XVIII saldaram-se num avanço do Tsonga na zona a Oeste e Noroeste de Inhambane, e contribuíram provavelmente para reduzir a influência do Gitonga na zona chope”<sup>25</sup>.

Sobre os khokholo, Liesegang (1998) constata num artigo ainda não publicado que “Falta pesquisar mais a zona dos khokholwenes na zona densamente habitada de Manhiça a Inhambane e em muitas regiões, além de efectuar a análise do material<sup>26</sup> já recolhido, embora que cubra só uma pequena parte do país”<sup>27</sup>.

Em termos étnicos, os Chope foram motivo de vários estudos que concordam em alguns aspectos e divergem noutros, ao longo do tempo. É o caso do trabalho de Liesegang (1990) que vem rebater as pretensões de Matos em localizar Guambe em outro local do proposto pelos seus precededores.

Estes factores juntos, aliados a falta de documentação em forma de obras científicas a tratarem dos khokholo, tornam difícil o empreendimento por realizar. Mas a vontade supera as dificuldades por isso esperamos levar a bom termo a empresa a que nos propomos.

---

<sup>22</sup> Idem

<sup>23</sup> Liesegang, 1990:67

<sup>24</sup> Gonçalo Chilundo confirma que eles, os conquistadores da zona, adoptaram a língua dos conquistados. Helene, 21/1/99

<sup>25</sup> Liesegang, 1990:68

<sup>26</sup> Este material localiza-se nas coordenadas entre 24° e 25° Latitude Sul e 33° e 34° Longitude Este.

<sup>27</sup> Liesegang, 1998:4

## CAP.II- ASPECTOS GEOGRÁFICOS E AMBIENTAIS

### II.1.CARACTERÍSTICAS GEO-AMBIENTAIS DA REGIÃO

Neste capítulo tentaremos fazer a localização geográfica da região, as características dos solos, a hidrografia, vegetação assim como a quantidade de precipitação média anual da região. Mais adiante num sub-título, faremos uma análise geral das características ambientais no período dos khokholo, baseando-nos nas informações dos nossos entrevistados, as nossas observações durante o trabalho de campo assim como na análise de vários mapas e cartas, além do necessário exercício de extrapolação. **[ver mapa de enquadramento da área de estudo e Imagem satélite]**

A região geográfica em estudo pertence à actual província de Inhambane compreendendo os distritos de Zavala e de Inharrime. Segundo o Atlas Geográfico produzido pelo Ministério de Educação em 1986, esta área pertence ao espaço geográfico do Quaternário Superior caracterizado por dunas, calcários lacustres, aluvião, coluvião e eluvião<sup>28</sup>. Quanto a geomorfologia é uma região de planícies de origem de acumulação, vertentes, vales e fundos dos rios e depressões de acumulação<sup>29</sup>.

A temperatura média anual é de 24-26°C., numa zona compreendida entre o vale equatorial de baixas pressões, frequentemente designado por zonas de convergência intertropical, influenciado pelos anticiclones subtropicais. Estes anticiclones móveis transportam ar marítimo relativamente frio, ocasionando aguaceiros e trovoadas de origem convectiva durante o verão, especialmente nas regiões a sul do rio Zambeze e, geralmente, aguaceiros fracos durante o inverno (estação fria), especialmente no litoral. As regiões entre os rios Save e Limpopo (províncias de Gaza e Inhambane) estão frequentemente sob a acção de uma crista de altas pressões, portanto a céu pouco nublado no interior, com pequena quantidade de precipitação<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> Atlas Geográfico, vol.I, 1986:11

<sup>29</sup> Ibidem:12

<sup>30</sup> Medecins Sans Frontieres, Boletim Especial, 1998:10

# MAPA DE ENQUADRAMENTO DA ÁREA DE ESTUDO



ZONA SUL DE MOÇAMBIQUE,

PROVÍNCIA DE INHAMBANE



 ÁREA DE ESTUDO

FONTE:  
Direcção Nacional de Planeamento Físico, 1999.

ESCALA 1:10.000.000

## **Legenda da Imagem satélite**

### **1-Cor vermelha carregado**

Indica-nos floresta fechada com uma cobertura de copas que dificulta a entrada de raios solares.

### **2-Manchas amareladas**

Indica-nos zona de culturas alimentares, desbravada com machambas.

### **3-Cor preta**

Indica-nos o leito do rio Inharrime e parte do Oceano Índico

### **4-Cor Azul**

indica-nos uma das lagoas de Nhambavale



A precipitação média anual é de 1000-1400mm<sup>3</sup> na orla marítima e 600-800mm<sup>3</sup> numa grande faixa a seguir (800 a 999 segundo o boletim especial dos Médicos Sem Fronteiras).

No que toca aos recursos pedológicos é uma região com maior percentagem de solos arenosos de fertilidade muito baixa e baixa retenção de água mas com "bolsas" de solos de alta fertilidade. Outras características são: eventual excesso de água e/ou salinidade, camada superficial mais leve e com côr pálida<sup>31</sup>.

Vejamos ainda outras características dos distritos de Zavala e Inharrime, procedendo da costa para o interior a partir do mar temos as dunas costeiras, seguidas de uma linha de lagoas a maioria de água salobre. Seguem-se dunas (provalmente do Pleistoceno Superior), depois matagais com uma altura da vegetação =3-7m<sup>32</sup>; em seguida temos a zona habitacional e de prática da agricultura coberta na maioria de areia vermelha que se estende até ao rio Inharrime. Segundo o mapa topográfico 1:250.000 publicado em 1970, nas proximidades deste rio regista-se geralmente pouca densidade populacional comparada com a zona próxima da costa, talvez por possuir pântanos e matagais nas duas margens do rio.

Atravessado o rio, entramos de novo na zona habitacional e de agricultura que está limitada no norte pela planície de Inhassune, caracterizada por terras argilosas e com um elevado teor salino assim como várias e extensas pradarias escassamente arborizadas<sup>33</sup>. Estas características levaram a que estas terras não fossem muito exploradas, no passado.

## II.2-SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA ACTUAL

O distrito de Zavala é constituído por dois postos administrativos: Quissico, a sede do distrito, e Zandamela com quatro localidades. As fontes da administração local estimam o total de habitantes em 112.857, contra as 143.530, em 1994, de acordo com as

---

<sup>31</sup> Ibidem:13

<sup>32</sup> Segundo o Mapa Florestal, DNFFB:1995

<sup>33</sup> Idem

estatísticas do UNOHAC. Em 1980, o recenseamento tinha contabilizado 96.296 pessoas. A sua superfície é de 2.617 km<sup>2</sup>, com uma densidade populacional de cerca de 43 habitantes por quilómetro quadrado<sup>34</sup>.

O distrito de Inharrime está dividido em dois postos administrativos: Inharrime, a capital do distrito, e Mucumbi; com um total de cinco localidades. A população do distrito, segundo as autoridades distritais em 1999, é de 46.715 habitantes, enquanto em 1994 o UNOHAC estimou em 90.051 pessoas e o recenseamento geral da população de 1980 registou 64.725 habitantes. A sua superfície é de 2.149 km<sup>2</sup> o que dá uma densidade populacional de 22 habitantes por quilómetro quadrado.

A alta densidade populacional do distrito de Zavala levou à situação de acentuado desflorestamento e predominância de árvores domesticadas pelo homem enquanto que Inharrime tem mais vegetação natural e uma densidade populacional inferior, apenas metade de Zavala.

### II.3- A SITUAÇÃO DA VEGETAÇÃO E SUA EVOLUÇÃO RECENTE

A vegetação desta região é caracterizada, numa pequena faixa da orla marítima do litoral, por uma vegetação do litoral designada Brenha Costeira. Depois desta vegetação do litoral (brenha costeira e mangal) segue-se a floresta aberta de Miombo<sup>35</sup> Decíduo Tardio e Miombo Decíduo de Alta Pluviosidade.. Esta floresta, num passado longínquo, possuía as 19 espécies de fauna bravia mais representativas.

As características ambientais gerais da região de Zavala e de Inharrime são presentemente muito distintas. A primeira é uma zona quase totalmente desflorestada e com uma paisagem de culturas e árvores domesticadas pelo homem. Em Inharrime, temos densas florestas em largas zonas com pequenas “bolsas” de regiões desflorestadas

---

<sup>34</sup> Perfis de Desenvolvimento distrital, Zavala, 1997:3. O UNOHAC baseou-se em dados fornecidos por instituições moçambicanas cerca de 1993. As fontes da administração baseiam-se provavelmente no censo de 1997.

<sup>35</sup> Miombo (Miyombo) significa brachystégia em swahili e designa formações de savanas em que podem predominar estas brachystégia. Comentário de Dr. Liesegang; Atlas Geográfico, vol.I, 1986:11

nas zonas onde se regista alguma concentração das populações, tanto para a construção das habitações assim como para as suas machambas, na parte Ocidental do distrito.

Segundo um dos informantes de Manguenguene em Mavila, onde o horizonte da vegetação que se observa é de campos abertos: "veja que a ausência actual de grandes matas também foi resultado da prática da agricultura forçada de algodão que recrudescer muito na década de 40"<sup>36</sup>. A maior extensão deste espaço possui várias machambas e árvores de fruta (coqueiros, cajueiros, mafurreiras, laranjeiras) plantadas pelo homem, e outras figueiras bravas como *nrombes e nrovvas* (nomes em chope, possivelmente *Ficus Natalensis* com folhas pequenas e frutos como cerejas) conservados segundo a conveniência e ainda o *nxavo* (*Ficus Sansibaricus* com figos no tronco, folhas maiores, *xixhlavane* em tsongachangane de Chonguene, segundo a explicação do Dr. Liesegang) o que contrasta com aquilo que devia ser a vegetação da altura dos khokholo no século XIX. Isto porque, segundo os entrevistados "na altura dos khokholo não existiam muitos coqueiros. Aqui na nossa casa, existiam só três. Os que está a ver agora foram plantados por nós os filhos deles"<sup>37</sup>.

Segundo o régulo Ulembane "toda esta região eram matas cerradas, cheias de animais selvagens tais como leões, leopardos entre outros e de caça grossa como elefantes e búfalos"<sup>38</sup>. Com esta informação pode se inferir que esta região teve um elevado crescimento demográfico nos últimos 50 anos que alterou significativamente a vegetação de então.

O "mapa florestal" produzido em 1995 pela Direcção Nacional de Florestas e Fauna Bravia indica a região dos khokholo visitados em Mavila (coordenadas de Mamite: 24° 39' 14''S; 34° 34' 07,9''E ; Chenelanine: 24° 41' 10,5''S; 34° 34' 51,3''E ; Lagoa de Nhambavale: 24° 26' 54,6''S; 34° 39' 13,1''E ; Nhacutô: 24° 44' 00''S; 34° 39' 31,4''E) quase toda ela demarcada dentro de uma "bolsa" legendada como "A3: Agricultura e impacto

---

<sup>36</sup> Arone, entrevistado em Manguenguene, em Mavila no dia 20/1/99; Ilídio Rocha, 1986:35, diz que apesar de a circunscrição de Zavala ter sido declarada como <<reserva indígena>> entre 1962 e 1972 a floresta foi devastada por queimadas para plantações agrícolas e pilhada de todas as essências com algum valor comercial para fabricar <<parquet>>, para exportar em bruto ou, para queimar nos fornos das padarias.

<sup>37</sup> Informação colhida na entrevista colectiva realizada em Mavila no dia 20/1/99.

<sup>38</sup> Entrevista realizada em Nhacutô, na residência do antigo régulo Ulembana, 20/1/99

da agricultura sobre a vegetação natural: pousio de longa duração” e, uma pequena parte na zona do khokholo de Nhacutô é que se encontra na zona descrita com “A2: pousio de curta duração”<sup>39</sup>.

Confrontando estes factos com a realidade observada nas visitas efectuadas ao longo do trabalho de campo, a constatação a que chegamos é de haver algum erro de interpretação ou de legenda para esta zona, porque o terreno encontra-se basicamente repleto de árvores de fruta plantadas pelo homem; quase toda a zona encontra-se habitada e com várias machambas com características de uma agricultura permanente; algumas culturas como a mandioca e o amendoim apresentam as folhas com características de possuírem endemias próprias da terra (folhas verdes com várias manchas castanhas); ausência de árvores que possam constituir matagal ou floresta na zona, entre outros aspectos que podem ser considerados. Portanto, se a zona fosse de pousio de longa duração como diz o mapa, a realidade devia ser contrária a estas constatações.

Outra fonte que vem ao socorro das nossas observações é a imagem satélite produzida em 1991 e 1992 pela CENACARTA<sup>40</sup> [ver imagem satélite]. Baseando-nos nas coordenadas fornecidas pelo GPS tiradas no terreno, localizamos a nossa zona de estudo num quadrante de um mosaico de manchas vermelhas (indicam a cor verde, das folhas de árvores e arbustos no terreno) e esverdeadas (que são as culturas e o capim). Não se descortinam manchas que possam significar floresta o que seria de esperar num sítio onde o pousio fosse longo.

Já nos finais do século XIX, Caldas Xavier se dava conta das alterações ambientais que ocorriam no sul da província de Inhambane que o levaram a afirmar que “os grandes matos rareiam no sul do distrito (...). A própria floresta de Nhagondó, onde se cortaram as madeiras para a construção do quartel fortificado desaparecerá em pouco tempo, se as autoridades não procurarem parar às grandes queimadas que os negros lhe fazem para alargar as suas machambas”<sup>41</sup>. A necessidade de alargamento de machambas devia ser o resultado de aumento da população e da pressão das autoridades coloniais para as monoculturas (algodão).

<sup>39</sup> Mapa Florestal, Zavala, Esc. 1:250.000, DNFFB:1995

<sup>40</sup> Imagem Satélite, Zavala folha 96/101, Esc. 1:250.000, CENACARTA: Maio/1992; Julho/1991

<sup>41</sup> Caldas Xavier, 1881:484

Na região de Helene é referida também a elevada densidade populacional da época quando Gonçalo Chilundo diz que "nessa época do florescer dos khokholo, havia uma elevada densidade populacional que começou a reduzir-se na época dos nossos pais. Quando ainda era menor de cerca de 5 a 8 anos (ca. de 1929/1932), costumávamos ver muitos cajueiros no mato que diziam que eram de famílias que aí residiam"<sup>42</sup>.

Os khokholo de Nhacutô fundado por Nyowela Magayise e de Chenelanine fundado por Guwula Naguwogo encontram-se perto da costa a uma distância de cerca de 8 a 10km e a 100 metros acima do nível do mar. Possuem nas suas imediações várias lagoas, localmente conhecidas por Nhambavale sendo umas de água doce e outras de água salobra que ainda hoje fornecem excelentes produtos pesqueiros. A água de consumo era adquirida em nascentes junto à lagoa Nhambavale que dista, segundo os informantes, a cerca de 6 ou 9km de cada um dos khokholo<sup>43</sup>.

Analisando o mapa topográfico 1:250.000, publicado em 1970, pode se observar uma elevada concentração de população nesta região o que vai de acordo com aquilo que podemos verificar no terreno assim como com o que disseram os informantes "naquela altura vivia nesta zona muita gente. Um só khokholo podia ter mais de 40 casas"<sup>44</sup>.

Consideramos terem existido três factores que terão contribuído para esta concentração da população na região destes khokholo:

1º o acesso a água potável fornecido pelas nascentes das lagoas de Nhambavale;

2º existência de uma floresta densa descrita pelo antigo régulo Ulebana quando diz que "toda esta região eram matas cerradas cheias de animais selvagens e de caça grossa". Com esta floresta tinham acesso ao combustível lenhoso, á caça, aos frutos silvestres e a possibilidade de defesa contra invasores. O seu derrube resultou numa zona agrícola fértil;

3º a distância que tinham com as lagoas e com o Oceano era pequena o que permitia o seu abastecimento em produtos pesqueiros.

---

<sup>42</sup> Gonçalo Chilundo, entrevistado em Helene, 21/1/99.

<sup>43</sup> Nos khokholo visitados por Longle do lado de Inharrime ele observa que "já tinha reparado que em nenhuma destas aringas se encontra água. É preciso ir procurá-la a distância que às vezes não é inferior a uma hora de marcha. É a parte fraca destas fortalezas africanas". Longle, 1886:64

<sup>44</sup> Xitimela Novela, entrevistado em Mavila no dia 20-1-99.

As árvores semeadas na altura dos khokholo eram as laranjeiras,<sup>45</sup> figueiras, e as mafurreiras. O cajueiro foi introduzido mais tarde e por razões económicas, segundo disseram. Citando ainda o antigo régulo Ulembane “nos antigos khokholo existem as árvores plantadas pelos nossos antepassados que ainda prevalecem até hoje como são os casos de laranjeiras, mafurreiras, nrombes e os nchavos. Nessa altura não plantavam coqueiros como vê hoje(...), as laranjeiras<sup>46</sup> é que foram plantadas em maior número mas hoje estão em risco de extinção porque elas sobrevivem mais tempo quando se encontram rodeadas pelas matas, acontece que hoje já não existem essas matas por isso duram pouco tempo de vida em relação ao tempo dos nossos avôs”<sup>47</sup>.

A questão da introdução tardia do coqueiro é extensiva às várias regiões visitadas, com motivos quase semelhantes que se resumem nas afirmações seguintes de Gonçalo Chilundo “não sei bem porquê não domesticaram o coqueiro os nossos avôs. Mas consta que havia um tabú que dizia que quem plantasse um coqueiro não haveria de colher os seus frutos, porque logo que estes estivessem em condições de serem colhidos, a pessoa que plantou, morria. O mesmo acontecia à mangueira<sup>48</sup>. Talvez seja por estas plantas demorarem muito a se desenvolverem até darem frutos. Os meus avôs morreram sem terem plantado nenhuma dessas culturas somente meu pai é que plantou uns 4 ou 5 coqueiros mas também era só para comer a sua amêndoa. Não conheciam a sua aplicação culinária. Portanto, outra razão para o desinteresse à domesticação desta planta talvez esteja também associada a essa ignorância de uso na cozinha”<sup>49</sup>

Em relação à escolha do terreno para a agricultura afirmou que, “o local das machambas era escolhido pelo chefe do khokholo em função das vantagens que a região oferecesse, mas também podia ser um local sugerido pela pessoa que cede o lugar de residência. É o caso de um pai, que pode indicar o local onde o filho deve fixar a sua residência ou a sua machamba e, noutros casos que é o filho que traz já uma sugestão do local que pretende ocupar”.<sup>50</sup>

Segundo o régulo Ulembane, “era difícil a lavoura das machambas devido a dois factores: primeiro a mata era espessa e com árvores muito grandes o que dificultava o seu acesso e desbravamento;

---

<sup>45</sup> Em relação à laranjeira, Chilundo considera que ela era a árvore mais preferida de todas devido ao fabrico de aguardente que era de melhor qualidade em relação às outras frutas (Helene, 21/1/99).

<sup>46</sup> Junod, considera a laranjeira como tabú entre os tsonga, tal como as outras espécies de árvores de fruta estrangeiras. Junod, TomoII, 1974:28

<sup>47</sup> Haverá alguma relação entre a acção dos ventos, num local desflorestado, com o tempo de vida de uma laranjeira?

<sup>48</sup> Junod fala também deste tabú em Marracuene por volta de 1910-1920. Junod, TomoII, 1974:28

<sup>49</sup> Gonçalo Chilundo, Helene, 21/1/99

<sup>50</sup> Bernardo Mavique entrevistado em Zavala, 19/1/99.

segundo, os utensílios utilizados para o desflorestamento e a lavoura eram na maioria de madeira<sup>51</sup> pois os utensílios de ferro eram pouco conhecidos. Acontecia várias vezes que numa vasta região só existia uma única pessoa que possuísse um objecto cortante de ferro”. À pergunta para se saber se estes factores podiam influir na abundância ou escassez de alimentos nessa época respondeu que “não havia fome nessa altura porque havia muita abundância em alimentação pois a terra era muito rica e bastava uma pequena porção de terra cultivada para colher uma quantidade suficiente para alimentar uma família e ter um excedente considerável”. Uma das razões que ele avançou para justificar a razão desta produção ele considera o facto de as matas serem ainda muito espessas e produzir-se facilmente muito humus o que fertilizava a terra com abundância. Faz ainda uma comparação percentual dizendo que “para obter uma quantidade de produção que naquela altura podia-se produzir em 1/2ha, agora é preciso trabalhar cerca de 3ha”.

Gonçalo Chilundo afirma que “as machambas localizavam-se fora dos khokholo. Cada pessoa levava a sua catana, um pequeno machado (*ndzanga*) e o seu arco e flecha, para questões de segurança pois havia casos de disputa de locais mais férteis entre pessoas de khokholo diferentes. A localização variava segundo o khokholo onde a pessoa vivia. Havia tendência de cada khokholo ocupar uma região específica para as suas machambas, escolhendo a direcção a seguir (norte, sul, etc.)<sup>52</sup>

É de notar aqui a referência aos utensílios de ferro que os obtinham em Inhambane, “Sewu”, trocando com castanha e cera de abelha para obterem enxadas e catanas<sup>53</sup>. Antes de terem esta possibilidade a agricultura terá sido praticada com base em instrumentos de madeira.

As principais culturas praticadas eram de feijão jugo, semeada num lugar separado das outras culturas, o milho que era semeado em consociação com o amendoim, a mandioca e o feijão nhemba era também separadas das outras culturas.

---

<sup>51</sup> Junod faz alusão ao uso de sachos de madeira no começo da era agrícola entre os tongas. Junod, Tomol, 1974:582; Eartry, Valenge Women, 1933: (?)

<sup>52</sup> Entrevista realizada na sua residência em Helene no dia 21/1/99. Esta localidade dista de Mavila cerca de 30km.

<sup>53</sup> A senhora Matos cita Caldas Xavier a descrever a cultura material dos Vandongues a quem equipara aos chope a fabricarem enxadas em forjas locais. Matos, 1973:57; Longle também se refere ao comércio de enxadas feito pelo chope. Longle, 1886:61

Criavam animais tais como porcos, galinhas e cabritos<sup>54</sup>, principalmente. O gado bovino terá sido introduzido recentemente. “É por isso que nas nossas cerimónias tradicionais os animais preferidos são a galinha e o cabrito”<sup>55</sup>. Chilundo considera o cabrito como sendo o animal que constituía o símbolo de riqueza de uma pessoa e reitera também a ausência de gado bovino nessa época<sup>56</sup>.

Quanto a fauna bravia Chilundo considera que, na sua região, “existiam muitos porcos selvagens, hienas e leopardos. Não houve elefantes e búfalos porque a mata era muito fechada para esse tipo de animais”.

As coordenadas geográficas dos locais visitados em Inharrime são: (Coguno: 24° 23' 22,1''S; 34° 30' 58,2''E ; Mijohote: 24° 28' 30,4''S; 34° 39' 50,4''E ; Mata de tambeiras: 24° 30' 0,4''S; 34° 43' 49''E ; Mucumbi: 24° 31' 0,2''S; 34° 44' 32''E).

As características gerais da vegetação que circunda a região de Coguno mais a Oeste, Mijohote no Centro e Mucumbi a Sul é de floresta fechada de *mitambas* (brachystégia).

O Anuário de Lourenço Marques de 1927, quanto à vegetação diz que “O terreno principalmente a norte do distrito e na zona do litoral, está quase completamente revestido de arvoredos, havendo, de quando em quando, manchas em que êste tem uma densidade menor, tomando então um aspecto de floresta em parque onde predomina a <<albizzia Fastigiata>> e <<Mossambicensis>> a <<Bauhinia Reticulata Livingstonei>>, <<Strychnos Genardi>> e <<Spinosa>>. Na zona a que estamos referindo, a essência predominante é a <<Brachystégia Spiciformis>> (Tamba), que forma por assim dizer a base da floresta. Por vezes porém aparecem essências de valor como a <<Afzelia Quanzensis>>, <<Milicia Africana>>, <<Andræa Arborea>>, <<Mimusops Caffra>> e <<Henriquesiana>>, <<Lonchocarpus Mussambicensis>>, etc., etc. que suplantam esta, formando assim, pequenas manchas no meio da interminável tamba (Brachystégia).

<sup>54</sup> A respeito da cabra, Junod afirma que “se o boi desempenha papel importante na vida social, a cabra parece destinada especialmente aos sacrifícios, às práticas religiosas. O papel dela nos ritos autoriza-nos a pensar que, assim como a mexoeira parece ser o cereal mais antigo, a cabra seja o mais antigo animal doméstico dos tongas e, sem dúvida, de todos os Bantos do sul de África”. Junod, TomoII,1974:47

<sup>55</sup> Filipe Ulembana, Nhacutô 20/1/99

<sup>56</sup> Não é possivelmente extensivo a toda a zona porque no início do séc.XIX a zona “Donge” exportavam bois para Inhambane. Comentário do Dr. Liesegang

Esta Tamba, possui cerca de 15 metros de altura e 50 centímetros de diâmetro, produzindo madeira de pouquíssima préstimo. A sua casca é fibrosa sendo por isso usada pelos indígenas para panos grosseiros, cordas e embarcações<sup>57</sup>.

A zona de Coguno, encontra-se toda aberta em parte, por se encontrar perto de várias planícies como *Munhuana*, *Guachele* e de *Chawaia*, no sentido Este-Oeste e a seguir temos uma ao Norte floresta de *mitambas* na sua maioria mas com alguns eucaliptos velhos que aparentam mais de 50 anos. Nas zonas habitadas e nas suas machambas há algumas árvores de fruta como a mafurreira e o cajueiro que, segundo Abel Jossefa "o cajueiro foi introduzido recentemente pelos brancos juntamente com o coqueiro que não se plantava nessa altura porque havia um tabú que dizia que quem plantasse estas árvores morreria logo que elas começassem a dar frutos. Portanto, o seu plantio também é recente"<sup>58</sup>.

Outro entrevistado, falando da vegetação dessa época refere que "existiam mafurreiras, canhueiros, *minhewe* [nome do jambaloeiro, em chope] e *xikuxa* [não cheguei de ver esta planta e não a conheço]. Nessa altura não haviam coqueiros porque não eram conhecidos."<sup>59</sup>

Manuel Basquete Guambe, outro ancião entrevistado em Coguno fala também da existência de cajueiros e mafurreiras e do tabú que existia em relação ao coqueiro.

Quanto ao tipo de solo, apesar de a maior extensão ser de areia vermelha, possui também algumas zonas que têm uma areia branca solta (*chinjefo*, em chope) que permite uma elevada produção de amendoim e dificulta o crescimento de laranjeiras, que abundam nas outras regiões.

As planícies que circundam a zona, apesar de alguns terem água salobre, possuem alguns lençóis e zonas de nascentes de água doce que fazem com que "muitas regiões distantes vêm buscar água aqui nos nossos pântanos" segundo Manuel Basquete Guambe. O mesmo refere que machambas as "localizavam-se fora dos khokholo e semeavam amendoim, que era

---

<sup>57</sup> Anuário de Lourenço Marques, 1927:464-65

<sup>58</sup> Abel Jossefa, entrevistado em Coguno no dia 23-1-99. Em relação ao coqueiro, o tabú para o seu não plantio é o mesmo referenciado em Zavala, do outro lado do rio Inharrime. Em relação ao cajueiro coincide com o dito em Helene; Junod avança uma hipótese sobre a origem destes tabús dizendo que "a impressão de desolação que se desprende duma ruína é relacionada com a presença de árvores de origem estrangeira: uma e outra coisa veêm-se muitas juntas. Daí a ideia de que as árvores são a causa da desgraça que sobreveio". Junod, Tomol, 1974:29

<sup>59</sup> O entrevistado é um ancião cego, nascido em 1910, infelizmente perdeu-se a nota onde vinha o seu nome. Coguno, 24-1-99

muito abundante, o milho e *matewe* [não conhecemos esta planta]. Nessa altura não havia fome<sup>60</sup>. Para Abel Jossefa "as machambas localizavam-se fora dos khokholo, nas redondezas. Era muito difícil conseguir água para consumo, percorriam grandes distâncias".

Esta contradição entre dois entrevistados da mesma zona, quanto ao acesso a água para o consumo confirma a existência de mais de um khokholo.

O acesso aos locais onde abundava a água devia ser de acordo com a importância do seu chefe. Esta hipótese vem do facto de Manuel Basquete Guambe ser da linhagem dos chefes do principal khokholo de Guamba Grande, Khokholane, sendo tio directo do último descendente do regulado Guambe, o Castigo Jacopo irmão ou sobrinho do último régulo.

Na fauna, Abel Jossefa considera que nessa altura não criavam o gado bovino, possuindo o caprino e criando também galinhas e porcos. É de referir que as guerras nguni ou outras razões, possivelmente tenham extinto o gado bovino nessa época.

Fazendo uso dos mapas de que dispomos, observamos que no mapa florestal elaborado em 1995, a região de Coguno é descrita com a sinalética de "A3" que a legenda indica como "agricultura e impacto da agricultura sobre a vegetação natural: pousio de longa duração" e a fotografia aérea, indica nos uma cor um pouco avermelhada com muitas manchas esverdeadas.

Interpretando estes dados teremos uma contradição entre os dados fornecidos pelas duas fontes, o "pousio de longa duração" sugere ou implica que tenhamos um crescimento de vegetação muito acentuado e o vermelho pouco carregado com manchas esverdeadas, mostra uma zona com pouca vegetação. Confrontando estes dados com o observado no terreno, podemos dizer que o lugar indicado como o antigo khokholo de Guamba Grande (khokholane ou Cocolane, é o nome como é chamado na região), tem uma pequena floresta com árvores com um tamanho médio que não deve ultrapassar os 40/50 anos e um antigo poço do khokholo, com uma machamba onde plantaram mandioca, amendoim e feijão jago. Portanto podemos inferir que depois de ter sido povoada continuamente durante um período considerável, a região do khokholo de

---

<sup>60</sup> Manuel Basquete Guambe, entrevistado em Coguno no dia 24-1-99

Guamba Grande teria sido abandonada parcialmente muito recentemente, talvez durante esta última guerra civil terminada em 1992, por isso é que, provavelmente, tem uma floresta recente.

Mejohote (Guamba Pequeno), possui uma floresta densa de árvores *mitamba* maioritariamente, nas duas bermas da picada que liga a Coguno e a Mucumbi com clareiras nos lugares habitados ou com machambas. Os khokholo desta região encontram-se próximos da sede da localidade onde existem machambas.

Segundo as informações recolhidas numa entrevista colectiva com 6 pessoas, “as principais árvores de fruta que plantavam os nossos pais, eram cajueiros, laranjeiras e mafurreiras. Não havia mangueiras nem coqueiros”. À pergunta para se saber das razões de não uso dessas plantas a resposta foi de que talvez desconheciam essas plantas, em relação à mangueira, mas para o coqueiro a justificação é de que “nessa altura esta região era a maior produtora de amendoim, chegando pessoas de Inharrime (vila) para virem cultivar ou comprar esse produto aqui, por isso não precisávamos do coqueiro”<sup>61</sup>

O horizonte da vegetação é de uma zona densamente povoada com várias machambas e árvores de fruta, onde sobressaem a laranjeira, mafurreira, cajueiro e o jambaloeiro indiano. Esta última, referem que foi introduzida “recentemente” e foi largamente divulgada encontrando-se em quase toda a província de Inhambane, devido sobretudo a razões económicas, para a produção de aguardente, o que aparece como alternativa à dependência apenas da laranjeira e da tangerineira. A maior extensão desta zona parece não ter sido habitada antes, a avaliar pelo tamanho e pela quantidade de árvores que a circundam.

Num ponto, escolhido aleatoriamente, marcamos o ponto com ajuda do GPS. Estávamos debaixo de altas *mitambas* em que mal penetravam os raios solares.

Transladadas as coordenadas do GPS para os mapas e comparadas com a fotografia aérea por satélite, constatou-se o seguinte:

---

<sup>61</sup> Aqui não é referido nenhum tabú para o não plantio do coqueiro mas sim, faz-se uma relação entre o coco e o amendoim como temperos de caril.

1- O mapa topográfico de 1970, indica nos uma densidade populacional muito baixa;

O ponto, no mapa florestal está no local onde a sinalética indica LF1:floresta de baixa altitude (altitude <1500m altura das árvores  $\geq 7m$ ): fechada (cobertura das copas  $\geq 70\%$ );

2- A imagem satélite indica nos um ponto com um vermelho carregado, característica de um verde abundante.

Com estes dados podemos concluir que estas três fontes corroboram entre si, pois estão de acordo com aquilo que verificámos no terreno: uma floresta densa, talvez secundária, em parte crescida depois de 1950-60.

Em Mucumbe, o antigo khokholo de Sibone encontra-se no meio de matas de mitambas facto que foi justificado pelo hábito de plantio desta árvore. Leonardo Sibone Mucumbe, revelou uma informação interessante “as árvores que se plantavam eram as *mitamba*, *nchavo*, *inrombe* e *inchulo*. As laranjeiras e o coqueiro eram pouco plantados”<sup>62</sup>. Consideramos a menção de plantio de *mitamba* como interessante pois pode justificar, em parte, a abundância desta árvore no zona de Inharrime em geral, e em particular nas regiões de Mijohote e Mucumbe.

As coordenadas do GPS para a zona do antigo khokholo de Sibone transladadas para o mapa florestal, localizam-se numa zona de sinalética A3: “agricultura e impacto da agricultura sobre a vegetação natural: pousio de longa duração”. A fotografia aérea indica-nos uma zona com a côr vermelha misturada com algumas manchas verdes. Estes dados vão de encontro com o que observamos no terreno, pois era uma zona com uma vegetação considerável onde havia alguns lugares onde tinham machambas. No antigo centro de poder, existem umas machambas à sua volta e uma árvore *mtamba* no local onde, até hoje realizam os *mpachos*. É onde achamos alguns cacos decorados.

---

<sup>62</sup> Leonardo Sibone Mucumbe, entrevistado na casa do seu filho em Inharrime, no dia 3/3/99. António de Almeida considera que “De harmonia com as linguas e dialectos locais, os escravos ou servos tinham nomes diversos. Os Muchopes também aplicavam as denominações CUMBE OU CUMBI, NKUMBI OU N’KUMBI, palavras que indicam haverem sido seus portadores comprados para trabalhar; entre eles ainda havia os termos NANZA OU INANZA E MALANDZA OU TINANZA para servo e servos, ou criados. Almeida, 1965:109

Em jeito de conclusão podemos ver que a região em estudo encontra-se localizada, na sua maior extensão, ao longo da faixa costeira caracterizada por um clima tropical húmido e uma precipitação média anual de 1000-1400mm o que favorece ao rápido crescimento da vegetação permitindo, por sua vez, um óptimo habitat para as diversas espécies animais que aí coabitavam.

Estas condições são muito favoráveis para a fixação humana por poder dispôr de caça, de terra fértil para a agricultura, de água dos diversos pântanos e lagoas que a região possui e do abrigo contra possíveis ataques, que a floresta fornecia. Assim, pode se compreender porque esta zona foi escolhida para a fixação dos diferentes Reinos, Estados e Chefaturas chope, traduzidas na ocupação do espaço em forma de khokholo.

O actual estado da vegetação especialmente na zona de Zavala, Helene e Coguno mostra claramente a exploração intensa que a vegetação sofreu, nos últimos cem anos.

Entre Mijohote e Mucumbe temos uma abundância de vegetação nos locais dos antigos khokholo, talvez porque foram abandonados logo que morreram os seus últimos chefes por volta das décadas de 30/40. A razão para a abundância de vegetação, em parte pode ser justificado pela referência ao plantio de *mitambas*.

Qual seria a razão para o crescimento populacional e a densidade actual em Zavala? Teria sido influenciado pela estrada e maiores possibilidades de comunicação ou a maior segurança das precipitações? Para estas inquietações, o Dr. Liesegang comentou "que fenómenos semelhantes encontram-se no Niassa onde as estradas e vias de comunicação parecem ter atraído populações a partir de Ca. de 1930 para Lichinga e zonas perto da Niassalândia (Malawi) abandonando o antigo estado do Mataca"<sup>63</sup>.

## CAP. III-HISTÓRIA POLÍTICA DA REGIÃO

### III.1-SITUAÇÃO GERAL NO DECURSO DOS SÉC.XVI-XVIII

A documentação escrita da história da região em estudo data dos finais do séc.XV (1498), quando Vasco da Gama chegou a província de Inhambane. Segundo Fuller, ele encontrou evidências de uma cultura miscegenada que incluía árabes e indianos muçulmanos com a população de origem bantu. Acrescenta ainda que entre 1500 e 1550 os chefes que residiam entre o rio Limpopo e o Save eram independentes e não sofriam interferências nos seus negócios, sobretudo com a costa, e os postos comerciais frequentados nessa altura, eram os da baía de Inhambane e de Maputo, que eram os principais pontos de troca entre os portugueses estabelecidos na Ilha de Moçambique e em Sofala e os africanos das chefaturas do interior, como é o caso da chefatura dos Guambe<sup>64</sup>: Um dos produtos mais comercializado era o marfim, que teve muita importância entre o séc.XVI e XIX.

A carta Régia de 9 de Maio de 1761, elevou Inhambane à categoria da vila. A edilidade foi finalmente inaugurada em 1764. Continuou o grande desenvolvimento do comércio com o interior, atraindo o comércio de longa distância cujas redes se estendiam até a atual África do Sul.

Segundo Luís Feliciano dos Santos, a população que existia em Inhambane em 1560/1562, apoiando-se nas cartas dos dois missionários André Fernandes e Gonçalo Silveira, “eram duas tribos, a caranga e a tonga, de usos, costumes, índole e língua diferentes, e que, apesar de limitrofe, se têm conservado durante quase quatrocentos anos, pode dizer-se as mesmas.

A língua própria de cada uma dessas duas tribos, além da estrutura geral bantu e de alguns termos comuns, difere tanto uma da outra, que ainda hoje se não entendem chopes e bitongas, falando cada um a sua própria língua, de sorte que a apregoada unidade linguística das duas tribos também não existe(...). A

---

<sup>63</sup> Comentário do Dr. Liesegang, 21/4/00

<sup>64</sup> Fazia-se pouco comércio entre a zona “donge” e Inhambane. Castro menciona como produtos da zona panos de casca de árvore.

origem caranga dos chope e a sua distinção etnográfica dos bitongas duma parte e dos thongas da outra, deve, pois, considerar-se como facto assente<sup>65</sup>”

Ao longo do séc.XVII, a zona em estudo caracterizava-se por uma zona de floresta densa que se estendia do Limpopo a Inhambane. Este ambiente florestal, segundo Rita-Ferreira, propiciou ao isolamento e fragmentação das várias unidades políticas que existiam no sertão, o que impedia a fundação de uma unidade política mais vasta e centralizada<sup>66</sup>.

Durante cerca de dois séculos, a presença portuguesa era constituída por alguns comerciantes sertanejos cristãos e muçulmanos, a maioria a título individual que continuavam a frequentar esta zona. Só em 1729 foi determinada a ocupação portuguesa de Inhambane, que foi determinada pela frequência do seu porto pelos holandeses do Cabo da Boa Esperança, que nessa altura (1721-1730) se tinham um estabelecimento em Lourenço Marques.

“As explorações de Inhambane pelos holandeses, em 1727 e 1728, foram imediatamente conhecidas porque Bernardo de Castro<sup>67</sup>, capitão do navio que da Ilha de Moçambique ali ia comerciar, encontrou na baía navios com aquela origem. Os portugueses, apercebendo-se desta situação, edificaram fortalezas como forma de travar o comércio holandês na baía e os constantes ataques nguni<sup>68</sup>. Na realidade, as fortalezas de Inhambane não foram senão obras rudimentares de pequeno vulto e de elementar traçado, simples muros abaluartados para abrigo contra um inimigo que não dispunha de mais que armas primitivas e, quando muito, de um pequeno número de espingardas<sup>69</sup>”.

Entre 1728 e 1760 os portugueses tinham uma certa hegemonia sobre os chefes na baía de Inhambane que têm limites com a praia, casos dos fumos entre Morrumbene, Maxixe e Inhambane velho e oferecem-lhes anualmente uma festa e vestidos novos, que denominavam de Banja<sup>70</sup>.

<sup>65</sup> Santos, 1941: 19-20

<sup>66</sup> Rita-Ferreira, 1982:129-30; Teixeira diz que “A ausência de uma organização mais ampla impediu que se desenvolvesse uma consciência colectiva que permitisse a união de vários grupos, e a constituição de uma força militar capaz de fazer frente a invasores”. Teixeira, 1990:7

<sup>67</sup> Liesegang diz que foi o predecessor de Castro, João da Fonseca Moniz que encontrou os Holandeses. Comentário de consulta, 21/4/00.

<sup>68</sup> As chefaturas ou cabos bitongas que fazem limite com a baía é que procuravam o seu apoio quando por volta de 1750 os bilanbulu e outros grupos tsonga invadiram a área. Liesegang, comentário, 21/4/00

<sup>69</sup> Rungo, 1990:55-56

<sup>70</sup> Participavam os fumos da Feitoria e mucazambos em que se fazem os ajustes anuais segundo a conveniência do tempo e se ractificam os antigos. Teixeira, 1990:36

Em 1728 houve uma expedição chefiada por Domingos Lopes Rebelo que, ao “distritos de Inhambane” com objectivos de castigar a “ousadia” dos negros em que tinham comerciado com os holandeses. “Todos os que negociaram com os holandeses foram mortos e as suas povoações destruídas”<sup>71</sup>. Apesar destas fricções que podemos considerar de esporádicas, houve sempre um relacionamento permitiu que houvesse algum apoio entre eles quando em 1750 o hinterland foi invadido por “Bila” (Vilankulo) e outros grupos “landins”.

Em 1816 o poder dos portugueses ainda era o que levou o Governador de Inhambane, Luís Correia Monteiro de Matos a oficiar ao Governador Geral de Moçambique que o chefe Cumbana hostilizava chefes do governo, entre outros o fumo Inhamulala. Refere ainda que Cumbana “e sem que da nossa parte houvesse ter lhe dado motivo algum fez embarçar a comunicação dos régulos vadongues, que trazem a esta villa a vender gado, galinhas, ceira, mel manteiga, e muitas obras de madeira como sejam gamellas, piloens, baldes e outros géneros”<sup>72</sup>.

O marfim era um dos produtos mais importantes nas transações comerciais entre os portugueses e os africanos, tendo sido a causa de uma guerra em 1834 travada entre o governador do distrito, com toda a tropa de que dispunha, moradores e escravos contra alguns régulos sertanejos. Desta luta foram mortos todos os partidários, incluindo o próprio governador. Segundo as palavras de Teixeira Botelho “esta guerra foi devida à cobiça do governador, que quiz apoderar-se de uma porção de marfim que os negros tinham em suas casas. Daí o levantamento”<sup>73</sup>.

### III.2-O QUE CARACTERIZOU A SEGUNDA METADE DO SÉC. XIX

A situação geral durante este período caracterizava-se por relações diplomáticas de reconhecimento mútuo entre as três entidades políticas mais representativas da época: Estado de Gaza, Terras da Coroa Portuguesa e o Estado Chope de Khambana-

---

<sup>71</sup> Teixeira, 1990:17

<sup>72</sup> Liesegang, 1998, não publicado.

<sup>73</sup> Fuller, 1955:23-28; Botelho, 1936:150-51

Mondlane<sup>74</sup>. A hegemonia do Estado de Gaza na zona em estudo teve um período decrescente, caracterizada por uma espécie de vácuo do poder político, quando Musila transferiu a sua capital para Mossurize em 1862. É neste período que os portugueses, depois da sua vitória na circunvalação (*geveni*) de Mahuntse já dominavam a zona ao norte do rio Inharrime, aproveitam esta “deixa” e começam a alargar a sua influência política para além das terras da Coroa. A linhagem de Binguana Mondlane de Gaza que resistiu e sobreviveu às pretensões de domínio político dos vátuas, depois de disputas com alguns chefes locais aproveitou a saída destes para fortificar a sua independência, alargando de facto a sua influência na zona, beneficiando também da ausência dos makuakuas.

Os makuakuas<sup>75</sup> que tinham perdido as suas terras ancestrais, cerca de 1838, ano do estabelecimento definitivo dos nguni na região de Chibuto, foram obrigados a emigrar para Inhambane, na zona chope. A partir de 1862, a 1889 regista se o alargamento da influência política, tanto dos portugueses<sup>76</sup> assim como dos Khambana-Mondlane para o interior, através de uma série de alianças que estabeleciam com os chefes locais.

Com o regresso dos vátuas em 1889, o xadrez político constituído pelas três partes anunciadas acima, altera-se passando-se para duas, os portugueses e os ngunis<sup>77</sup>. Este facto ocorreu devido a um complicado processo diplomático em que havia acordo entre os portugueses e os nguni para deixar passar pelas terras de Inhambane os ngunis sem hostilizar os chefes *tswá e chope* de Morrumbene e Inharrime. Depois de terem passado

---

<sup>74</sup>Cabral, 1910:32, diz que “Binguana prestou vassalagem aos portugueses, em 1886. Acrescenta que Binguana era irmão de Dindane e sucessor de Cambanhane, foi um dos régulos de Gaza que nunca se submeteu completamente aos régulos Vátuas e o único que lhes ofereceu séria resistência. Umaz vezes só, outras vezes aliado com os régulos chope, sustentou várias guerras com Mauéua, Muzila e Gungunhana. Por morte de Binguana (1889) sucedeu-lhe seu filho Espandanhana, que igualmente se conservou hostil ao Ngungunhana”. A validade da vassalagem de Binguana era um cavalo de batalha entre diferentes entidades portuguesas.

<sup>75</sup>Cabral refere que, em 1847, Maunze era chefe da tribo landim makuakua, invadido por Manicusse, pedia protecção ao governador português A. Paulo de Sousa, propondo aliança. Cabral, 1910:24

<sup>76</sup>Liesegang considera que até cerca de 1859-60, o raio de ocupação dos portugueses em Inhambane, não ia além de 20 a 40 km de raio que só foi alargado após a operação conjunta das tropas de Gaza e de Inhambane em frente à circunvalação (*Gueva*) de Nyareluga e também depois da retirada de Muzila para Mossurize ou Massapa, em 1862, é que as tropas de Inhambane atravessaram outra vez o rio Inharrime. Liesegang, 1990:98

<sup>77</sup>Ver Cabral, 1910:34-35

pelas terras de Inhambane, os nguni atacaram terras do Binguana e ocuparam-nas. Constatado este facto, os portugueses enviaram um alferes estacionado em Inharrime ao potentado de Gaza que, depois elaborou um relatório, o qual citamos algumas passagens:

“As terras que pertenceram outrora ao régulo Binguana, hoje se acham ocupadas pelo <Grande Potentado Vátua Ngungunhana>. Antes de partir de Inharrime, soube que as forças do régulo Binguana haviam sido batidas pelas forças vátuas, que as cercaram na aringa principal, sendo morto o próprio régulo, mas salvando-se o filho que lhe deve suceder, Esendanhane.

Sobre o Binguana, diziam uns que se tinha suicidado deitando fogo à palhota em que estava, outros que foi morto no ataque, e ainda outros que tinha sido salvo e se achava na aringa de Mangura (deve ser Mangunze), que as forças vátuas já tinham cercado para o matarem.

A acção do Ngungunhana contra o Binguana foi contra as ordens que do governo tinha recebido por intermédio do professor de Gaza Rosário(...).

As forças do Ngungunhana, apesar de o potenteado ter convidado os habitantes das terras do Binguana a voltarem pois a sua gente era contra este e seu filho Espandanhane, continuavam a matar e a arasar as suas povoações e populações. Entretanto, a própria população não se fiava nas palavras de Ngungunhana, pois sabiam que este não descansaria enquanto não < acabasse com todos os secretários e homens que pertenciam ao Binguana, e que se os deixava actualmente num sossego relativo, era para eles fazerem as suas sementeiras e que depois mandaria matar>.

Afirmaram ser verdade os vátuas terem arasado a aringa de Esendanhane, que o Binguana foi azagaiado quando era conduzido em machila para fora, que o Espandanhane fugiu, encontrando-se refugiado em Chissoane, mas ultimamente constou-me que tinha passado para Mucumby por os vátuas terem avassalado Mabila, e que grande parte das forças que estavam na aringa se dispersaram, por falta de quem as comandasse(...). O régulo Binguana quando foi morto pelos vátuas, achava-se com a *cabaya* vestida e a bandeira que estava arvorada na aringa foi queimada.

Os secretários do Binguana dizem que o Ngungunhana principiou a matar-lhes gente logo que passaram o rio Chicomo, além dos roubos e estragos que faziam nas povoações e que eles suportaram tudo isto até ir ordens do governo para se defenderem, e que logo que receberam essa ordem atacaram a Ngungunhana conforme as suas forças lho permitiram, mas que já era tarde, porque a derrota do Binguana principiou no dia em que os vátuas atravessaram o Chicomo sem resistência, pois querendo eles obedecer ao governo, e mostrar-lhe que eram súbditos fiéis, suportariam a fome que havia de resultar pela passagem de tanta gente pelas suas terras, mas que não podiam suportar sem resistência enérgica a verem as suas famílias a serem massacradas em proveito dos seus maiores inimigos.

A verdade é que a opinião de quase todos os régulos pertencentes à Coroa, é que quem venceu o Binguana, não foram as forças vátuas, mas sim as ordens dadas pelo governo para que deixassem o Ngungunhana entrar e passar as suas terras sem o hostilizar, e os mesmos vátuas terem espalhado a calúnia

de que tinham comprado aos brancos, com libras e marfim, as terras até Cumbana, e que o governo só ficava com os bitongas.

Apesar de todas as promessas que o Ngungunhana fez, e de todas as desculpas que deu, cumpre-me informar que as forças dele continuavam a demolir todas as aringas do Binguana, massacrando as povoações que alguma resistência lhes opunham, ou que lhes não davam prontamente o que eles exigiam e que já assaltaram todos os régulos dos chopes até Mavila, nos limites de Zavala, fazendo também intimações a este régulo, para obedecer àquele potenteado<sup>78</sup>.

Havia entre 1886-1890 diferenças entre diferentes instituições portuguesas no que toca à interpretação de documentos e Tratados. A residência portuguesa em Gaza e o Governo Geral na Ilha de Moçambique em certos períodos aderiram ao tratado de vassalagem (ou amizade) de 1885 segundo o qual, o território de Gaza incluía todas as terras do Muzila que incluíam as que tinham sido conquistadas por Sochangane que compreendiam uma grande parte do território chope e todo o território Khambane. O governo do distrito de Inhambane tentou reivindicar todas as terras dos chefes que tinham prestado vassalagem em 1885-1886, desrespeitando o Tratado<sup>79</sup>.

Nos finais de 1890, depois da derrota de Binguana é reportado que as forças dos vátuas, mediante autorização dos portugueses<sup>80</sup>, invadiram as terras do régulo Zavala, com ordens para apresentarem a cabeça deste régulo ao Ngungunhana. Como o régulo conseguiu fugir para as terras da Coroa, as forças vátuas comandadas por Maguiguana acamparam nas terras do régulo Zavala, em Nhangié tendo sido orientadas pelo Ngungunhana para cultivarem as terras despovoadas deste régulo.

Sobre este facto, o Major Francisco Pinto Cardoso diz que “as forças enviadas por Ngungunhana para bater os chopes, foram autorizadas pelo governo, o que é positivo não só por não me constar terem praticado actos hostis, mais ainda porque se acham em terras pertencentes ao régulo de Zavala. O alferes Manuel Luis Alves informou que outro grupo dos vátuas se achavam acampados nas terras de Mavila, não avassaladas à Coroa Portuguesa”<sup>81</sup>.

---

<sup>78</sup> Comissão ao Potentado Ngungunhana. Relatório da viagem feita ao acampamento do referido potenteado nas terras do Binguana, em Novembro e Dezembro de 1889. Elaborado pelo comandante militar Manuel Luis Alves, Alferes em comissão- comando Militar de Inharrime. M.3(5), Novembro e Dezembro de 1889, Doc.1 (único)

<sup>79</sup> Comentários do Dr. Liesegang, 21/4/00

<sup>80</sup> A nota --- traz referência à frustração dos portugueses em relação ao juramento de vassalagem de Binguana.

<sup>81</sup> Francisco Pinto Cardoso, Major, Cxa 30, M4(11), 1890, Doc.1 e 2 de 5 de Outubro, 14 de 16/10, 15 e 17

Entre cerca de 1860 e 1880, os portugueses cobraram tributo em algumas das chefaturas que eram seus vassallos. É o que se deu nas terras do régulo Zavala onde Loforte levou e enviou a Inhambane 434 volumes com amendoim descascado, 950 tabelas de mafurra, 930 cabaças com azeite de mutiana em 1871. Outros produtos que faziam parte do imposto eram a cera, amendoim com casca, borracha, marfim e as medidas eram quiçapos para amendoim, pães para cera e borracha, tabelas para mafurra e cabaças para azeite mutiana. Entre 1870 e 1873 João Loforte cobrou imposto nas terras do régulos Chilundu, Nhamuruluga, Nhacoongo, Nhanombe, Muabá, Zunguza, Mocumba (de Homóine), Savanguana, Sarangue, Nhambulala, Pateguana, Magumbu, Magoge, Manhengana e cabos Matapissa, Gade, Mamiela, Muxéni, Bambo, Magola, Inguana, Nhanguile, Gigune, Marrucua, Guélo, Macanelo e Matenga<sup>82</sup>, entre outros.

Alguns elementos da cúpula europeia que dominaram a região em estudo, por sinal todos militares, foram: Entre 1860 e 1871 desempenhou as funções de Capitão-Mor<sup>83</sup> Francisco António Rangel e de 1871 a 1875 foi a vez de João Loforte que, de novo foi substituído por Rangel. Em 1876 o Capitão-Mor era António M. Mascarenhas, como interino e em 1878 retoma o comando João Loforte, devido à suspensão de Francisco António Rangel causada por um relatório de um inquérito realizado, onde se constataram irregularidades praticadas por Rangel em seu proveito próprio. Loforte fez parte desta equipa. Em 1883 toma conta da Capitania-Mor Paulo Júlio. Em 1890 temos na capitania-Mor o Major Francisco Pinto Cardoso Lantinho.

A intronização de africanos sob suserania portuguesa consistia em "*coberto da cabaia e o barete, singindo-lhe a cintura com a toca e o pano para a mulher, seguindo o selo (tiro de artilharia e salva de mosqueteria)*". Um outro acto administrativo consistia no *juramento de muávi* que provavelmente servia para a solução de litígios que não

---

de 17/10

<sup>82</sup> De 9/11 a 25/12/1871, Cxa. 3, M.1 (248-297); de 10/1 a 20/12/1872, Cxa.3, M.1(298-366); de 3/1 a 5/2/1873, Cxa.3, M.1(367-389). Loforte ao governador do distrito. Em 1882 o Governador F. Augusto Schwalbach certificava que era com extrema dificuldade que cobrava o tributo dos régulos avassalados. Cabral, 1910:32

<sup>83</sup> Cândido Teixeira, diz que o primeiro conjunto de normas que definem as funções de Capitão e Feitor encontra-se no "Livro de Carga da Pala N. S<sup>a</sup> da Conceição e St<sup>o</sup> António". A "instrução" passada em Moçambique, a 27 de Novembro de 1745, compreende seis parágrafos. Teixeira, 1990:21

envolvessem o uso da força, para se provar a verdade do declarante. Envolveia pagamento de imposto para a sua realização e só devia ser autorizado a sua realização pelo governador do distrito. No documento 506, Loforte dá a conhecer ao governador do distrito que os “bitongas Mafasini e Molovi, pediam o *juramento do muávi* –este juramento só V.Excia o pode permitir por isso solicito licença para ele- junto vai o imposto para a fazenda e a respectiva guia”<sup>84</sup>.

As relações dos portugueses com o grupo linguístico em estudo, os chope, representado pela chefaturas Mucumbi e Zavala caracterizaram-se por uma mistura de comprimissos de subordinação, consubstanciadas pelo tributo que pagavam aos portugueses e, por outro lado por uma luta permanente pela independência política, o que é justificado pelas relações dúbias de “aceitarem” serem tributários, ao mesmo tempo, dos nguni e dos portugueses, vendendo informações<sup>85</sup> tanto para um lado, assim como para o outro. Eis o que a documentação primária nos diz:

A 5 de Outubro de 1862, João Loforte entra no regulado Mucumbi para cobrar imposto, prosseguindo viagem para as terras do régulo Chilundu, afirmando ter saído a tarde do dia 9 e chegou a Chilundu no dia seguinte, 10/10 pelas 16 horas<sup>86</sup>.

Em 1873, reporta-se que o régulo Mucumbi morreu e seu irmão Nhengi, andava de mão armada contra seu sobrinho, queimando povoações e roubando os compradores e negociantes da *mutamba*. Desta contenda entre tio e sobrinho pelo trono, resultou que o filho de Mucumbi foi vencido e se refugiou nas terras do régulo Cumbana, povoação de Mancumana<sup>87</sup>.

1876, O régulo Mucumbi é mencionado como tendo ido acompanhar o tributo das suas terras, tendo participado também que os ingleses quando chegaram na povoação de Incanda tributário do régulo Nhanombe estiveram procurando sedes(?) praticamente obrigando a gente para conduzir bagagens, sem para isso darem alimento, gartificação,

---

<sup>84</sup> Loforte ao governador do distrito, Inhambane, 14/8/1878, Cxa.3, M.1, Doc.506

<sup>85</sup> O régulo Cumbana e Mucumbi alertam as autoridades da Coroa sobre a proximidade e eminência de ataque às terras da Coroa pelos vátuas. Rangel, ao governador do distrito, 7/5/1878, Cxa.3, M.1, Doc. 476

<sup>86</sup> 5/10/1862, Cxa.3, M.1(188-226), Doc.216-18, João Loforte ao governador do distrito. Esta informação permite-nos afirmar que a localização geográfica destas duas povoações não sofreu alterações pois hoje já é possível fazê-la a pé em cerca de 8 horas. Admitindo que nessa altura o mato era mais denso e os meios de travessia do rio Inharrime seriam mais deficientes que os usados agora.

agarando galinhas, porcos e mais outros objectos que encontravam nas ditas povoações chegando até ao desejo de espancar landins livres carregados, e como os seus maridos não podiam atrever despotismos semelhantes inconstituicionais foram obrigados por meio de armas ofensivas salvar suas mulheres daquela perseguição; não é esta a primeira vez que os ingleses marcham os seus criados assim, pois no tempo do Exmo governador Maciel, todos estes criados estiveram presos na praça desta vila por causa de procedimentos despóticos praticados nas terras da Coroa no sítio de Manga e estes ingleses foram admoestados quer oficialmente quer verbalmente pelo mesmo ex-governador Maciel não obstante continuaram a praticar abusos chegando até a estabelecerem caravanas nas terras e alimentarem-se com as criações dos nossos súbditos portugueses(...)<sup>88</sup>.

A posição de força dos dois protagonistas políticos que surgiram depois da derrota dos Khambanes, pode ser elucidada pela informação que João Loforte reporta de Coxé, que foi informado pelo ajudante Ribeiro que “uma força do Bilene, *Musilas* se acha acampada perto de Mucumbi, e que esta força, diz-se, vem contra Cumbana de Guamba súbdito de Musila- as famílias de Cumbana fugiram para Mucumbi e as deste para Nhanombe”<sup>89</sup>. Outra situação é reportada pelo Capitão-Mor João António F. relata que “o ajudante das terras Amade Engano que se acha nas terras de Mucumbi, participa em seu officio de 27 de Dezembro haver acampado nas terras do Guamba uma força de landins ou vátuas do potenteado Musila. Segundo as informações que o mesmo ajudante tem colhido, é seu intento obrigar o régulo Mucumbi a pagar tributo ao mesmo Musila como outrora em que era seu tributário. Hoje mesmo vai marchar para Cumbana o ajudante das terras Bacar Faquirá, para reunir as forças deste régulo para guarnecer os pontos de defesa das terras deste régulo e bater o inimigo”<sup>90</sup>.

As relações entre os portugueses e os nguni para com Zavala temos que, Francisco António Rangel comunica em 1864, ao governador do distrito ter recebido o irmão do régulo de Zavala trazendo três carneiros como sinal de obediência, dizendo que o seu régulo lhe mandara para chamar os portugueses para receber o tributo, tendo

---

<sup>87</sup> 6/2/1873, M.1,(367-389), Cxa.3, João Loforte ao governador do distrito.

<sup>88</sup> 11/9/1876,Cxa.3, M.1, Doc.434. Nota. A partir do ano de 1874, existe um problema na enumeração da documentação. Rangel ao governador do distrito.

<sup>89</sup> João Loforte, ao governador do distrito, 14/7/1882, Cxa.3, M.1, Doc.625

<sup>90</sup> Capitão-Mor João António F., ao governador do distrito, 29/12/1883, Cxa.3, M.1, Doc.694

mandado o intérprete para marchar com o mesmo irmão do régulo para fazer ver que eu havia de receber todo o tributo<sup>91</sup>. No ano seguinte, 1865, nos documentos 229 são relatados alguns problemas de insubordinação do régulo Zavala, ao mesmo tempo que ele se queixava às autoridades portuguesas, contra o seu súbdito Cavela que se rebelou contra ele, chegando a fazer guerra contra os moradores deste regulado. Os portugueses decidiram pela punição do revoltoso Cavela, para a dignidade dos régulos e exemplo dos outros<sup>92</sup>.

João Carlos da Rocha, ajudante das terras da Coroa, reporta ao governador do distrito a 12/12/1865, que “por causa de muitos rebeldes para com o régulo Zavala ele reuniu algumas forças de Zavala e seus partidários e esperava atacar Cavela no dia 14. Reporta ainda que 10 dos homens que o acompanhavam, do régulo Cumbana foram mortos e 7 feridos pelos homens de Cavela armados em arco e flecha, gente mindongue.

Depois deste incidente intimou Cavela a respeitar o seu régulo e este se recusou e pretendia manter a independência, pagando o tributo a fazenda aos portugueses. No dia 18 marchou com o apoio das forças de armas e de rodela marchou e atacou a povoação do dito régulo e do seu irmão Dacalla. Felizmente venceu 24 povoações rodeadas de grande mato espinho (aringas) que entre mindongues atestaram que não era possível vencer, visto o régulo Zavala ter por duas vezes convidado a força de Manicusse fazendo junção com a força dele que não forma capazes a pôr a testa nestas povoações”<sup>93</sup>.

A 18/1/1866, Rocha reporta que “exigiu do régulo Guilindu para lhe entregar o rebelde Cavala e Dacalo, entretanto, estes voltaram a fugir para as terras do régulo Zavala, na povoação de um *mindongue* por nome Nhocou (não será Nhacutou?) súbdito fingido do mesmo régulo, e hoje está claramente conhecido como dos tais rebeldes e de partido do dito Cavela e vou mandar dar busca para outros não darem quartel ao dito Cavela”. Em 1869, o mesmo autor, reporta de Zavala “ter ido colocar o filho do régulo Zavala nas terras do seu súbdito Dacala e de Cavela para ser reconhecido e respeitado como Grande daquelas terras, aonde se encontram as forças do dito régulo. Foram atacados e tiveram de intervir as armas portuguesas. Foram queimadas povoações e ordenou que se cortasse o mato que servia de abrigo”<sup>94</sup>.

---

<sup>91</sup> Rangel ao governador do distrito, 8/10/1864, Cxa.3, M.1, Doc.228

<sup>92</sup> Rangel ao governador do distrito, 15/11/1865, Cxa.3, M.1, Doc.229

<sup>93</sup> João Carlos da Rocha de Zavala ao governador do distrito, 20/12/1865, Doc.229-231

<sup>94</sup> João Carlos da Rocha, de Zavala ao governador do distrito, 18/1/1866, Doc.232, 27/2/1869, Cxa.3, M.1, Doc.240

A interferência das autoridades portuguesas na chefaturas locais, através de vassalagens, produziu alterações nas relações de suserania política locais que prevaleciam até então. Este problema levou a disputas políticas ao longo de vários anos, e um dos exemplos foram as denominadas “Guerra dos Zavalas”, já reportadas por Caldas Xavier. A documentação que consultamos descreve o conflito entre o régulo Guilundu e o régulo Zavala, nos seguintes termos:

“Em tempos remotos o régulo Guilundu foi vassalo do régulo Zavala tendo sido este, dividido no tempo do Mucunja, em 1861 quando conquistamos estas terras à Coroa. Assim os temos conservados separados, causa por que o régulo Zavala anda sempre ou quando tem aproveitado ocasiões de se pôr em desinteligências com o dito régulo Guilundu mesmo porque este tem pouca força em comparação com o outro; portanto espero que consiga sossego entre eles com a ida do ajudante Sahali, mas caso não haja tal sossego fico de ir ali pessoalmente para ouvir da pessoa, obter a a paz entre eles pois não será esta a primeira vez que consigo isso.

Segundo os mais velhos da região outrora Guilundu, antes de ser súbdito português, dizem que era tributário de Zavala, mas que informando-me com a gente antiga da zona ninguém houve que me afirmasse ser verdade; e que desde 1860 a 1861 tomamos conta de todas as terras do sul e conservamos no mesmo espaço, ambos os contendores; agora vejo que não só quer guerrear o seu semelhante, mas até chega ao ponto de desobedecer os mandados das autoridades, os quais detreminaram apaziguarem-se”<sup>95</sup>.

António M. Mascarenhas Arouca, do acampamento de Nhaguligua, recebe notícias de Rangel a comunicar ter exterminado totalmente Zavala. A 28 do mesmo mês Arouca reporta que visitou o acampamento de Rangel que serviu para bater o Zavala. Contaram-lhe que “a missão foi difícil porque o Zavala tem muitas pessoas e que muita gente trabalhou para haver separação ou para se deslocar o dito régulo, como efectivamente aconteceu; Quissico e Mindum que provaram serem obedientes às autoridades portuguesas, pois que de outra forma não era possível castigar o Zavala, e para estes era uma forma de se livrarem das injustiças deste dito régulo Zavala. Continuavam as operações de perseguição aos aliados de Zavala e este estava preso com outros seus colaboradores.

Depois da volta ao acampamento das forças que estavam em perseguição dos revoltosos de Zavala, propuseram que as terras do régulo Zavala sejam ocupadas pelos régulos Mindum e Quissico por terem mostrado serem leais ao governo tanto que as forças destes fizeram parte das nossas contra o inimigo e declararam que não precisavam de força nenhuma de caçadores para os guardarem e que não tinham

---

<sup>95</sup> Francisco António Rangel, ao governador do distrito, 15/5/1875Cxa.3, M.1, Doc.393 e 405 de 6/11/1875.

receio nenhum de alguma gente que refugiaram para diferentes partes e que tudo quanto ocorrer nestas terras ficarão de comunicar a autoridade da Coroa. Em prevenção, o Capitão-Mor nomeou um ajudante para estar na povoação do régulo Guilundu, vizinho daqueles, com 200 caçadores para lhes auxiliar caso fosse necessário<sup>96</sup>.

Depois da guerra que se fez ao Zavala em 1876, tendo este régulo ido preso para Moçambique [ilha de], o ex. Capitão-Mor Rangel mandou vir à sua presença, achando-se em casa do régulo Guilundu, mindongue *Nhabende* irmão do régulo Zavala seu sucessor, que muito antes da guerra tinha sido obrigado a emigrar daquelas terras para as do régulo não avassalado Mavia [será Mavila?] e não havia tomado parte nelas, para tomar conta daquelas terras, ficando independentes os cabos Quissico e Mindum, que por Portaria do Exmo Governador Geral José Guedes foram feitos régulos das terras de que eram chefes, desobrigados dos fins que até então ao régulo Zavala, ficando única e directamente dependentes do governo do distrito. Estas partes do distrito ficam desde então num estado pouco regular, tentando *Nhabende* recuperar o domínio que teve Zavala sobre aqueles chefes. Mindum aceitou, continuando contudo a pagar tributo ao governo, como independente; quando tomei conta da Capitania-Mor em 13 de Junho deste ano (1878), nenhum esclarecimento pude obter do Exmo Capitão-Mor a este respeito, ficando as causas neste estado e tratando eu de averiguar o que havia a tal respeito, lembrado estava V.Excia que pela ocasião da visita que o Exmo Conselheiro Governador Geral fez a este distrito em Outubro último, na noite em que reuniu para se discutirem as bases do regulamento das terras eu declarei que o régulo Zavala estava rebelado e que era por isso época própria e adequada dar-lhe uma lição severa”.

Acrescente que, “as relações entre Zavala e seus vizinhos são regulares e, as relações entre Zavala, Mindum e Quissico com Muzila nada posso dizer porque não sei-houve boato a este respeito”<sup>97</sup>.

Em 1880, João Loforte comunica ao governador do distrito “que foram ocupadas de novo, as terras do régulo Zavala e Mindum e os seus régulos foram expulsos e em breve, Quissico teria a mesma sorte”. As forças portuguesas, foram ajudadas pelas forças do régulo Mucumbi que foram elogiadas pela sua bravura.

Loforte esclarece ainda “que a rebelião dos ex-régulos Zavala, Quissico e Mindu principiou em 1878 quando Mindu prestou obediência ao Zavala e ambos reuniram-se contra Quissico, para obrigá-lo a juntar-se a eles. Por mais deligências encetadas por meios persuasivos para trazé-los à obediência da autoridade portuguesa não foi possível conseguir alguma coisa, constituindo-se em revolta aberta contra o governo e hostilizando o régulo limítrofe dele, Guilundu, súbdito do governo e diferentes chefes Zavalas que nos ficaram fiéis, sendo preciso que, nos princípios do ano passado tivesse que empregar a força para

<sup>96</sup> António M. Mascarenhas Arouca, ao governador do distrito, 1876, Cxa.3, M.1, Doc.412 de 24/2; 416 de 28/2; 417 de 1/3 do mesmo ano.

<sup>97</sup> João Loforte, ao governador do distrito, 23/12/1878, Cxa.3, M.1, Doc. 537

obstar as correrias dos Zavalas- que tendo por chefe Mahumana hostilizavam continuamente Guilundu e outros cabos”.

Depois da derrota dos revoltosos, no meados do mesmo ano de 1880, Loforte reporta terem aparecido “enviados do régulo Zavala, que segundo eles dizem vêm da parte daquele régulo submeter-se ao governo e salientar perdão pelas faltas e hostilidades cometidas contra nós- vêm acompanhados pelo sargento das terras que por ordem de V.Excia foi com o filho de Zavala que aqui veio no dia 5 do corrente até aquele régulo”<sup>98</sup>.

Passados 6 anos, em 1886, Loforte reporta um novo acordo de vassalagem entre o régulo Zavala e os portugueses. Vejamos o que diz essa documentação:

“Loforte chegou a Zavala às 16 da tarde e o régulo disse que estava pronto para ser vassalo dos portugueses, mas que a maior parte dos chefes de povoação seus subordinados, não lhe obedeciam, que pedia que o auxiliassem contra o maior deles por nome Dunha Dunha, que castigado este, todos os outros se submeteriam- assenti ao seu pedido, para lhe mostrar que assim como exigia a que ele fosse fiel e obediente ao Governo Português, estava pronto a fazer com que os seus súbditos o fossem a ele régulo- marchámos e cercámos a povoação principal e oa nascer o dia a acometemos, aos primeiros tiros debandou tudo, a acolheram-se a outra povoação do mesmo Dunha Dunha onde se puseram fazer fortes, porém dentro de meia hora fugiram em debandada deixando no campo mais de cem mortos- o régulo ficou contente porque, por duas vezes que junto com os vátuas atacou o Dunha Dunha<sup>99</sup>, foi repellido, e agora arrasou-o<sup>100</sup>. Nos finais do séc. XIX, os vátuas voltam a tentar assumir um maior protagonismo político o que pode ser justificado pela informação de Francisco Pinto Cardoso que diz que “em 5 de Outubro de 1890, os vátuas portadores da correspondência para o Bilene voltaram aqui (Inharrime) para declararem, em nome do seu chefe que iam seguir ao seu destino mas que a força continuaria acampada nas terras de Guilundu, até resolução ulterior do Ngungunhana, por isso que tendo recebido ordens terminantes deste para lhe apresentarem a cabeça do régulo Zavala, não poderiam regressar a Bilene se não cumprindo o que lhe foi determinado(...). Ficam suspensas as hostilidades enquanto não vier resposta do potentado a quem obedecem. A sua missão só terminaria com a derrota dos chopos. Entretanto, este régulo encontrava-se refugiado em território português cujo paradeiro se desconhece”. No Doc.2, os vátuas reiteram a posição de que “só abandonariam a terra dos chopos depois de castigarem o régulo Zavala” e tentou convencê-los “no sentido de remover o Ngungunhana a abandonar esta ideia absurda, pois que já realizou o fim que se tinha em vista derrotando o régulo em questão,

<sup>98</sup> João Loforte, do quartel de Inhambane ao governador do distrito, 1880, Cxa.3, M.1, Doc. 539 de 2/1; 552 de 2/2; 573 de 26/6 do mesmo ano.

<sup>99</sup> Liesegang diz que dunha Dunha era chefe ou um dos chefes de Nhacutô. Comentário 21/4/00

conforme a autorização do governo". No Doc. 14, relata que "os vátuas comandados por Maguiguana com o grosso da sua força continuavam acampados em Nhangié, terras do régulo Zavala e têm ido às povoações dos cabos Quissico e Maunja buscar mantimentos". No Doc.17 O Major Francisco Pinto Cardoso finaliza transmitindo as informações recolhidas pelo alferes Manuel Luís Alves, de que os vátuas se achavam acampados nas terras de Mavila, não avassaladas à Coroa portuguesa, e que o Ngungunhana já dera ordens para a sua gente cultivar as terras despovoadas do régulo Zavala. "Leva-me pois esta notícia a crer mais que a missão confiada ao chefe de guerra Maguiguana de bater os chopos por autorização do governo, se acha terminada"<sup>101</sup>.

Em relação à etnia chope o principal elemento que vamos tratar para se compreender a sua estrutura, será o político. Isto porque as alianças políticas é que vão determinar e influenciar a "maneira de ser" dessa chefatura. Estas alianças é que determinavam a sobrevivência do grupo, com as suas hierarquias, porque "a ocupação, nem sempre pretendeu o espaço físico e a resistência, muitas vezes, não o era a essa ocupação mas ao despojamento de privilégios de classe. Quando a ocupação respeitou os privilégios de classe ou do segmento dominante beneficiou da sua colaboração"<sup>102</sup>. Isaacman afirma que "as sociedades africanas resistentes não eram homogênes. As razões, por um lado eram as diferenças linguísticas, religiosas e culturais e, por outro as divisões internas pelo desenvolvimento de classes e da existência de classes diferentes. Mesmo nas sociedades Zambezianas menores, tais como as chefaturas Sena e Tonga, onde a capacidade produtiva era baixa, existiam hierarquias ou extratos económicos e sociais"<sup>103</sup>.

Durante o séc.XIX as chefaturas chope estavam divididas politicamente aliando-se aos mais poderosos militarmente, da época: Os portugueses; os ngunis e Binguana Mondlane. Rita-Ferreira diz que "reconhece-se hoje, na sua origem e formação, que parte dos <<grupos étnicos>> estiveram claramente relacionados como unidades políticas de maior ou menor dimensão, directa ou indirectamente afectados pelo secular comércio ultramarino com navegadores asiáticos e europeus. Este interesse levou a lutas pelo poder e à extratificação social"<sup>104</sup>. No entanto, a incorporação política não levou automaticamente à eliminação da língua e identidade.

---

<sup>100</sup> João Loforte, de Zavala ao governador do distrito, 17/10/1862, Cxa.3, M.1, Doc.220

<sup>101</sup> Francisco Pinto Cardoso, ao governador do distrito, 1890, Cxa.3, M.4, Doc.1 de 5/10 a 17 de 17/10 do mesmo ano.

<sup>102</sup> Capela, 1988: 13

<sup>103</sup> Isaacman, 1979:13-14

<sup>104</sup> Rita-Ferreira, 1986:15

A importância política destes chefes, é reportada por alguns dos autores como o Teixeira Botelho quando explica as razões de Ngungunhana transferir a sua capital: “em 1888 Ngungunhana, deixou a região do norte de Gaza, denominada de Mussapa, e desceu, acompanhado por alguns milhares de pessoas, para as terras de Cambane, governadas por um régulo chope, de nome Binguana, que o hostilizará. (...) Na luta travada entre ambos, Binguana foi derrotado e não recebeu ajuda dos portugueses que diziam que ele traira, zombando da vassalagem que prestara”<sup>105</sup>.

Em relação à importância política de Binguana, José D’Almeida afirma que até 1886 Binguana, apesar de se ter oferecido à vassalagem portuguesa, não obedecia nem a estes e muito menos aos vátuas “oficiei para as terras da coroa para que se não aceitassem vassalagens de mais régulos, tendo também que desligar do seu juramento o Binguana, que tinha sido avassalado há tempos, e que foi desleal ao governo, auxiliando com mão armada uma rebelião nas terras (da Coroa), rebelião que me ví obrigado a castigar severamente em Julho último”<sup>106</sup>.

(...) O Binguana, que habitava nas terras de Cambane, não cessava de ordenar correrias às terras vátuas do Chuáhibo (Xai-Xai) e as do Bilene Mananga, confiando numa impunidade certa que lhe era garantida pelos poderosos *cocolos*, povoações fortemente paliçadas, em que sua gente vivia, no recesso das florestas mais densas”<sup>107</sup>.

As hostilidades entre os ngunis e os chope são ainda reportadas no Anuário de Lourenço Marques de 1927 que diz que “Ngungunhana veio para Manjacaze em 1885 sendo um dos objectivos submeter à sua vontade de déspota a tribu muchopes tal como havia feito às outras tribus de Gaza. Não o conseguiu, porém, porque a raça dos muchopes foi sempre orgulhosa e com vontade própria e tinha à sua frente um chefe digno, o régulo Espadhanana, causando-lhe, no entanto, enormíssimos estragos e perdas”<sup>108</sup>.

Longle também fala dos problemas de segurança para as populações das chefaturas mais fracas que se aliavam aos mais fortes “esta gente, mais perto do Bilene (referindo-se aos chope), sabe que só com os brancos é que podem gozar sossego. Mostrava-se muito satisfeita por se achar debaixo da bandeira portuguesa”<sup>109</sup>.

---

<sup>105</sup> Botelho, 1936: 427. A migração foi em 1889.

<sup>106</sup> Relatório do governador de Inhambane, citado por D’Almeida, 1898:135

<sup>107</sup> D’Almeida, 1898:208

<sup>108</sup> Muchopes, In: Anuário de Lourenço Marques, 1927:33. Há diferença de datas de saída de Ngungunhana de Mussapa, sendo 1888 para Botelho.

<sup>109</sup> Longle, 1886: 64

As referências atrás citadas esclarecem os eixos do xadrez político desta época, que giravam em volta dos nguni, Binguana e depois o seu filho Espandanhana e os portugueses, e permitem-nos concluir que:

1- A delimitação do chope em 1890, pelos nguni e portugueses, e a delimitação actual não correspondem às mesmas áreas geográficas da época. Para muitos os Khambane e Binguana eram chope e hoje os khambane são identificados como changanas.

2- As alianças que foram sendo desenhadas ao longo deste período, entre chope e ngunis; chope e portugueses; ngunis com chope ou com portugueses e estes com os chope ou com os ngunis, permitiram alterações culturais e étnicas nos chope de então<sup>110</sup>, que podemos resumir em:

-No concernente à sucessão colateral, os portugueses interferiram nas chefaturas e passaram a preferir alguns candidatos que se mostravam capazes de defenderem os seus interesses, fora desta linha tradicional. É o que aconteceu aconteceu nas terras do régulo Maunja em 1861 que depois de conquistadas pelos portugueses ficou colocado como régulo Macupulana. Segundo Loforte “o direito cafrial é que a sucessão seja de irmão para irmão, mas não é aplicável no presente caso, em que o filho de Macupulana exige ser entronizado, porque tendo sido aquelas terras conquistadas pelo governo, passou o mesmo direito ao mesmo governo, tanto mais o régulo foi ali colocado, preferindo a todos os outros seus irmãos mais velhos por estes não serem da confiança do governo”<sup>111</sup>.

-Nos regulados dominados pelos vátuas, os homens adoptaram o costume vátua de furar as orelhas.

-O uso das rodela e da zagaia, na coreografia da dança das timbilas pelos chope é também uma assimilação da cultura vátua.

---

<sup>110</sup> Rita-Ferreira afirma que, “à semelhança da designada por tsonga, a população apodada de “chope” (...) foi formada por elementos de múltiplas origens étnicas”. Rita-Ferreira, 1982:189

<sup>111</sup> João Loforte ao governador do distrito, Cxa.3, M.1, 8/3/1872, Doc.306

-No séc. XIX a nível material, a etnia chope emerge reconhecida com o uso de arco e flecha e a residir em povoações defendidas por estacas ou paliçadas e hoje é reconhecida pelo uso das timbilas;

Eram também reconhecidos pelo uso de sinais na cara que levaram Longle a observar que “usam sinais na cara, que os tornam tão feios. Mas parece que a moda vai diminuindo porque já tenho notado que só os velhos é que usam a cara toda marcada. Reparei que se arrancam igualmente as pestanas, o que dá ao olhar uma expressão que não posso definir. Outro costume consiste em comer uns lagartos de cor amarela e preta que cozinham. Usam as vasilhas feitas de casca de árvore”<sup>112</sup>. Estes costumes, já não se observam.

### III.3.1 A INTERVENÇÃO POLÍTICA DOS PORTUGUESES, ENTRE 1862-1889

O distrito de Inhambane entre 1760 e 1889 era um Estado Africano com cúpula europeia porque os vários reinos africanos dispersos pelo sertão dependiam da posição dos interesses dos representantes da Coroa Portuguesa que, em 1878 dominavam a área desde Inhamússua até Mucumbi, terras que têm limite com Macuácuá. Os marcos temporais de 1760 e 1889 foram escolhidos porque antes de 1750/60 pouca informação temos que se refira à história local, e é no intervalo de 50 a 60 que temos informações que denotam o início da implantação dos portugueses nesta região. 1889 é o período em que a intervenção portuguesa na estrutura das chefaturas locais denota-se com mais peso, através de funcionários europeus que vão privilegiar pessoas da sua confiança levando as chefaturas africanas a perderem a sua autonomia. Regista-se a fundação dos comandos militares (de Inharrime foi em 1882<sup>113</sup>) e o controle directo torna-se mais efectivo, baseado na força das armas.

---

<sup>112</sup> Longle, 1886: 62. A minha falecida avó, tinha tatuagem na cara e no ventre e costumava tirar as pestanas. Dos lagartos é costume aqui em Maputo ouvir-se que os chopi comem cobra. Rita-Ferreira também fala do uso do arco, confencionamento de cordame e panos de córtice, mutilação para efeitos ornamental ou distinção clânica. Rita-Ferreira, 1982:186

<sup>113</sup> Cabral, 1910:32. Em 1887 foram criados os comandos militares de Tembe e Maxixe e em 1892 o de Chicomo.

O poder militar das armas modernas europeias contrabalançou favor de Portugal, mesmo em relação aquelas chefaturas que podemos considerar como as mais estáveis, nomeadamente o Reino de Gaza que e sendo negadas as suas pretensões de subjugar à força das armas, os seus rivais chope com quem vinha travando luta havia muito tempo.

Estas armas modernas permitiram às autoridade portuguesas a cobrança de impostos a diversas chefaturas. Este imposto, durante muito tempo era em género, o que dificultava o seu transporte. Para este efeito era necessário o recrutamento de muitos homens, como carregadores o que era recusado por alguns régulos e cabos de terra.

Para aqueles que mostravam alguns sinais de insubordinação como os reportados no Doc.201 e 205, eram subjugados à força das armas, o que é testemunhado pela passagem que diz que, “João Magumbe reporta do Comando das Terras da Coroa em Inhambane, ao Governador do Distrito, a 26 de Maio de 1862 que os landins do Inguana junto com os do Chimucuanhana maltrataram o sargento das terras, num acto de insubordinação ou independência e, no dia 14 de Junho do mesmo ano reporta ter arrasado a povoação onde foi cometido o insulto e retirou para Guilongó”<sup>114</sup>

Em 1880, segundo Caldas Xavier deu-se a derrota e ocupação de Zavala pelos portugueses como resultado da terceira expedição e das correrias e ataques dos vátuas<sup>115</sup>.

### III.3.2-TRANSFORMAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS E ECONÓMICAS DEPOIS DE 1889

Em 1897, o governador de Gaza Sr. Major Gomes da Costa criou na actual área do distrito de Mandlakasi o Comando militar dos M'Chopes e no decreto Orçamental de 1907 foi extinto, passando uma parte do território que o constituía a denominar-se 1ª Circunscricção das terras de Gaza<sup>116</sup>.

No finais do séc.XIX a estrutura das chefaturas chope tinham sofrido profundas alterações quanto à sua cultura e etnicidade devido por um lado, à diminuição ou cessação das movimentações militares e, por outro à entrada para uma vida

<sup>114</sup> João de Magumbe(um), ao Governador do Distrito, Cxa3, 1862, M.1(188-226), Doc. 201 de 26/3 e 205 de 14/6.

<sup>115</sup> Xavier, 1881:500

“monetarizada”<sup>117</sup> e a miscegenização entre as populações locais e as invasoras além da entrada de uma nova realidade espiritual, as igrejas protestantes. Dentre todos estes factores os mais preponderantes foram, a **circulação crescente do dinheiro** que levou muitos jovens a emigrarem para as cidades e para as minas da África do Sul, tal como foi constatado nos finais do século passado por Longle quando diz que:

“é curiosa a influência da grande emigração para os campos d’ouro, e de diamantes. Não falando das casacas vermelhas características do exército inglês, e que fazem parte da bagagem do emigrante que volta ao seu país natal; encontram-se quantidade de indígenas falando algumas palavras inglesas ou a dizer quasi mais do que portuguesas”<sup>118</sup>; e **as igrejas protestantes**, que se implantaram e espalharam nas primeiras décadas do sec. XX, passaram a influenciar até nos aspectos culturais, tal é o caso do lobolo que segundo Xitimela Novela “quem tratava de todos os assuntos eram os pais e depois da implantação das igrejas protestantes este assunto passou a ser dirigido pelos chefes das igrejas, os evangelistas e os pastores(...) até as formas de enterro dos mortos sofreram alterações”.

Em 1889, Ngungunhana decide voltar a Manjacaze, transferindo a capital. Um dos seus objectivos era recuperar a hegemonia que tinha perdido nesta região, a favor dos chope e dos portugueses. É dentro deste contexto que podemos afirmar que as relações entre os nguni e os chope eram uma mistura de alianças (lembramos a aliança dos vátuas com o Zavala contra os Nhacutô, já referidos) para defender os seus interesses políticos, ao mesmo tempo que procurava uma melhor oportunidade para invadir o mesmo Zavala devido às suas relações com os portugueses, para alargar o seu domínio subjungando-o, com as suas populações, aumentando a extração dos impostos daí resultantes; enquanto os portugueses também se dedicavam, à força das armas, a receber alguns chefes que iam apresentar pedidos de vassalagem devido a problemas entre eles, a procura de protecção

---

<sup>116</sup>Ferrão, 1909:252

<sup>117</sup>Junod, no seu estudo sobre a sociedade tonga, também constatou que o aparecimento do dinheiro na sociedade banta teve efeitos inesperados, destacando a alteração que se verificou no lobolo. Junod, 1974:267; Xitimela Novela em Mavila também falou destas alterações quando se referiu ao facto de as pessoas, sobretudo os pais terem chegado a uma fase em que levavam as suas filhas para “penhorar” a quem tivesse dinheiro como forma de conseguirem um empréstimo para pagar o imposto.

<sup>118</sup>Longle, 1886:60

militar, como meio de salvaguardar os privilégios da aristocracia dominante<sup>119</sup>. Este tipo de alianças pode ser exemplificado pelo caso de Zavala que para se manter no poder, não poupou esforços tendo se aliado, em momentos diferentes, aos portugueses e aos nguni, para acabar com os Cabos que ameaçavam-no.

Outros factos que demonstram a posição de força que recomeçava dos vátuas são reportados por Cabral que diz que tendo Ngungunhana já fixado a sua residência em Gaza(1889) o Governador do distrito informou a Governador Geral que o certo era que a maioria dos régulos do distrito estavam receosos com a volta dos vátuas e “não obedecem ao governo, por temerem desgostar o Ngungunhana, que julgam mais forte. Que Ngungunhana, esquecendo os compromissos contraídos com o governo Português, vai, pouco a pouco, esbulhando os povos que nos pertencem e a quem devemos protecção”<sup>120</sup>. Informava ainda que, naquela data a gente de Ngungunhana invadira as terras dos chope e acampára no Guilundu de onde não queria sair sem aprisionar o régulo Zavala. Em 1891 é reportado que Ngungunhana quis bater novamente o Quissico e o Zavala, pedindo auxílio dos portugueses. No mesmo ano, o Ngungunhana mandava emissários ao Inguana a fim deste lhe prestar vassalagem. Em 1894 os portugueses são obrigados a enviar uma força ao Nhacutô, a castigar este para dar satisfação às reclamações do Ngungunhana, que se queixava de Nhacutô dar protecção e aceitar toda a gente que lhe fugia. Portanto foram cerca de seis anos em que os vátuas reassumiram um maior protagonismo político nesta zona.

A partir dos meados de 1895, os portugueses iniciaram uma ofensiva militar contra o domínio político e militar dos nguni, que foi favorecida pelo ódio que muitas das chefaturas sertanejas possuíam dos vátuas, em especial os chope que sempre lutaram contra a dominação nguni. Esta ofensiva militar viria a terminar em finais deste ano com a vitória dos portugueses. Cabral diz que “finalmente, neste ano que se iniciaram as operações de guerra, que terminaram no ano seguinte tão gloriosamente para nós. Resultou desta campanha o aniquilamento do Império do Vátuas, tornando efectiva a nossa soberania, que até ali só existia nas cartas geográficas. Démos aos indígenas um forte exemplo de força, que eles nos não supunham e se tornava

---

<sup>119</sup> “Os Fumos, associando-se à Feitoria, procuravam fortalecer o seu poderio, conseguir apoio militar ou serem facilmente reconhecidos e obedecidos como legítimos sucessores”. Teixeira, 1990:34

<sup>120</sup> Cabral, 1910:35 (Em 1894 ainda não havia operações militares em Inhambane)

absolutamente necessária, tirando-lhes, de futuro, quaisquer veleidades de resistência”<sup>121</sup>. Assim, efectivava-se a conquista colonial na zona sul do país. Militarmente Ngungunhana destruiu o poder de Espandanhana em 1889, dominando os Chope, mas os portugueses venceram e dominaram-no.

As razões que Rita-Ferreira aponta para as alterações que se verificaram, na população chope no século XIX e XX são:

1-transformações ecológicas que se aliaram à ocupação colonial efectiva que diminuíram ou eliminaram radicalmente a importância da especialização masculina em actividades venatórias, mercantis, bélicas e pastoris pela extinção das grandes manadas de elefantes e, mesmo que existissem, passaram a ser interditas tanto as armas de fogo como as licenças para caçar e viajar. O comércio fomentado por africanos quase desapareceu face à concorrência movida pelos negociantes europeus e sobretudo asiáticos. As caravanas que procuravam longínquos mercados tornaram-se obsoletas perante o desenvolvimento das modernas vias de comunicação e dos meios de transporte mecânicos.

2-As cruéis condições políticas e económicas impostas pelos dirigentes do Império de Gaza primeiro, e pelas autoridades colonias portuguesas a seguir; a progressiva transformação do ambiente ecológico causado pelo aumento demográfico, causaram não só a corrosão da cultura tradicional nas tribos periféricas mas também um fenómeno de dispersão, uma autêntica diáspora, que levou os chope a espalharem-se desde Massinga até Marracuene, desde Morrumbene até Panda.

É assim que, no Sudeste surgiu uma sub-cultura mista de elementos chope e changana que deu origem aos *lengues* (va-lengue). Ao norte do Inharrime, a secular chefactura Mucumbi deixou-se largamente influenciar pelo ramo tswá dos tongas<sup>122</sup>.

O poder colonial efectivo trouxe sossego, e já não eram precisas as paliçadas de defesa e a vida comunitária da família alargada, que até então tinham os chope tendeu a desaparecer, por um lado devido à necessidade de fuga aos impostos e, por outro, nas

---

<sup>121</sup> Cabral, 1910:35-36

<sup>122</sup> Rita-Ferreira, 1982:178-79 e 189

igrejas começavam a registrar-se problemas de doenças epidémicas e o adultério, o que levou à dispersão dos crentes, passando cada um a viver em separado com os outros.

#### III.4- CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE OS PORTUGUESES E OS AFRICANOS

As relações entre os portugueses e os africanos durante o século XIX e princípios do XX caracterizaram-se, numa primeira fase, em relações comerciais que envolviam vários tipos de produtos tais como marfim, escravos e âmbar dos africanos, trocados por amadabas, panos brancos e veloiro azul dos portugueses e mouros.

As relações com os chefes locais eram de cortesia baseada em reconhecimento da soberania ou autonomia dos chefes locais que podem ser notadas numa passagem do texto de Teixeira “Logo que o navio chegava, o Capitão e Feitor devia dar a notícia aos Fumos, enviá-lhes os saguates e avisar da data da realização da Banja (reunião anual dos chefes). Nesta política de captação, agiria sempre dentro dos <estyllos antigos para que a novidade de outros não motivasse alguma desconfiança aos cafres>, o que poderia prejudicar o comércio. Na justiça, o Regimento de 1765 aconselhava ao Feitor e Capitão a não se intrometer deixando que sigam nelas os seus estilos cafreais”<sup>123</sup>. Segundo o mesmo autor, este aspecto foi novamente focado no regimento de 1790.

Ainda nesta fase temos a presença importante de mouros, que dominavam o comércio com o sertão que levaram Teixeira a escrever que “As preocupações constantes que os portugueses sentiam de eliminar a sua influência, especialmente no campo económico, está claramente exposta nos Regimentos e Instruções. Os mouros só podiam comerciar em escravos sob condição de os mandarem à igreja <para serem instruídos nos mistérios da fé>, e de os vender somente a cristãos, não os podendo exportar para parte alguma que não fosse dos domínios da Coroa de Portugal”<sup>124</sup>. É também durante esta fase que as relações com o Império de Gaza eram regidas com base em Acordos Diplomáticos, tendo estes inclusive um seu representante junto à Corte vátua. O último acordo entre ambos foi celebrado em 1885, a regular as fronteiras entre ambos.

---

<sup>123</sup> Teixeira, 1990:22

<sup>124</sup> Teixeira, 1990:23

A segunda fase, consideramos o período em que os portugueses com base em alianças de vassalagem em troca de protecção militar conseguiram alargar a sua influência para as duas margens da rio Inharrime. Dentro das estruturas políticas dos regulados registavam-se também dissidências na liderança o que facilitava a conquista que os portugueses iam fazendo gradualmente, aliado também ao estilo despótico dos vátuas, que aumentava o número dos seus inimigos.

Depois de terem conseguido uma boa base de sustentação militar fornecida pelos vários regulados que já eram seus vassallos, homens capazes militarmente, os portugueses decidiram-se em atacar e acabar com o domínio dos vátuas no sul de Moçambique.

## CAP.IV-OS KHOKHOLO DE ZAVALA E INHARRIME

### IV.1-O QUE CARACTERIZA OS KHOKHOLO

Os khokholo, fortalezas de paliçadas, foram encontrados no período pré-colonial em várias partes de África, exemplos de Zaire, Angola, Guiné e Malawi, na costa do Kénia. Em Moçambique foram reportadas as aringas do vale de Zambeze e de certas áreas a sudoeste de Inhambane e outras a sul do Limpopo. Os nomes variam. Em swahili são chamados de "*boma*", na área do Zambéze o termo *aringa* era corrente, e no séc.XIX em Inhambane o termo "muconja" era usado para além do termo khokholo que nós adoptamos<sup>125</sup>.

"It is not postulated that all these stockades are signs of a diffusion of a certain cultural element. They may even have had different functions in different societies. Certain small scale societies employed them to protect themselves against sudden attacks. They were apparently also used by expanding polities or conquest states, as for example in Barue under Manuel António de Sousa. The Nguni states, including the Gaza Nguni, apparently did not use stockades as a means of defence, probably because their territory was so large that an attack to their main settlement area was not probable".<sup>126</sup>

<sup>125</sup> Liesegang, 1974:303-4

<sup>126</sup> Idem: 304



Estas considerações de Liesegang mostram as várias funções que um khokholo podia ter.

Uma das características físicas descritas por Lima, “é de serem aldeias circulares, cercadas por sebes de pau-a-pique e, dentro desta paliçada dispunham-se as casas em círculo, viradas para o centro do terreiro, onde se via outra sebe circular de pau-a-pique, que servia de curral dos bois. Em frente das casas erguiam-se árvores frondosas que davam sombra e paz aos moradores. Uma delas, distinguia-se não só pelo lugar que ocupava na aldeia como também por ser ela uma espécie diferente das outras, que ninguém confundia com aquelas, desempenhava a função de altar da povoação-era aí que faziam oferendas e preces aos antepassados. À volta da paliçada ainda se encontravam pequenas construções que serviam de currais de cabras, celeiros, lugar de reunião dos homens, etc. Dentro da aldeia, cada um construía a sua palhota no lugar que lhe competia, segundo a tradição, de acordo com o grau de parentesco que ocupava na família extensa”<sup>127</sup>. As partes sublinhadas pensamos que nos mostram a parte cultural, traduzida na religião local e hierarquia que prevalecia nas funções dos khokholo.

Lima cita O’Neill a dar aquilo que ele designa de *uma descrição completa destas cercas defensivas*: “Uma sebe circular de aproximadamente 60 ou 80 pés de espessura está densamente plantada de árvores e arbustos espinhosos. Todos os interstícios estão preenchidos tão cuidadosamente que é absolutamente impossível a um homem ou animal de qualquer tamanho aí penetrar. Em dois ou três pontos deixam abertos carreiros estreitos de acesso à aldeia, que são fortemente defendidos por portões duplos e triplos. Eu falo de portões, mas, na realidade, não existem fechaduras nem dobradiças. Constroem uma espécie de armação formada por dois fortes postes verticais, firmemente implantados no solo e reforçados por dois barrotes horizontais distantes um do outro cerca de cinco pés. Dois outros barrotes horizontais móveis encaixam-se num orifício e numa calha abertos nos postes verticais. Um certo número de paus verticais, com buracos abertos a fogo nas duas extremidades, são atravessados pelos barrotes móveis horizontais de maneira a fechar o caixilho completamente, uma vez que as extremidades dos barrotes horizontais são encaixadas nos buracos e nas calhas dos postes verticais. Este conjunto é reforçado por vigas colocadas pelo lado de dentro”<sup>128</sup>.

Outro autor que descreve o que viu dos khokholo que ele visitou é Longle. Vejamos algumas delas:

“Esta vila africana compõe-se d’umas centenas de palhotas colocadas sem ordem. À volta existe uma estacaria de troncos de árvores. O chefe é o filho do régulo Guambe.

---

<sup>127</sup>Lima, 1975:18

<sup>128</sup>Idem:22

(...)pouco depois de Bingoane, encontramos a aringa de Canhavane<sup>129</sup>. Em seguida atravessámos a aringa de Mogotane, depois a de Chichálue e a de Mativane.

São todas estas aringas muito fortes, mas sem ordem no interior. São defendidas por estacaria e a sua situação no meio das matas cerradas as torna mais fortes ainda.

O nosso guia levou-nos um pouco para o norte a fim de passarmos na aringa de Chonguaniane. O chefe é filho de Cambane. Depois mais para o sul atravessámos a aringa de Chechelesse, outro filho de Cambane, para chegar até de Tinjane.

Foi essa última que os povos do Bilene tentaram assaltar.

Basta vê-la para nos convencer da dificuldade de se apoderarem delas pela força. Em primeiro lugar a sua situação no meio de matas espessas e difíceis. Em segundo lugar a sua estacaria.

Imagine-se uma defesa formada por troncos de árvores altas e grossas do lado exterior e reforçada no interior por outros troncos de árvores, postos horizontalmente até uma altura que não será inferior a 2,5 metros. As estacas exteriores são muito altas e não deixam lugar se não para, de distância em distância se passar o cano de uma espingarda. Do lado sul, está toda furada pelas balas. Os cadáveres do inimigo estavam espalhados pelo mato, porque só enterram os seus e deixavam às aves e outros animais o cuidado de fazerem desaparecer os outros.

Já tinha reparado que em nenhuma destas aringas se encontra água. É preciso ir procurá-la a distância que às vezes não é inferior a uma hora de marcha. É a parte fraca dessas fortalezas africanas. Não posso explicar este facto, se não pela natureza pantanosa do país que obriga os pretos a escolher para se estabelecerem os terrenos mais altos e que melhor se prestam à cultura"<sup>130</sup>.

Na análise das características dos khokholo, podemos concluir que houve uma certa mudança de significado da sua denominação ao longo do tempo, devido a factores endógenos e exógenos às comunidades que neles residiam, que se podem resumir em:

- 1-No séc. XIX, eram fortificações de defesa;
- 2-Início do séc.XX (1920-30), eram uma povoação concentrada para fins sociais<sup>131</sup>;
- 3-E, entre 1930-50, povoação concentrada com fins religiosos (considerando as religiões não africanas<sup>132</sup>).

<sup>129</sup> Canhavano, seria chefe makuakua de Chibuto? Liesegang.

<sup>130</sup> Longle, 1886:62-64

<sup>131</sup> Sobre o destino da povoação tonga Junod recomendou que "...conservemos tudo o que há de agradável, tudo o que tem valor moral no pitoresco círculo das palhotas: o respeito dos velhos, o sentido da unidade familiar, o hábito de mútuo auxílio, a disposição de partilhar a comida com outros.(...), no círculo fechado não havia lugar para estranhos. O amor e o interesse estendiam-se só aos membros da família". Junod, Tomol, 1974:516

#### IV.2-O QUE É UM KHOKHOLO E ONDE OCORERAM?

A natureza dos khokholo segundo as descrições dos vários autores alguns dos quais acabamos de referenciar, é de terem sido construídos de material perecível a curto espaço de tempo o que certamente dificulta a sua localização e visualização contrariamente às fortificações feitas de pedras que predominaram em algumas zonas na Zambézia. A este facto, alia-se a existência de outras construções e machambas nos locais de antigos khokholo o que aumentou a destruição destes locais históricos[ver mapa da distribuição actual da população e localização dos khokholo].

Outro factor para o desaparecimento dos vestígios dos khokholo é o próprio homem. A escolha destes lugares para as suas machambas, a recolha das estacas restantes para a lenha assim como a recolha dos restos de objectos de barro para a construção de casas e poços, reduziram drasticamente as possibilidades de preservação destes lugares históricos. Os poucos lugares que ainda estão conservados é onde realizavam as cerimónias de adoração dos espíritos (*mipachos*). Também é difícil encontrar as sepulturas dos chefes, pela tendência cultural que predominava de esconder-as dos outros membros da comunidade e/ou depositarem-nas nas lagoas.

Outra razão pode ser encontrada na constatação de que “A vida de muitas destas aldeias é relativamente curta. Apesar do aspecto de estabilidade e permanência que uma povoação apresenta no espaço, com as suas casas, árvores frondosas à volta, currais, celeiros e túmulos, nada é mais efémero do que ela. Com o decorrer dos anos vão mudando de lugar, umas vezes para muito longe, outras para perto. A aldeia pode mudar uma, duas e três vezes durante a vida de um chefe, conforme as regiões<sup>133</sup>”.

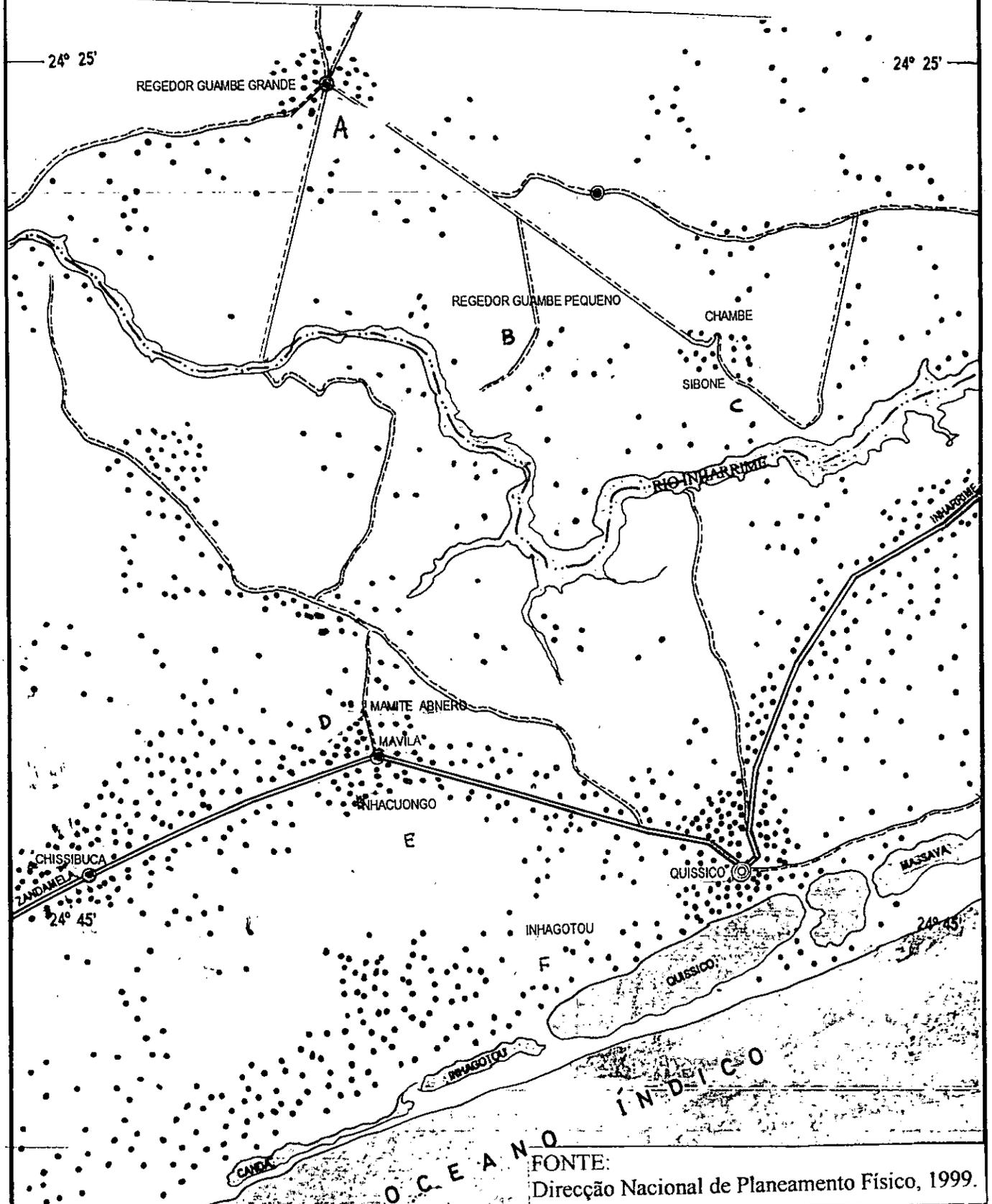
Esta última referência mostra as dificuldades que existem para uma possível quantificação dos khokholo, por um lado pelas constantes mudanças de localização

---

<sup>132</sup> Porque antes da introdução desta ceitas, os africanos tinham as suas crenças e cultos. Junod constatou entre os tongas que “O culto dos antepassados parece uma religião extremamente antiga na humanidade. Descobriram-se nestes últimos anos sepulcros pré-históricos em que a posição do esqueleto e a presença de objectos no túmulo parecem provar que os ritos funerários das raças de então eram muito semelhantes aos que praticam os bantos de hoje”. Junod, Tomo II, 1974:409,; Francisco Toscano também se refere ao culto aos espíritos dos mortos-MUZIMOS- por parte dos povos da África Austral. Toscano, 1941:36

<sup>133</sup>Lima, 1975:23

I-DISTRIBUIÇÃO ACTUAL DA POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DOS KHOKHOLO [A,B,C,D,E,F]



FONTE:  
Direcção Nacional de Planeamento Físico, 1999.

LEGENDA

-  ESTRADA NACIONAL Nº1
-  ESTRADA EM TERRA BATIDA
-  SEDE DO DISTRITO
-  POVOAÇÃO OU SEDE DA LOCALIDADE
-  RIO
-  UM PONTO CORRESPONDE UMA FAMÍLIA

ESCALA 1:250.000

geográfica e, por outro pelas possíveis mudanças de nome do mesmo khokholo consoante a mudança dos chefes.

É difícil localizar toda a região onde tenham ocorrido os khokholo porque, pelas informações recolhidas no terreno, estiveram implantados em toda a parte habitada<sup>134</sup>. Para se compreender esta afirmação, talvez começar pela definição do conceito khokholo<sup>135</sup> segundo os entrevistados.

“Khokholo é fundado por um determinado sujeito que, assim que se decide a constituir o seu lar em separado, por várias razões, leva a sua mulher e os filhos podendo convidar também os seus irmãos que levarão também as suas mulheres e filhos. Os filhos resultantes destes casais poderão casar-se e continuarem a habitar o mesmo espaço, aparecendo os netos que farão o mesmo com o passar do tempo, perpetuando e alargando o khokholo desta família. Formam um grupo de casas que ocupam o mesmo espaço, o que pode considerar-se agora como uma aldeia. Podia ser constituído por 10, 20 ou mais casas consoante o número dos agregados familiares existentes nessas famílias. Neste khokholo só habitavam pessoas da mesma família”<sup>136</sup>.

Esta definição do conceito, quanto à sua estrutura pode se considerar como a que reflecte e sintetiza as informações dadas pelos outros informantes, variando quanto à inclusão ou exclusão de pessoas de famílias diferentes.

Outro elemento importante referente ao conceito de khokholo, refere-se à sua função que se pode dividir em três ao longo do tempo: **FORTIFICAÇÃO DE DEFESA, POVOAÇÃO CONCENTRADA PARA FINS SOCIAIS E POVOAÇÃO CONCENTRADA PARA FINS RELIGIOSOS.**

Em relação à defesa consideram-se os khokholo que surgiram rodeados de palissadas e outro meio de defesa era construção de povoações na água, provavelmente sem palissada. As povoações construídas no meio das lagoas<sup>137</sup>, serviam nas

<sup>134</sup> Tomando em consideração a definição do khokholo, por eles dado.

<sup>135</sup> A grafia deste conceito varia havendo casos em que se escreve Mkhokholo(s); Khokholo(a); Cocolane (assim vem referenciado no mapa 1:250 000); khokholane e ainda a forma aportuguesada na tradução de Junod qhoqholo (Junod, Tomo I, 1974:275). Nos documentos primários do séc. XIX, temos o termo *muconja e guewa*. Nós adotaremos a forma Khokholo sem variar, quanto ao número.

<sup>136</sup> Bernardo Maviq, Zavala, 19/1/99.

<sup>137</sup> Cabral refere que “...ainda hoje existem vestígios das palissadas e fossos que os povos avassalados do Binguana e Espandanhana construíram para resistirem aos Vátuas. Refugiavam-se também no centro das lagoas, onde construíam palhotas em cima de estacas, por ser expressamente defeso aos Vátuas entrarem dentro de água”. Cabral, 1910:32; Rita-Ferreira fala de “edificação de povoações lacustres contra os

circunstâncias de insegurança para albergar as mulheres, crianças e os impossibilitados em pegar em armas. Em Nhacutô (Nyakutou, Nhagutou), o antigo régulo Ulembane (Wulemba, Uulemba) levou-nos para a lagoa de Nhambavale, onde tem restos de antigas povoações lacustres sobre as estacas que ele chamou de “*garine*”<sup>138</sup> (e não “*uralane*” como em Chidenguele-Mandender, segundo o Dr. Liesegang). Em Zandamela existe também uma palissada no meio da lagoa Marrangua que eles desigam de *ticocas* ou *tikokas*<sup>139</sup>. Em Inharrime, na zona de Sibonine também temos *ticocas* só que estes, desigam o local onde enterravam os seus régulos, que era também no meio da lagoa, marcando o lugar do enterro com um pau.

Em Coguno, Guamba Grande também temos palissada de defesa, onde descreveram como tendo várias estacas em seu redor, com uma entrada oculta, reforçada por *cacos* [umas plantas espinhosas e venenosas], onde se iam juntar pessoas de vários khokholo em redor, que dependiam politicamente deste, nos casos de ameaça ou ataque inimigo.

As relações de poder, nestes dois tipos de defesa, variavam segundo a primazia de chegada ao local assim como pela capacidade militar.

A função social está relacionada com o khokholo que é um espaço físico onde se implantaram residências de um determinado grupo clânico, com a sua hierarquia própria, para perpetuar o seu grupo. O seu cercado, se o tiver, marca as fronteiras em relação aos outros grupos e protege a aldeia dos animais selvagens ao mesmo tempo que protege os domésticos para não saírem. As suas relações com os outros khokholo são de familiaridade pois pertencem ao mesmo grupo linhageiro ou clânico. Portanto, eram construídos para fins de residência de uma determinada família ou linhagem, ou podiam ser do regulado que detêm o poder político.

O khokholo religioso existiu nesta região, com a implantação das igrejas das missões protestantes por volta de 1910-15. Estes khokholo eram habitados pelos

---

guerreiros do Império de Gaza, que sabiam manietados pelo tabú que os proibia de combater em meio aquático”. Rita-Ferreira, 1982:195

<sup>138</sup> Garine, em chope, quer dizer, no meio. Esta designação pensamos que vem do facto de o abrigo se encontrar no meio da lagoa, pois a preocupação era dificultar o seu acesso ao inimigo.

<sup>139</sup> Ticoca, em chope, é o nome dado às estacas que suportavam estes estrados.

convertidos a fé cristã que construíam as suas casas na mesma zona, constituindo assim aldeias grandes<sup>140</sup>.

Alfa Bento, um dos nossos informantes, referiu-se a khokholos religiosos em Inharrime em *Inhamachafo, Nhatava, Incochene, Helene, Ingodwene, Matsambwene e Txalawanene*<sup>141</sup>. Na área do distrito de Zavala foram mencionadas as seguintes missões de evangelistas: Igreja Metodista Episcopal,26; Missão Metodista Livre Americana,22; Episcopal Igreja Luso-Africana de Moçambique,16; The American Board Mission,17; Missão Inglesa de Maciene (Anglicana),11; Missão Suíça de Mahusse,2; Missão Evangélica Civilizadora de Moçambique,1; Missão Igreja Nazareno,1; total 97<sup>142</sup>. É possível que nem todas estas missões tivessem funcionado como khokholo, algumas talvez funcionaram apenas como simples capelas e/ou escolas.

Depois de termos tentado falar dos principais conceitos, vamos analisar onde ocorreram os khokholo visitados.

A área de estudo compreende actualmente dois distritos os de Zavala e de Inharrime separados pelo rio Inharrime, na província de Inhambane. Em Zavala foram estudados os khokholo localizados perto da vila de Mavila, a norte da Estrada Nacional nº1 a cerca de 5km das lojas, o de Mamide<sup>143</sup>, e a sul da mesma, perto da antiga estrada chamada na região de "*mali bolile*" e abandonada em 1922<sup>144</sup>, temos o Khokholo de Chenelanine (Nhacuonga, assim vem no mapa 1:250.000) fundado por Guwula Nhacowogo e o maior khokholo de Nhacutô fundado por Nhoela Magayise, mais perto da costa, onde o próprio régulo Ulembane nasceu.

<sup>140</sup> Segundo Xitimela, contrariamente aos "machanganas" que só se encontravam aos domingos para a reza, nesta região as pessoas fixavam residência juntas, constituindo umas autênticas aldeias. Xitimela Novela, Mavila, 20/1/99.

<sup>141</sup> Alfa Bento, informação recolhida quando esteve a visitar a minha casa, Maputo, 7/11/99

<sup>142</sup> Zavala, In: A. de Lourenço Marques, 1927:491

<sup>143</sup> O nome de Mamide aparece como "Mamite" em Cabral, 1910:55. Cabral designa-o como tributário de "Espadanhana", mas é possivelmente uma retroprojectão. "Espadanhana" ou Xipenenyane, era filho de Bingwana, que governou até 1889. E só este ou seu pai pode ter sido referido. Morreu numa guerra com Muzila (1862-1864 ou antes quando Muzila era príncipe?) Liesegeng, Relatório de viagem, 1999

<sup>144</sup> segundo o informante Xitimela Novela, esta estrada passava ao meio da aldeia do khokholo de modo que os recrutadores de trabalhadores para minas da Wenela, descansavam nesta aldeia. Ainda hoje pode se ver a diferença de vegetação no local onde passava esta estrada que se caracteriza em árvores menores em relação aos próximos.

Estes eram os khokholo principais. Outros tantos haviam o que pode ser elucidado pelo seguinte extrato:

“(...)o maior khokholo da região “*chizinda*” era o do régulo Mavila em Mamide e existiam outros pequenos, segundo a hierarquia do poder. Assim, havia o khokholo do Cabo, do Chefe das terras, etc. Não era condição ter de se ser chefe para a constituição de um khokholo, qualquer um que se interessasse por isso, podia fazé-lo pois era este conjunto de khokholo que constituíam o povoado do regulado. Outros, eram constituídos por pessoas que vieram pedir espaço para viverem e ainda os khokholo das missões”.

Esta referência foi colhida numa entrevista colectiva realizada em Mavila, no dia 20/1/99. Esta referência em relação a Mavila, aplica-se perfeitamente em relação às outras regiões estudadas.

Atravessando o rio Inharrime, começaremos pela região noroeste, onde as fontes portuguesas do séc.XVI, se referiam à existência do “Reino de Gamba” em Guamba Grande. Nesta zona referiram-se a um khokholo também conhecido por *Chissaca*<sup>145</sup>, ou por *Nhassananene* e que depois foi transferido para perto das lojas lugar esse que passou a designar-se por *cocolane*. Este khokholo foi fundado por Matane e segundo as indicações dos informantes, era bastante grande e deste dependiam os khokholo de Mijohote. Além deste, existiram muitos outros que dependiam do mesmo.

Em Mijohote, no khokholo mais antigo da região, existe um cemitério onde o primeiro enterro data de 1942. O khokholo foi fundado por Macauze. Outro khokholo importante era o de *Xingawangawa*.

O khokholo de Sibone, em Mucumbi foi considerado como o mais importante por um lado devido à longevidade do poder de Sibone-63 anos, ele reinou entre (1889 e morreu a 15/9/1952) e, por outro, pela sua influência e autoridade “Ainda que a missão dos régulos se encontre hoje bastante reduzida na sua autoridade, na circunscrição de Inharrime, o régulo Mucumbi (o mais importante do distrito) tem ainda uma grande acção em todos os seus súbditos(...)”<sup>146</sup>. Este autor, na pág.480 destaca ainda a importância de Mucumbi em Inharrime afirmando

<sup>145</sup> Chissaca quer dizer “ninho”, talvez por ser lá o centro político donde todos partiram.

<sup>146</sup> Raças e Regulados, In: Anuário de Lourenço Marques, 1927:455

que “a circunscrição tem seis regulados, sendo o maior e o mais importante o de Mucumbi e os de menor importância Inhanombe, Inharreluga, Inhacoongo, Guamba Pequeno e Guamba Grande”.

#### IV.3-FUNÇÕES DE DEFESA DO KHOKHOLO

Analisaremos aqui, as funções que achamos terem sido as determinantes para o aparecimento dos khokholo. A defesa.

O armamento utilizado pelas populações da região em estudo era, em geral, a azagaia, a machadinha e a rodela. Os Macuas, Maganjas, os Chope os Bitongas e parte dos Tswá usavam ainda o arco e a flecha. A moca era típica dos ngunis. O uso da arma de fogo foi-se generalizando gradualmente, segundo o acesso aos circuitos comerciais com estrangeiros<sup>147</sup>. Sobre a principal arma dos chope, o arco e flecha, Botelho prossegue dizendo que “Não diferiam essencialmente, pelo meado do séc.XVIII, as armas usadas pelos negros das que empregavam nas guerras do séc.XVI. (...) era a principal arma dos negros o arco, de madeira muito resistente, chamada melarara, com as suas vertingas, que são cordas feitas de couro de vaca de mato. Todos os cafres daqueles imensos sertões usavam dessa arma, que lhes servia para lançarem flechas contra o inimigo. A aljava, de pele de tigre, era uma espécie de bolsa, a que chamavam *chimine* e de que serviam como de patrona ou cartucheira para guardarem as flechas. Havia muita variedade destas armas, a saber, a dos guerreiros do monomotapa, a dos munhais e dos nossos cafres, a dos colonos das terras sujeitas ao domínio da coroa, a dos maraves e ainda outras, de que também se serviam os mesmos maraves, ervadas, quer dizer, untadas ao pé do ferro com uma massa venenosa, feita de certa planta e de que eles conheciam o antídoto<sup>148</sup>.

Feita a análise do principal armamento usado na época, vejamos o que diz Caldas Xavier do conceito de guerra “uma guerra dos negros consiste em incendiar povoações, animais, culturas, apreender gado, matar uma parte da população, e fazer emigrar a restante, por não encontrar no país os recursos necessários à vida. Facilmente se compreende que tais guerras, não sendo seguidas de ocupação do território arrasado, apenas poderão ter influência temporária<sup>149</sup>. Longle também se referencia a estes factos quando relata o que aconteceu aos Macuáguas, “os macuáguas

---

<sup>147</sup> Botelho, 1936:172-73

<sup>148</sup> Botelho, 1934: 497-98

<sup>149</sup> Xavier, 1881: 493

pertenciam ao Musila ainda há pouco tempo, mas os caçadores invadindo-o o venceram, não pelas armas, mas pela fome, dando cabo de todos os mantimentos, gados e campos de culturas que encontravam e arruinando povoações inteiras. Os mortos e feridos foram tão poucos que se contam facilmente<sup>150</sup>. A forma de guerra dos portugueses não era muito diferente pois Botelho afirma que “As guerras contra os indígenas, eram simples correrias, em regra feitas por um diminuto número de soldados regulares, acompanhados de auxiliares sem disciplina e gente colectícia<sup>151</sup>”.

Nós definimos o khokholo como povoação fortificada com estacas ou palissadas semelhantes às aringas da Zambézia.

Tomando em consideração as movimentações militaristas que caracterizam o sec.XIX na África Austral para as quais Junod afirma que “durante todo o séc.XIX, a história da tribo tonga é principalmente a da invasão e das imigrações dos conquistadores zulus, que tendo se separado de Tchaca reduziram à escravidão, em seu proveito próprio, os pobres Ama-Tonga da costa, como Mussilicátsi fez aos Ama-Chona. Estes Angónis, dirigidos por Manicusse, encontraram todos os clãs tongas vivendo à antiga maneira banta, cada um por si, sem unidade nacional. Assim, submeteram-nos facilmente e procuraram impôr-lhes o sistema de domínio militar criado por Dinguissuaio e Tchaca . O Manicusse reinou tranquilamente durante mais de vinte anos no vale do Limpopo até Mussapa (território dos Ndjaus, ao norte do Save)<sup>152</sup>”.

Junod especifica o domínio da etnia tonga (tsonga), porque neste seu trabalho a sua pesquisa visava apenas est grupo, contudo esta movimentação militar dos ngunis afectou muito mais grupos étnicos, incluindo a Chope que é o nosso objecto de trabalho, verificando a extensão geográfica dos seus domínios, até norte do rio Save.

No último quartel do sec.XIX Longle confirma a violência que se vivia no sertão da actual província de Inhambane, afectando e justificando a existência dos khokholo nestas comunidades, quando diz que “...neste dia um grande número de pretos vieram pedir para me acompanhar. É que os habitantes desse país não se atrevem a ir sós para o sul da Província. As frequentes guerras que têm havido com os gentios do Bilene<sup>153</sup>, causam-lhes medo e de facto consta que só na companhia de brancos ou molungos é que podem viajar descansadamente”<sup>154</sup>

---

<sup>150</sup> Longle, 1886:60

<sup>151</sup> Botelho, 1936:435

<sup>152</sup> Junod, 1974:38

<sup>153</sup> Nesta altura Bilene estava sob o domínio dos nguni de Gaza.

<sup>154</sup> Ibidem, 1886:60

Além destas escaramuças militares entre os ngunis e os grupos locais, existiam também atritos com as autoridades portuguesas que procuravam estender os seus domínios para além dos territórios da Coroa. Ao longo da sua viagem, Longle relata ter encontrado na primeira povoação das terras de Guãmbé, denominada Nhaducuana um destacamento de cerca de setecentos homens armados, vindos de Inhambane onde estava “confinada” a autoridade portuguesa, sob o comando do ajudante das terras, um mouro, Daud Ismael Tajú. Segundo este autor, “eram pretos de diferentes régulos que se denominavam de caçadores pelo facto de serem empregados pelo governo. Quinhentos destes homens estavam armados de espingardas, que na maior parte lhes pertenciam, e o resto com rodelas e azagaias.(...) parte da força dos setecentos, em lugar de seguir o seu caminho espalhou-se pelo mato cercando a povoação tratou de a saquear.

Este facto dá-se constatemente apesar de se acharem em serviço do governo, em terras da Coroa perfeitamente sossegadas, roubam, estragam tudo sem que os habitantes se atrevam a resistir ou a queixar-se com medo das armas de que fazem frequente uso”<sup>155</sup>.

O ambiente de lutas constantes também existiu ao longo do séc.XVIII relatado na obra de Teixeira Botelho que menciona 1755 em que “Inhambane, por este tempo, estava agitada por frequentes incursões dos landins, como se chamavam os povos vizinhos daquela feitoria. Um desses incidentes ocorreu nos fins de 1755, chegando esses irrequietos negros, com as suas ousadas correrias, a fazerem-se senhores das terras-firmes(...)qualquer pessoa que saísse da povoação, era vítima das maiores violências.

Em 1760, o capitão-mór António Correia Monteiro de Matos, reuniu alguns soldados e auxiliares e marchou contra os landis de povoações vizinhas, como retaliação”<sup>156</sup>. Parece que estas aldeias de “landins” temporariamente implantados ao sul de Inhampossa, já tinham palissadas.

Prosseguindo os relatos de lutas, Botelho afirma que, “em Inhambane o estado de rebelião era, por assim dizer, permanente manifestando-se em roubos e violências contra os que se aventuravam para além dos confins da vila. Todavia de longe em longe as coisas tomavam aspecto mais grave. Em Abril de 1878 revoltaram-se os régulo Nhabinde, de Zavala, Mindú de Quissiqui, aliados de Musila, cometendo os desacatos habituais contra a nossa soberania e exercendo pressão sobre outros para os obrigar a acompanhá-los na insurreição”<sup>157</sup>

Estes relatos de lutas durante quase dois séculos consecutivos, com vários intervenientes portugueses, ngunis e as tribos locais, mostra o quão violento foi este

---

<sup>155</sup> Longle, 1886:61

<sup>156</sup> Botelho, 1936:440-41

período, o que justifica a nossa asserção de que os khokholo tinham como função inicial, sobretudo, uma forma de defesa.

#### IV.4-QUANDO E PORQUÉ DESAPARECERAM?

As razões fornecidas pelos nossos informantes para o desaparecimento dos khokholo, em todas as regiões estudadas, são quase as mesmas e podem se dividir em factores internos e externos. Consideramos como factores internos às dinâmicas da própria comunidade ditadas por um lado, pelos contactos com populações de outras regiões através das emigrações e invasões; como do possível aumento ou diminuição demográfica; da pressão do solo para a agricultura; das doenças e mortes originadas pela “feitiçaria” e do adultério. Consideraremos os externos como a introdução da cobrança do imposto em dinheiro; as monoculturas do algodão e o xibalo. Vejamos o que disseram os nossos informantes.

O nosso ancião de Coguno nascido em 1910 disse:

“Não sei dizer quando é que desapareceram os khokholo, mas possivelmente depois de acabar a guerra contra o Ngungunhana. Um dos motivos que levou ao seu desaparecimento foram as doenças que se propagaram com muita rapidez no khokholo levando à morte muita gente. Com este facto semeou-se a desconfiança entre os habitantes, de haver feitiçaria, o que levava a vários atritos que desaguavam nas cerimónias do *mondzo*<sup>158</sup>. O Anuário de Lourenço Marques, em relação a Inharrime, refere que a população, apesar de não ter o hábito de registo de nascimentos e de óbitos, “em 1919 diminuiu consideravelmente, em virtude de epidemias de difícil ataque, que fizeram muitas baixas, como a influência pneumónica e varíola. Apesar das providências das autoridades locais, o modo de ser especial da vida indígena muito contribui para um obituário importante”<sup>159</sup>.

---

<sup>157</sup> Ibidem:245

<sup>158</sup> Processo destinado a descobrir o culpado de feitiçaria realizado por curandeiros. Em Manguenguene, localidade perto de Mavila e a caminho de Nhacutô, visitámos uma família que se diz ser a detetora do segredo para a realização deste “*Mondzo*”. Tudo indica que, pelo valor económico que isto acarretava, era mantido em segredo. Arone, entrevistado em Manguenguene, 20/1/99

<sup>159</sup> Clima e Salubridade, In: Anuário de Lourenço Marques, 1927:456-57. Fuller considera o incremento das migrações como a razão do aparecimento de muitas doenças (lepra, elefantíase, disenteria, varíola, febre tifóide, malária, doenças venéreas) como causas para a diminuição da população nessa época. Fuller, 1955:76

Nos khokholo das igrejas, o maior motivo para o seu desaparecimento foi o adultério. Como viviam todos no mesmo local foi fácil propagar-se a desconfiança que levou muitos a desistirem de ficarem todos no mesmo sítio, preferindo encontrarem-se apenas nas horas de culto mas cada um com a sua residência em separado. O xibalo e o imposto de palhota foram também outros motivos a considerar.

Em Helene, Gonçalo Chilundo considera as seguintes razões:

“Apesar de eu ter nascido em 1924 não cheguei a ver os khokholo, portanto penso que devem ter desaparecido por volta de 1905 ou 1910. Digo isto porque ainda vimos alguns cajueiros no mato, que os nossos pais diziam ser de habitações abandonadas.

Os khokholo desapareceram com a chegada dos portugueses e o início da cobrança do imposto da palhota. Quando chegassem a um khokholo eles contavam o número de contribuentes em função do número de casas construídas. Em cada uma distribuíam uma semente de milho. Acontece que um único chefe de casa podia ter mais de 5 palhotas distribuídas pela(s) mulher(es) e pelos filhos o que elevava demasiadamente os custos para o pagamento do Imposto. Assim, muitos preferiram afastarem-se do khokholo, para fugirem ao controlo das autoridades administrativas”.

Em Nhacutô, Ulembane e Bernardo Mavique consideram as seguintes razões:

“Os khokholo desapareceram com o poder colonial efectivo, nas primeiras décadas deste século. A introdução da cobrança compulsiva do imposto de palhota e o xibalo interferiu muito na nossa forma de organização. Veja que em 1937 houve um administrador alcunhado de *incuchuane* que introduziu, por falta de jovens, até o recrutamento de velhos para os trabalhos forçados. Ele usava um sistema de requisição em que o chefe de terras que não conseguisse reunir o número desejado, ficava com um défice negativo que devia compensar no recrutamento seguinte. Ora, como os jovens conseguiam fugir para as cidades ou para a África do Sul, como forma de compensação exigia que se incluíssem os velhos. Apesar disto, era quase impossível compensar. A pressão era tal que levou os chefes a enviarem para o xibalo, até os seus parentes próximos e filhos, o que contribuiu para a desconfiança e dispersão das pessoas dos khokholo. Alguns chegaram a ir a Homoine.

Outra razão foi o aumento de doenças e de epidemias que levou aos que coabitavam juntos a desconfianças de feitiçaria pelo aumento da mortalidade. O adultério também contribuiu”.

Estes extratos de entrevistas, dão as mesmas razões para o desaparecimento dos khokholo e o período cronológico são as primeiras décadas do séculoXX, período em que eles desapareceram.

Considerando a divisão em três tipos de khokholo que analisamos, podemos concluir que o primeiro tipo de khokholo que desapareceu foi aquele que tinha as funções

de defesa a seguir, foi o khokholo com funções sociais e só depois o khokholo religioso (das igrejas vindas da Europa e América).

A sustentação da nossa conclusão pode ser dada pela cronologia dos factos que permitiram a criação destas “fortalezas africanas” parafraseando Longle em que foi necessário procurarem formas de se defenderem das várias movimentações militares que já descrevemos, a seguir as fortalezas transformam-se em aldeias com a estabilização política caracterizada pela ocupação efectiva e, por último em comunidades religiosas que vieram na senda da pacificação das almas. Estas últimas, devem ter persistido até cerca de 1940-50, segundo Abner Jonas porque “os khokholo das missões protestantes permitiam a protecção contra o recrutamento forçado (xibalo) assim como contra a cobrança de impostos de vassalagem aos mineiros recém-chegados. O régulo não tinha autoridade suficiente para entrar nesses domínios religiosos. Era um acordo existente entre as autoridades coloniais e estes”<sup>160</sup>.

Admitindo ter havido um acordo entre as autoridades coloniais e estas igrejas, numa primeira, era de prever a afluência que estes khokholo deviam ter.

#### **IV.5- CONTRIBUIÇÃO PARA A COMPREENSÃO DO KHOKHOLO**

1- Os khokholo estiveram implantados em várias regiões do país e, na zona de estudo, podem se destacar os khokholo dos Cumbana, Macuácuca e dos Khambane. Portanto não representam um símbolo cultural exclusivamente dos chope.

2- Os khokholo não serviram para uma autonomia do poder político chope, pois se aliaram às “potências militares” da época na zona, para combater os que punham em causa o poder e privilégios da classe dirigente dentro de uma chefatura. Portanto asseguravam a sobrevivência individual de grupos políticos e étnicos mas não evitaram a interferência do exterior. O poder político dos khokholo nem sempre esteve nas mãos das pessoas tradicionalmente aceites pelas comunidades, devido às interferências exteriores que impunham dirigentes que defendessem as suas causas e privilégios.

---

<sup>160</sup> Abner Jonas, Mavila, 20/1/99

3-O desaparecimento se deve a transformações de ordem política pois “Com a segurança que resultou da administração portuguesa, tornaram-se inúteis estas autênticas muralhas”<sup>161</sup> e se introduziu a nova forma social e religiosa que foi emprestada ao khokholo e que permanece, na maioria da memória dos nossos entrevistados.

## CAP.V CULTURA E ETNICIDADE CHOPE<sup>162</sup>

### V.1-COMO SE IDENTIFICAM A SÍ PRÓPRIOS

Para analisarmos a forma como o chope se define a sí próprio iremos tomar como base os aspectos recolhidos em Zavala e Inharrime, que dizem respeito a: *formas de governação, rituais de iniciação, casamentos, folclore, cerimónias fúnebres [ver mapa linguístico de Moçambique]*.

Sobre as formas de administração dos khokholo, Gabriel Afussene Cumbane e Mateus Mussasse Nhansengo, ambos de Inharrime, afirmaram que “Entre Zavala e Inharrime, zona do chope, não há diferença. Os régulos nessa altura não vestiam calças, só punham capulanas. O chefe podia sentar-se numa <cadeira> feita de tronco de árvore ou numa esteira de pele de animal ou ainda podia vestir *xivanhula* (paño feito a partir da casca de árvore). Os chefes só dirigiam rituais colectivos de grande impacto como o início da época agrícola e no período de seca, o pedido de chuva entre outros.

Para a realização destas cerimónias era convocada toda a comunidade para junto da árvore sagrada (geralmente *nrombe, nchavo*) onde realizavam os *mipachos* (evocação dos espíritos).

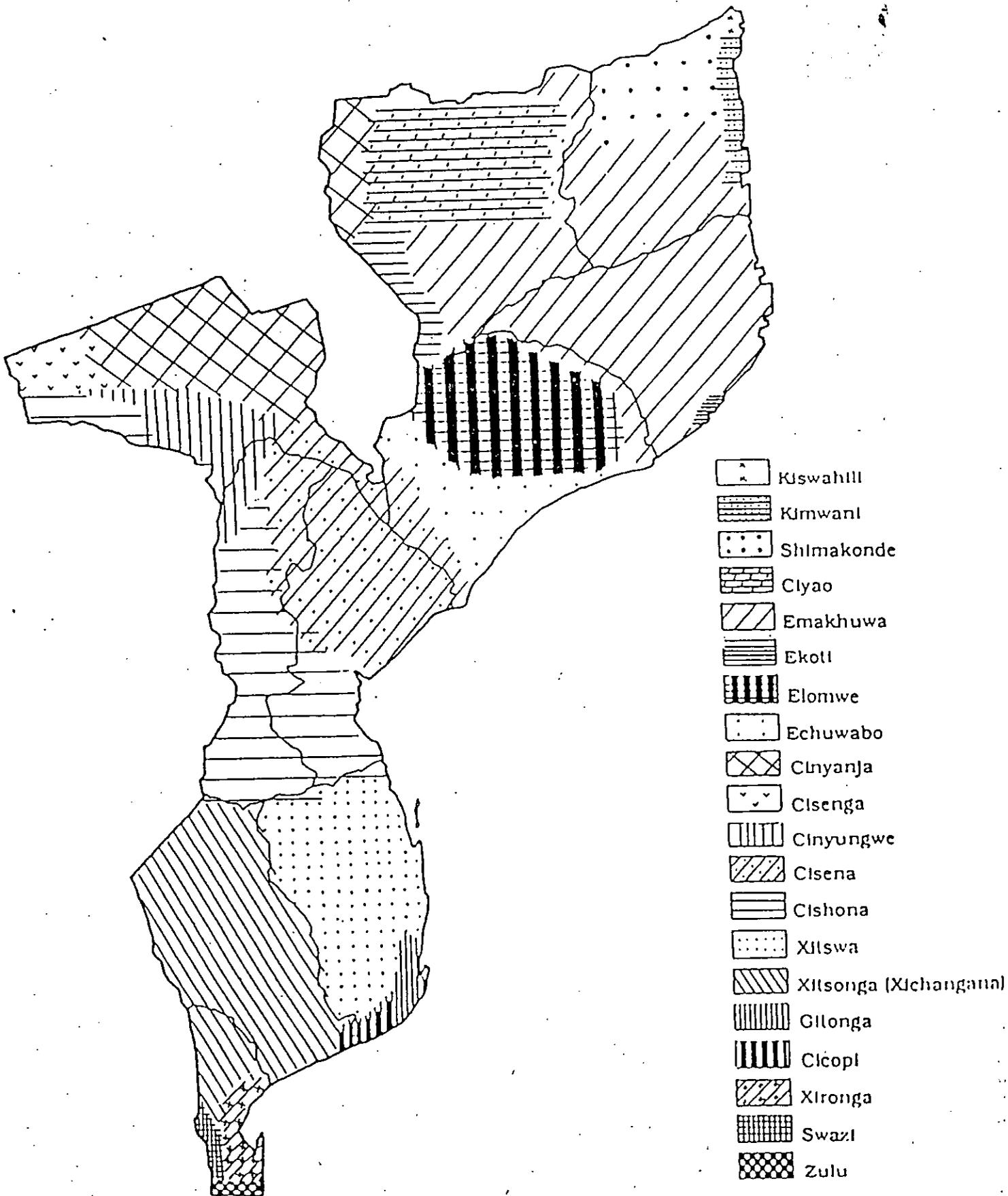
Para o ritual sagrado matavam cabritos, galinhas e ovelhas. Toda a cerimónia era estritamente dirigida por aquela linhagem reconhecida por todos. Dentro do khokholo a comunidade era dividida por pequenos grupos, segundo a sua importância política, o sexo e a idade. O chefe ficava à parte com os indunas e seus conselheiros. Os indunas e os *mahalamos* (espécie de polícia) é que transmitiam as ordens, velavam pelo seu cumprimento e cobravam o imposto”.<sup>163</sup>

<sup>161</sup>Lima, 1975:22

<sup>162</sup> A forma aportuguesada mais correcta na grafia da palavra é chope (pl. chopes). Santos, 1941:10

<sup>163</sup> Gabriel A. Cumbane e Mateus M. Nhansengo, Inharrime, 2/6/99. Francisco Zavala, meu sogro quando tinha entre 12-14 anos (1922/24), visitou a corte de Sibonine e conta que as mulheres deste, eram divididas em duas aldeias sendo uma das mulheres que ainda não tiveram filhos, que eram proibidas de saírem de lá,

MAPA LINGUÍSTICO DE MOÇAMBIQUE



Quanto à sucessão “Os bachopes ainda dão preferência na ordem de sucessão à linha colateral do 2º grau. O herdeiro natural é sempre o irmão mais velho a seguir a quem morreu, ou, na falta deste, o que se lhe seguir em idade. Não existindo nenhum irmão, a herança pertence ao sobrinho mais velho, filho do irmão mais velho”<sup>164</sup>.

Prosseguindo, os nossos informantes de Inharrime quanto aos ritos de iniciação disseram: “Os ritos eram realizados no mato sob a direcção de um curandeiro escolhido pelos anciãos da comunidade. Os dias de permanência dependiam desse curandeiro e podiam ser duas semanas ou um mês. Aos jovens era-lhes ensinado primeiro, a diferença entre o homem e a mulher e depois outros aspectos como a caça e destreza. Neste local, nenhuma mulher devia-se aproximar para ver os *tihuntsas* (rapazes em tratamentos). Mesmo quando necessitava entregar os mantimentos, devia ficar a uma distância de cerca de 500 metros e devia ser uma pessoa que estivesse a abster-se de relações sexuais. Era perigoso para os que estavam em tratamentos comer alimentos confeccionados por “uma mulher quente” pois a ferida nunca sararia<sup>165</sup>.

Mavique e Ulembana, sobre os ritos de iniciação disseram que “primeiro os mais velhos iam consultar um curandeiro para a escolha da pessoa que devia dirigir a cerimónia assim como a primeira pessoa a ser circuncidada, que devia ser da família real e era chamada de *ditsuwa*. Depois eram recrutados todos os jovens que tivessem a idade necessária (8-12 anos) e concentrados em casa do régulo, acompanhados por uma grande orquestra de timbila. Seguiam depois para o mato, num lugar previamente escolhido pelo curandeiro onde eram os circuncidados. Permaneciam aí até sararem as feridas. Não éramos ensinados nada de especial a não ser a caça e as diversões. A volta a casa, vínhamos com novos nomes<sup>166</sup>.

Estas informações, apesar de faltarem alguns pormenores num e noutro, completam-se no essencial.

Para a manutenção do poder segundo Junod “Alguns clãs do Norte (alto Limpopo) costumavam *engolir uma das pedras* encontradas no estômago dum crocodilo. Dizem que, quando esquartejam os crocodilos, encontram um certo número de pedras, e supõem que o animal comeu uma em cada ano, quando começa a estação das chuvas. Uma de entre elas é escolhida e untada com certas

---

não tinham machambas eram alimentadas pela comunidade e, outra, das que já têm filhos que ficavam junto a estes. Todos os dias, pela manhã, todos os filhos deviam ir saudar o pai e só conversava com o mais velho de todos, a quem podia mandar chamar outros que desejasse mandar alguma coisa.

<sup>164</sup> Sequeira, 1956:5

<sup>165</sup> Ibidem, Inharrime, 2/6/99

<sup>166</sup> Filipe Ulembane e Bernardo Mavique, Nhacutô, 6/6/99. Sobre a circuncisão Junod dá informações que não diferem muito destas. Faz comparações entre os ritos “indígenas” e as preces religiosas cristã. Junod, 1974: 79-82 e 501a503, Tomo I. Sobre o tabú nas relações sexuais e a circuncisão, pag. 182; Toscano, 1941:39 considera os 12 a 14 anos como a idade em que eram levados para a circuncisão, no meses de Maio/junho.

*mezinhas*, depois engolida pelo chefe. Os indígenas crêem firmemente que esta pedra fica no corpo do chefe e que ela é <<a sua cabeça, a sua vida>>. Quando ela passa nas evacuações pela primeira vez, é um aviso premonitório. Quando isto sucede segunda vez é uma indicação de que o chefe vai morrer. Assim, os chefes podem sempre saber quando está a acabar o seu tempo<sup>167</sup>.

No casamento, os princípios observados eram os seguintes: “Para desposar uma rapariga era necessário ser conhecida a sua proveniência, a sua conduta assim como da sua família. Por exemplo, uma pessoa daqui da vila de Inharrime, se pretendesse uma rapariga de Inhacoongo (deve distar cerca de 15-20 km) não podia ser aceite o seu pedido, antes de se enviarem espiões para a zona onde o pretendente reside, para pesquisar a sua conduta assim como o seu apelido. A pesquisa do apelido era importante porque existiam famílias que não devem trocar noivos devido a laços anteriores de um dos membros destas famílias. Esta forma ajudava a manter as famílias unidas, facilitando a entreajudada nos tempos de crise.

Um casamento com uma família desconhecida, era difícil porque nessa altura vivia-se no khokholo e cada um era identificado pelo apelido dos seus ocupantes e as trocas de casamentos eram realizados pela vizinhança para facilitar o conhecimento prévio da família e o controlo do nível de tratamento dispensado à sua filha. Casos de uma pessoa vinda de muito longe, era pouco usuais, para não dizer que não existiam, era difícil.

Estas regras aplicavam-se entre os vários grupos chope, portanto quem pertencia à etnia chope não devia excusar-se destes princípios. Mesmo entre pessoas de Zavala e Inharrime deviam cumprir com estas regras<sup>168</sup>.

Em Mavila Abner Jonas deu as seguintes considerações, quanto ao casamento “Quem decidia para a realização de um casamento eram os pais, tanto da noiva assim como do rapaz. O princípio era a pesquisa das meninas que existem na região em idade ideal, a sua conduta e dos pais. Apresentada a proposta à família da menina, esta também procurava saber um pouco mais da família do rapaz. Era um estudo mútuo. Não era frequente procurar uma menina muito distante, porque as pessoas viviam em comunidades homogêneas, o que levava a que se trocassem os casamentos entre sítios próximos. Por mais que a pessoa fosse chope se não fosse conhecida nessa região, dificilmente podia desposar uma rapariga desse lugar.

O caso de aparecer chope a casar com pessoas de outras linhagens é de agora que fomos misturados pelos colonos e pela independência, pois agora em toda a zona se encontram muitas pessoas que não são originárias. Mesmo para estes casos é preciso que antes de se assumirem os compromissos do

<sup>167</sup> Junod, 1974:381. O meu sogro, Francisco Zavala, confirmou que o régulo Sibone de Mucumbi tinha engolido uma pedra de crocodilo.

<sup>168</sup> Gabiel A. C. e Mateus M. N., Inharrime, 2/6/99

casamento, espionar-se a outra família.

Não havia casos em que o rapaz ou rapariga se recusasse a casar por não gostar do outro pois os filhos sempre acreditaram na boa fé dos seus progenitores, por isso quase sempre aceitavam a escolha feita. Eram muito submissos.

Outra forma de casamento acontecia quando um pai tivesse dívidas que não conseguia saldar, com alguém ou imposto atrasado, podia levar a sua filha para a casa da pessoa a quem deve como “penhor”, ou a outra pessoa que pudesse emprestar-lhe a quantia desejada. Depois de conseguir reunir o dinheiro podia ir pagar e levar a sua filha de volta. Casos existiam em que ela já tinha tido filhos nessa casa então, a decisão cabia ao dono do dinheiro que devia optar por pagar o lobolo para ter o direito paternal desses filhos e ficar com a menina ou aceitar o seu dinheiro de volta perdendo estes direitos. Caso ela não gostasse, por alguma razão desse lar, podia sair desse casamento forçado mediante o pagamento da dívida, por ela ou por outra pessoa que estivesse interessada por ela, *ku sengula*.<sup>169</sup>

Sobre o casamento por “penhor” Ulembana e Maviqwe afirmam que apareceu com o uso crescente da moeda para a vida das pessoas pois só as pessoas carentes é que se viam obrigados a isso. Junod também fala das alterações que se observaram no lobolo, devido à monetarização (Junod, 1974:267 e 343).

Os casamentos entre pessoas de diferentes etnias começaram quando as pessoas se encontravam na minas da África do Sul e nas pequenas vilas e cidades onde iam trabalhar onde se conquistavam a amizade que resultava em promessas de casamento para um deles ou para os filhos, como forma de perpetuar essa amizade. Outro caso começou com a ascensão das igrejas no domínio familiar, que passou a encomendar os casamentos não segundo a etnia mas sim segundo a conduta religiosa.

A etnia preferida para contrair casamento interétnico entre os chope é a *mátswa*. Maviqwe e Ulembana justificam que “se fosse a escolher outra etnia para casar com a minha filha, seria a *mátswa* porque têm alguns costumes um pouco aproximados aos nossos. Isto vem desde os tempos de xibalo em que foram levados vários chope para a zona dos *mátswa*. Este convívio forçado, misturou e influenciou os hábitos culturais de cada um dos lados. É por isso que até hoje existem muitas comunidades chope na zona dos *mátswas*. Portanto, em relação aos rongas, bitongas e machanganas os *mátswas* são um

---

<sup>169</sup> Abner Jonas, Mavila, 4/6/99. Sobre a legitimidade de paternidade, ver Junod, Tomo I, 1974: 50 e 269; António de Almeida, 1965:106-7. Obediência absoluta aos pais, pág. 481; Sobre o casamento forçado, Toscano considera que ele acontecia mais com os velhos pois os novos com dinheiro, preferiam escolher noiva à sua vontade. Toscano, 1941:9

mal menor<sup>170</sup>.

Xitimela Novela justifica a escolha dos mátswas nos seguintes termos “A maior mistura aconteceu entre os chope e os mátswa sobretudo devido aos encontros religiosos em Chicuque que nós chamamos de Jerusalém. Aí começaram as trocas de casamentos frequentes entre os jovens chope e mátswa e as consequentes aproximações culturais. Mas acontece que em Chicuque não só há mátswas mas também temos bitongas. Mas não eram frequentes os casamentos com estes, devido aos seus princípios de avarenta económica “*housa na housa nani*” (coma o que é seu que eu comerei também o que é meu) o que contrasta com o altruísmo chope. Mesmo agora por maior amizade que um bitonga tenha consigo se te serve alguma coisa, depois de consumir, quando agradece ele diz: agradece para quê se nos matou, até aos filhos que ainda vamos conceber”. Esta frase é tão antiga que nem os nossos bisavôs. Agora, com os mátswas o único problema é que não faziam a circuncisão o que não é aceite pela nossa cultura. Contudo, acabaram-se adaptando e a maioria já faz sem problemas.”<sup>171</sup>.

No concernente ao folclore que caracteriza as populações chope de Zavala e Inharrime, consideram-se as timbila e ngalanga. A diferença entre estas, reside no facto de ngalanga incluir vários tipos de *tingomas* (ngoma) para além das timbila, enquanto que as timbila são uma orquestra quase exclusivamente constituída por estes instrumentos. Neste momento, predomina mais timbila em Zavala e ngalanga em Inharrime. Para se saber a razão deste facto, as respostas foram:

Gabriel A. Cumbane e Mateus M. Nhansengo, Inharrime “A variação entre dançar timbila e ngalanga depende da pessoa que forma o grupo se gosta mais de um forma ou da outra. Na zona existem pessoas que dançam timbila e ngalanga. Aqui em Inharrime, também temos vários grupos de timbila. Vestem o mesmo material, as peles e as azagaias. O que aconteceu é que durante o governo de transição praticou-se mais ngalanga aqui em Inharrime do que as timbilas, mas agora recomeçou com força a dança das timbilas. Veja que nessa altura eram frequentes concursos periódicos para a eleição dos melhores grupos, e nele participavam ngalangas de Zavala e de Inharrime assim como as respectivas timbilas. Vezes houve que aconteciam empates, pelo nível que ambos apresentavam”<sup>172</sup>.

Para Xitimela Novela em Mavila, “Apesar de haver mais ngalanga em Inharrime do que aqui onde temos mais timbilas, é tudo igual. Todos identificamos-nos com estas duas formas de dança. As

<sup>170</sup> Mavique e Ulembana, Nhacutô, 6/6/99

<sup>171</sup> Xitimela Novela, Mavila, 5/6/99

<sup>172</sup> G.M.Cumbana e M.M Nhansengo, Inharrime, 2/6/99

variações dependem das pessoas que formam os grupos”<sup>173</sup>.

Abner Jonas também em Mavila disse que “Nas manifestações culturais não há diferença entre Inharrime e Zavala pois tanto aqui assim como lá temos as timbila e ngalanga. Pequenas diferenças existem nas melodias, tal como nas linguas. A árvore usada para o fabrico das timbilas é a mesma, o *mwenje* e existe em Guambene. Mesmo nos versos existem diferenças. Em toda a zona chope temos timbilas, ngalangas e xinvecas”<sup>174</sup>

Mavique e Ulembane também falaram das timbilas, nagalangas e chinvecas em toda a zona chope, mas com pequenas diferenças nas afinações que variam de zona para zona, tal como o sotaque da lingua falada. As razões dessas diferenças podem ser os poemas que são diferentes e, os movimentos no teclado. Consideram que em Zavala o teclado é de fora para o centro enquanto em Inharrime é do centro para fora<sup>175</sup>.

Sobre as timbilas (xilofones) Rocha diz que “São instrumentos musicais de larga divulgação no continente africano, sendo todos tocados na África Oriental, Central e Ocidental, e não só nas regiões habitadas pelos povos bantos. Mas em todos os tipos de xilofones tocados nessas regiões, parece não haver dúvidas de que eram os xilofones construídos e tocados pelos chope, quer pela qualidade do som que produziam, quer pela sua variedade no número de notas e extensão, quer ainda pela sua complexa organização em orquestras, aquelas que atingiram a maior sofisticação e se tornaram, sem favor, no exemplo mais elevado de todos os instrumentos musicais africanos, tendo até a sua influência ultrapassado os limites do continente africano”<sup>176</sup>.

Finalmente trataremos da forma como os chope cuidavam dos seus mortos. Das várias informações recolhidas, pensamos que a dada por Bernardo Mavique e Filipe Ulembane é a mais completa. O primeiro é um antigo professor e funcionário de administração, um intelectual, o segundo um antigo régulo. Eis o que disseram:

“Aqui na nossa zona a pessoa era enterrada por três a quatro pessoas. Na altura da retirada do corpo de dentro da casa, as pessoas deviam esconder-se para não verem o defunto e só saim depois de terem a certeza de que o cortejo está longe. As pessoas responsabilizadas para esta tarefa eram chamadas de

<sup>173</sup> Xitimela Novela, Mavila, 5/6/99

<sup>174</sup> Abner Jonas, Mavila, 4/6/99. Sobre a árvore *mwenje* Ilídio Rocha diz que existia em Zavala e a acção humana é que a fez desaparecer. Rocha, 1986:35

<sup>175</sup> Mavique e Ulembane, Nhacutô, 6/6/99. Toscano fala das timbilas e ngalanga ou Ingoma como “a festa de maior estrondo que os bachopes de Inharrime, Zavala e Zandamela, tinham e têm” Toscano, 1941:19

<sup>176</sup> Rocha, 1986:33-34; Dias, M. 1986:46-47 tem mais ou menos a mesma opinião sobre estas orquestras de marimbas dos chope.

<<hienas>>. No local do enterro, depois de realizado, faziam desaparecer todas as marcas que pudessem permitir a sua localização futura. Estas <<hienas>> deviam ser pessoas mais velhas da comunidade. Portanto a morte era envolta em muito tabús.

No caso do enterro do régulo (*nkoma*), este não era efectuado no mato como os outros. Era enterrado dentro da sua casa que depois era abandonada até cair de podre.

O corpo do chefe, geralmente era depositado com alguns objectos e outras coisas mágicas pois acreditava-se que, se a sua morte foi provocada por feitiço, ele poderia vingar-se. Isto acontecia geralmente quando a morte fosse súbita ou de um jovem.

A notícia da morte do régulo era escondida durante a maior parte do tempo possível mesmo para as suas mulheres, como forma de a família real continuar a receber as benesses reais que os súbditos continuariam a trazer. A vigilância para que isto não acontecesse, era feita pela linhagem candidata ao trono, na linha da sucessão. Contudo, havia casos em que a aldrabice durava meses.

O corpo do defunto era quebrado até ficar pequeno, na posição de sentado e era depositado numa espécie de gaveta que se fazia dentro da cova para evitar que o corpo apanhasse arrea directamente. Esta gaveta dentro da cova, era feita para qualquer pessoa<sup>177</sup>.

Xitimela acrescentou a forma como é deitado o corpo do defunto que “deve ser do lado direito se fosse um homem e, esquerdo se fosse mulher. O significado desta situação é porque o homem ampara a sua mulher do lado direito e esta, recebe o seu marido do lado esquerdo. A actual forma de deitar o corpo pelas costas é devido à influência das igrejas<sup>178</sup>.

O que foi dito por estes anciãos referente a Zavala não difere das informações recolhidas em Inharrime.

O elemento central de identificação é a língua chope. Contudo, esta língua possui várias variantes regionais que se distinguem pela pronúncia e permite identificar a origem geográfica dessa variante. Considera-se Mavila como o centro da língua chope. Antes de serem denominados por CHOPE, eram conhecidos como Valengues<sup>179</sup>. O facto de os chope aparecerem conotados com os trabalhos de salubridade da cidade, consideraram as seguintes razões: Serem obedientes e cumpridores em relação aos outros grupos étnicos e conhecerem um medicamento que “abria o apetite”.

<sup>177</sup> Maviqwe e Ulembane, Nhacutô, 6/6/99. Junod, 1974, TomoI pp. 359, 398 e 400 fala do sigilo que se conserva na morte do chefe. Na pág. 159 refere a denominação de “hienas” às pessoas responsáveis pelo enterro.

<sup>178</sup> Xitimela, Mavila, 5/6/99. Junod fala da ocupação do espaço dentro da palhota em que o lado direito é reservado ao homem e o esquerdo à mulher. Junod, TomoI, 1974:136

<sup>179</sup> Santos, na Gramática da Língua Chope afirma que só os chope de Coguno e Mucumbi se consideravam

## V.2- COMO ERAM VISTOS POR OUTROS

Rita-Ferreira considera que “a especificidade cultural dos chope foi reconhecida não só pelos europeus (portugueses, holandeses, britânicos e austríacos) como também pelos africanos das diversas etnias com quem entraram em contacto, nomeadamente tsongas, bitongas e angunes”<sup>180</sup>.

Diogo de Couto, relatando o naufrágio de 1589, aludia aos <<cafres chamados Mocrangas, grandes ladrões>>; Vaz de Almada, em 1622 foi avisado pelos monarcas de Inhaca, Manhiça e Inhampurra que os <<Mocrangas>> eram gente de má índole, useira em práticas de rapina; O comandante da feitoria Holandesa em 1730 escreveu que, segundo lhe parecia, <<os Okalange mais próximos (do mar) eram considerados como nação desprezível>>; Junod narra que os rongas se consideram muito superiores aos chopes; Cabral afirma que <<O Muchope á considerado como ente inferior pelos batongas e landins e é tratado com desprezo por estes, desprezo a que eles humildemente se submetem>><sup>181</sup>.

Depois de expôr como eram vistos os chope, ele concluiu que “Estas e muitas outras opiniões inclinam-nos por conseguinte, a definir a existência de um fenómeno de desconfiança e até de discriminação colectiva contra uma etnia estranha e diferente semelhante ao que vitimou, durante séculos, na própria Europa, certas minorias como a dos judeus e a dos ciganos”<sup>182</sup>.

Matos cita H.P.Junod á considerar como umas das cracterísticas que distinguem os chope: “tatuagens e escarificações elaboradas, orquestras aperfeiçoadas de xilofones, uso de casca de árvore como vestuário, formosos gomis de madeira, cerimónias de iniciação típicas e, acima de tudo uma língua genuinamente sua e distinta das restantes”. Junod considera ainda “que os chope são os mestres da timbila, apesar de outros grupos, como os tongas também o terem adoptado”<sup>183</sup>. Sobre as orquestras de marimbas, vulgo timbilas, Margot Dias afirma que “Na Zona Sul de Moçambique aparecem os chope como sendo os mais afamados músicos, precisamente pelas suas orquestras de marimbas, que se apresentam de uma forma bastante única na África Oriental quanto à maneira de usá-las. Como já Frei João dos Santos descreve da Zona Central, também na Zona Sul a orquestra pertence a um <<homem grande>> ou <<rei>>, que ainda hoje, nesta região, é o << régulo>>. O régulo é que manda na sua orquestra, destina as ocasiões em que têm que tocar, etc”<sup>184</sup>.

---

Valengue. 1941:9-10

<sup>180</sup> Rita-Ferreira, 1982:190

<sup>181</sup> Idem

<sup>182</sup> Rita-Ferreira, 1982: 189-90

<sup>183</sup> Matos, 1973: 31-32; Junod, TomoII,1974: 244. Na pág.278, TomoI, fala dos chopi que constroem casas quadradas, dispõe-nas em linha recta, crêem que os seus deuses ancestrais habitam nos rios, etc.

<sup>184</sup> Dias, 1986:46-47

Ramiro Lopes de Sequeira, na sua monografia etnográfica diz que, “os bachopes, segundo vários autores, aparecem-no, ainda hoje, como uma tribo distinta, em virtude de nunca se ter deixado absorver nem pelos tongas, nem pelos zulus. Os mais numerosos e mais puros agrupamentos desta tribo encontram-se nas circunscrições de Zavala e Muchopes. (...) A sua tatuagem, o costume ainda existente entre eles de limar os dentes incisivos, o uso do arco e da flecha são outras das suas características. Noutra passagem dá as características físicas “a cor predominante é castanho-escuro, os casos de albinismo são raros. O crânio é predominantemente dolicocefalo. A altura média é de 1,66 metros, cabeça bem revestida de carapinha, boa dentadura, beiços grossos, nariz chato e largo e prognatismo acentuado, fonte estreita, barba rala”<sup>185</sup>.

Fernando de C.P. de Lima diz que “Entre os chopos e o seu ramo Valengue observa-se uma tatuagem étnica que permite distinguir imediatamente as mulheres das suas vizinhas changanas. Naquelas existe uma linha de incisões que se estende do canto de cada olho até às orelhas. Além destas marcas, as mulheres chopos e valengues idosas apresentam duas linhas que correm da comissura esquerda da boca até ao lobo da orelha”<sup>186</sup>.

Quanto aos hábitos alimentares Rita-Ferreira cita Augusto Cabral a definir os costumes dos chope como “os que comem tudo que aos outros causa repugnância: cobras, lagartos, crocodilos, milhafres”<sup>187</sup>.

Rita-Ferreira considera ainda como elementos que distinguem os chope “As armas de ferro e os ornamentos de cobre, estanho e marfim, colocam essa população, fora de qualquer dúvida (no sentido de diferente), já na Idade de Ferro Recente. Esse domínio de arcaicos elementos proto-chonas tem sido confirmada por linguístas, antropólogos e musicólogos. Têm provavelmente essa origem costumes como a extinção ritual do fogo e o juramento solene do tambor real e também a escala heptatónica em que estão afinados os xilofones, diferente da escala pentatónica em que se baseia a canção tsonga”<sup>188</sup>.

A agricultura e a caça são consideradas as actividades mais importantes que os permitiu aperfeiçoar e dominar o uso do arco e da flecha. No concernente à agricultura,

---

<sup>185</sup> Sequeira, 1956:1-2 é de estranhar o facto de não ter indicado Inharrime como local dos chopi puros, pois na circunscrição dos Muchopes é onde temos a maioria dos chopi cruzados com os chengana os *Valengues* ou *Vandongues* que, segundo o Anuário de Moçambique “não constituem uma raça distinta, mas apenas o cruzamento já muito espalhado entre as mulheres muchopes e landins”. Anuário de Moçambique, 1940:442

<sup>186</sup> Lima, 1975:144

<sup>187</sup> Rita-Ferreira, 1982:196-97

<sup>188</sup> Rita-Ferreira, 1982:186-87

Cabral afirma que “o muchopi é sobretudo agricultor”<sup>189</sup>.

Abner Jonas afirmou que “os bitongas se consideram seres superiores em relação aos Chope, que consideram um ser do mato, porque eles se relacionaram primeiro com os portugueses. Assim, tiveram a oportunidade de aprenderem as artes de carpintaria, alfaiataria, pedreiros antes de nós. É por isso que poucos progrediram nos estudos porque bastava ter uma destas artes, consideravam suficiente para a sua vida”<sup>190</sup>.

### V.3- CULTURA MATERIAL E ECONOMIA

Quanto ao à cultura material e à transição para uma economia monetária Matos cita Caldas Xavier a considerar :“a venda de panos de casca de árvores às feitorias portuguesas e estrangeiras para enfardamento das mercadorias, venda de pães de sal a outras populações, fabrico de enxadas em forjas locais, uso de engenhos de madeira para moer cana, alambiques, etc”<sup>191</sup>. Na indústria do “Bashopes” Cabral fala de “txalos (panos de casca de árvores), flechas e azagaias de ferro, enxadas, machadinhas e peles de macacos e gatos bravos”<sup>192</sup>.

Os chope que acompanhavam Longle, permitiram que ele fizesse a seguinte observação “Já tinha reparado que quasi todos eles levavam embrulhos bastante grandes. Era tabaco, algumas fazendas, enxadas que no caminho trocavam com mantimentos. Os indigenas ocupam-se muito em explorar o sal que exportam para além do Inharrime. Esta substância encontra-se na planície de Inhaçune; para extrair os pretos recolhem as areias das antigas lagoas numas vasilhas imensas feitas de cascas de árvores pelas quais fazem filtrar a água. Esta água, pela fervura, abandona o sal que dissolve”<sup>193</sup>.

Rita-Ferreira acrescenta que os chope cultivavam a mapira e a maxoeira e criavam galinácios e gado miúdo<sup>194</sup>.

---

<sup>189</sup> Cabral, 1910: 106

<sup>190</sup> Abner Jonas, Mavila, 4/6/99

<sup>191</sup> Ibidem: 57

<sup>192</sup> Cabral, 1910:105

<sup>193</sup> Longle, 1886:60. Aqui temos exemplos do aproveitamento dos recursos naturais disponíveis, a floresta e as lagoas de água salobre.

#### V.4-CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão entre aquilo que os chope acham de si e aquilo que os outros pensam deles, podemos afirmar que ainda persistem as desconfianças de não se aceitarem de ânimo leve, os casamentos entre etnias diferentes, sobretudo nas zonas rurais. Nas cidades, tende a desaparecer o padrão de identificação étnica mais importante, a língua, nas gerações mais recentes, anos 75 em diante. Antes deste período era notória a luta pela preservação étnica, que consistia na manutenção da língua nas casas, o envio “da mulher para dar parto na terra”; o investimento em gado e construção da melhor casa, na terra; o envio regular dos filhos para conhecerem a família, na terra; a participação regular nos eventos mais importantes que de davam, na terra entre outros laços étnicos.

A tentativa de discriminar os chope, pensamos que deve ser entendida na perspectiva avançada por Rita-Ferreira da “existência de um fenómeno de desconfiança e até de discriminação colectiva contra uma etnia estranha e diferente”, já citada, o que deve ter contribuído para um esforço de coesão e solidariedade mútua que prevalece entre os chope, até aos nossos dias.

Nas relações com outros grupos étnicos, ainda são visíveis as desconfianças nos mais velhos, em procurarem que a os seus filhos se casem com pessoas da sua etnia, como forma de pertetuar o grupo.

#### VI-CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como objectivo dar bases para a compreensão da estrutura da etnia chope que vivia nos khokholo, no século XIX. Serviu também para uma tentativa de definição da cultura e etnicidade chope. Não se pode considerar um trabalho acabado mas sim um contributo para futuras investigações direccionadas aos chope e à região.

Ao longo do trabalho constatei que:

Os khokholo ou fortificações com palissadas não devem ser entendidos como uma

---

<sup>194</sup> Rita-Ferreira, 1982:34

forma de ocupação de espaço específico para uma determinada etnia, pois temo-las espalhadas para várias partes do país e do continente, diferindo nos nomes e, talvez nas funções.

As comunidades que viviam nestes khokholo tinham o seu sentido de unidade familiar, o hábito de mútuo auxílio, a disposição de partilhar a comida com os outros num círculo fechado onde não havia lugar para estranhos e o amor e o interesse estendiam-se só aos membros da família.

O período cronológico em que são reportados vai até 1950, portanto muito além do século XIX, nosso tempo de estudo, e ao longo deste decorrer do tempo, as funções e o conceito do khokholo sofreram alterações. E neste contexto que a maioria dos nossos informantes pouca informação tinha dos khokholo com palissada e referências a ataques, devido ao período em que viveram ter sido de sossego. Assim, alguns nasceram nos khokholo, no início do século XX e viram ou ouviram falar dos khokholo religiosos.

O khokholo foi portanto, uma forma de organização do espaço social com as suas hierarquias e as actividades económicas do grupo (agricultura, caça), eram realizadas em redor. Esta estrutura veio a desaparecer com a chegada dos portugueses e o início da cobrança do imposto da palhota<sup>195</sup>.

No que toca à estrutura da etnia chope, esta foi formada por elementos de múltiplas origens étnicas, mas com predomínio original de cocas e, posteriormente, de chona-carangas (Rita-Ferreira, 1982:189). A sobrevivência da cultura processou-se talvez analogamente ao século XIX, quando a maioria das chefaturas chope foram incorporadas politicamente pelos nguni e pelos portugueses mas conseguiram manter a sua identidade que os caracteriza: **a língua, o arco e a flecha e as timbilas.**

A sua forma de governação, rituais de iniciação, de casamento, folclórico e cerimónias fúnebres sofreram muitas alterações até aos tempos actuais.

---

<sup>195</sup> Quando chegassem a um khokholo eles contavam o número de contribuentes em função do número de casas construídas. Em cada uma distribuíam uma semente de milho. Acontece que um único chefe de casa poder ter mais de 5 palhotas distribuídas pelas mulheres e pelos filhos o que elevava os custos da quantia para o imposto. Assim, muitos preferiram afastarem-se do khokholo, para fugir ao controlo das autoridades administrativas. Gonçalo Chilundo, 21/1/99.

O mato denso, era o tipo de vegetação predominante considerando os animais selvagens mencionados no período dos khokholo, o que favoreceu ao isolamento e fragmentação das comunidades assim como à construção deste tipo de aldeamento. A maior extensão da região de estudo é caracterizada por um clima tropical húmido e uma precipitação média anual de 1000-1400mm<sup>3</sup> o que favoreceu ao crescimento rápido da vegetação permitindo, por sua vez, um óptimo habitat.

A estrutura política e linhageira que existia no século XIX era resultado de conquistas dos séc. XV-XVII aproximadamente. Devido a estas conquistas quase desapareceu da estrutura linhageira esse extrato mais antigo da população proto-chope, muito embora tivessem prevalecido a língua os costumes. Os sucessivos grupos que o vieram dominar, deixaram algumas das sua influências, tal é o caso de homens que furam as orelhas e o uso da azagaia e rodela, nas orquestras das timbilas dos chope.

A entrada de uma economia monetária no séc. XIX, provocou uma transformação na forma de vida comunitária nos khokholo pois as famílias, além daquilo que devia produzir para o seu sustento, passaram a procurar aumentar o seu excedente para amealharem dinheiro não só para as suas despesas, mas também para os impostos. Aumentou a pressão sobre os recursos, desbravou-se mais a floresta; as redondezas do khokholo tornaram-se insuficientes para as machambas da população residente no seu seio; as famílias procuram novos espaços, a aldeia desfaz-se, desaparece o khokholo.

Nos finais do século XIX (1885-96), em *Wutonga* no interior de Inharrime estabeleceu-se a Igreja Metodista Livre. É o período em que muitas igrejas protestantes vindas da Europa e da América procuram evangelizar o sertão. A forma de organização que adoptaram, foi a construção de aldeias, khokholo. Eles se desenvolveram até na década de 40-50 do século XX. Após este período, desaparecem. Os khokholo passaram à história.

Ao nível comparativo o Estado Khambane com talvez 10-15 khokholo e uma área tributária na qual existiam outros khokholo pode ser comparado com o Estado de Massangano (cf. 1.4, 10.1). Os Estados Chope tinham poucos khokholo talvez um a cinco e quando existissem mais indicava contradições internas, como no caso de Zavala-

Nhacutô.

De notar ainda que o termo Chope originado no século XIX, era mais abrangente em 1880-90 do que em ca. de 1950. Em 1880-90 abrangia os Chope e os actuais Khambane e em 1950 se encontra reduzido ao actual grupo Chope, portanto os mesmos que em 1840 eram conhecidos como "mindongues" em Inhambane.

### **RECOMENDAÇÕES**

No trabalho de campo efectuado com os docentes Ricardo Teixeira Duarte e Gerhard Liesegang, foram recolhidas 4 amostras de cerâmica decorada do século XIX, na superfície das machambas. No local indicado como o secular khokholo de Gwamba Grande, não tivemos a mesma sorte. Pela sua importância e antiguidade seria de recomendar um trabalho arqueológico para localizar e preservar este local histórico.

## VII. BIBLIOGRAFIA

### I-FONTES ORAIS

NOME DO ENTREVISTADO	LOCAL	DATA	DATA
		1ª FASE	2ª FASE
Domingos Leonardo Mucumbe c)	Vila de Inharrime	3/3/99	31/5/99
Leonardo Sibone Mucumbe c)	Vila de Inharrime	3/3/99	
Teófilo José Benedito c)	Mucumbi	2/3/99	
Gabriel Afussene Cumbana	Vila de Inharrime		2/6/99
Mateus Mussassane Nhansengo	Vila de Inharrime		2/6/99
Ângelo Zavala	Manvunjana	1/3/99	
Abel Jossefa	Coguno	23/1/99	
Ancião cego- 1910	Coguno	24/1/99	
Manuel Basquete Guambe d)	Coguno	24/1/99	
Castigo Jacopo Guambe a)	Coguno	24/1/99	
Jamisse Guambe	Mijohote	1/2/99	
Januário T. Guambe	Mijohote	1/2/99	
Estêvão Nhachengue	Mijohote	1/2/99	
Samuel Penicela Guambe	Mijohote	1/2/99	
Ramiro Picuaze Guambe	Mijohote	1/2/99	
Manasse Macitela	Mijohote	1/2/99	
Tomaz M. Guambe d)	Mijohote	1/2/99	
Gonçalo Chilundo	Helene	21/1/99	
Alfa Bento	Helene	21/1/99	Maputo- 7/11/99

Bernardo Mavique b)	Zavala 19/1/99	Nhacutô 20/1/99	Nhacutô 6/6/99
Abner Jonas a)	Mavila	20/1/99	4/6/99
Xitimela Novela	Mavila	20/1/99	5/6/99
Mudonhana	Mavila	20/1/99	
Arone	Mavila	20/1/99	
Samussone Mbie	Mavila	20/1/99	
Filipe Ulembana a)	Nhacutô	20/1/99	6/6/99
Arone Samuel	Manguenguene	20/1/99	
Ângelo Missassane	Zandamela		10/6/99
Jaime Palalane	Zandamela		10/6/99
Francisco Zavala	Maputo		8/10/99

**NOTA:** Entre os entrevistados temos três antigos régulos a); um antigo funcionário da administração e professor b); familiares directos do regulado de Sibonine em Mucumbi c); tio directo do antigo régulo de Guamba Grande que está na disputa do poder com este; actualmente é que dirige as cerimónias tradicionais em Mijohote. Os restantes são camponeses.

## II-FONTES ESCRITAS

### II-1. NÃO PUBLICADAS

1-ALBERTO, Manuel Simões, Os negros de Moçambique: censo etnográfico: elementos de estudo para a solução dos problemas etnográficos do Império, coligados do censo da população indígena da colónia de Moçambique efectuado em 1940. Lourenço Marques, 1947 (datilografado).

2-LIESEGANG, Gerhard, Estados Grupos étnico-políticos em Moçambique ao Sul do Save c. 1300-1850, versão incompleta, preliminar, Julho, 1998.

3-----, Relatório sobre a viagem a Quissico e Inharrime 4-6 de Fevereiro, 1999.

4-MONTANHA, Alberto Furtado, 1939: Relatório duma inspecção às circunscricções dos distritos de Inhambane, 1938 (40pp., datado de L.M., 23 de fevereiro de 1939), A.H.M., inspecções, cx. 30.

5-FUNDO DO SÉC. XIX, Governo do Distrito de Inhambane, Cxa.31 (1-694), M.1, anos 1851, 1872, 1883, sala 8, Estante C a 1.

-----, Cxa.30, M.3 (1-27), anos 1846, 1899, sala 8, Estante C a 1.

-----,Cxa.30, M.2 (1 a 5), ano 1895

-----,Cxa.30, M.1 (1 a 9), ano 1864 a 1897

-----,Cxa.30, M.4 (1 a 32), ano 1838 a 1900

-----,Cxa.52, M.1 (1 a 13), ano, 1836 a 1898, sala 8, Estante C a 4.

-----,Cxa.52, M.2 (1 a 8), ano, 1869 a 1899

-----, RELATÓRIOS, Cxa.52, M.3 (1 a 13), ano, 1880 a 1900

-----,Cxa.52, M.4 (1 a 20), ano, 1838 a 1900

## II-2. TESES

1-DAMIÃO, Ernesto, "Estratégias de sobrevivência da população camponesa antes, durante e depois da guerra (1983-1992): o caso de Malema", Maputo, 1996, Tese Licenciatura, U. E. M.

2-FULLER, Charles Edward, "An ethnohistoric study of continuity and change in Gwambe culture", Northwestern University (University Microfilms), Ph. D. dissertation, 1955.

### II-3. OBRAS E ARTIGOS

1-ALBERTO, Manuel Simões, "Prespectivas demográficas dos negros de Moçambique", In: Bol. da Soc. de Est. da Col. de Moç., n °67, Lourenço Marques, 1950.

2-ALMEIDA, António., Os estados antigos dos nativos de Moçambique (Sul do Save) quanto à liberdade, In: Moçambique: Curso de extensão Universitária, ano lectivo de 1964-65, Lisboa: Inst. Sup. de C. S. e Pol. Ultramarina, 1965, pp.97-119.

3-ALMEIDA, José Joaquim de, Dezoito annos em África, Lisboa: Tip. de Adolpho de Mendonça, 1898, [pp.61-174]. [segunda parte, na África Oriental, segunda missão a Gaza],

4-ANUÁRIO DE LOURENÇO MARQUES, Inhambane, Lourenço Marques: Casa Bayley, 1908, 1927, 1940.

5- BARBOSA, Livia Neves de Holanda, Ethnicity: Theory and experience, In: Dicionário de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas [FGV], 1986, pp.435-37.

6-BOTELHO, José Justino Teixeira, História militar e política dos portugueses em Moçambique. Da descoberta a 1833, Lisboa: Centro Tip. Colonial, 2ª ed., 1934.

7-----, História militar e política dos portugueses em Moçambique. De 1833 aos nossos dias, Lisboa: Centro Tip. Colonial, 2ª ed., 1936.

8-CABRAL, Augusto, Raças usos e costumes dos indígenas do distrito de Inhambane, Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1910.

9-CAPELA, J., A República Militar da Maganja da Costa, 1862-1898: AHM, 2ª ed., 1988, Edições Anfontamento.

10-CARDOSO, A. , "Expedição às terras de Muzila em 1882", In: Bol. da Soc. de Geogr. de Lisboa VII, 1887, pp. 153-190, [relatório datado de 18 de Abril de 1883. Início e fim da Missão em Inhambane].

11-DIAS, Margot, Instrumentos musicais de Moçambique, Lisboa: Instituto de Investigação Tropical, Centro de Antropologia Cultural e Social, 1986.

12-EÇA, Filipe Gastão de Moura Coutinho de Almeida de, História das guerras no Zambéze: Chicoa e Massangano, 1807-1888, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954.

13-EARTHY, E. Dora, Valenge Women: The Social and Economic Life of the Valenges Women of Portuguese East Africa: an Ethnographi Study, London: Frank Cass, 1968, [Reprint, 1ª ed. 1933].

14-FERRÃO, F., Circunscrições de Lourenço Marques: Respostas aos quesitos feitos pelo Secretário dos Negócios Indígenas, Lourenço Marques, 1909.

15-GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, vol.VIII, 1945, pp. 224.

16-ISAACMAN, A.F., A tradição de resistência em Moçambique. O vale do Zambeze, 1850-1921, Porto: Edições Afrontamento, 1979.

17-----, Military Slaves, Clients, and Mercenaries: The transformtion of the Chicunda of Mozambique 1825-1920, Allen Issacman; Tony Rosenthal, [s.l. : s.n.].

18-----, Ex-Slavers, Transfrontiersmen and the Slave Trade: The Chikunda of Zambezi Valley, 1850-1900. In: Africans in Bondage: Studies in Slavery and the Slave Trade, Edited by Paul E. Lovejoy, Madison: University of Wisconsin. African Studies Program, 1986.

19-JUNOD, Henrique A., Usos e costumes dos bantos: a vida de uma tribo do sul de África. Tomo I, (vida social); Tomo II (vida mental), 2ª ed., Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1974.

20-LIESEGANG, Gerhard, "A Survey of the 19th century stockades of Southern Mozambique: The *Khokholwene* of Manjacaze area", In: Memórias António Jorge Dias, Separata do vol. I, Lisboa, 1974, pp.303-320.

21-----, "Acheegas para o estudo das biografias de autores de fontes narrativas e outros documentos da história de Moçambique, II, III: Três autores sobre Inhambane: Vida e obra de Joaquim de Santa Rita Montanha (1806-1870), Aron S. Mukhombo (ca. 1885-1940) e Elias S. Mucambe (1906-1969)", In: Arquivo, nº 8, Outubro de 1990, pp. 61-143.

22-LIMA, Fernando de Castro Pires de, [dir.], Urbanização, In: Arte Popular em Portugal- Ilhas Adjacentes e Ultramar, Editorial: Verbo, 1975. pp.18-23.

23-LONGLE, Armando, De Inhambane a Lourenço Marques. In: Bol. Of. do Gov. de Moç., 1886, pp.59-67.

24-MATOS, Leonor Correia de, Origens do povo chope segundo a tradição oral, Lourenço Marques: Memórias do Inst. de Inv. Cient. de Moç., vol.10, série C, , 1973.

25-MEDICINS SANS FRONTIERES. Boletim Especial, Julho, 1998.

- 26-MUCHOPES, In: Anuário de Lourenço Marques, 1927, pp.433-34
- 27-MUKHOMBO, A.S., A nkutsulani wa matimu ya VaTshua. A timaka ta kale ti khedzelwako hi ... Cleveland (Tvl) : Central Mission Press (3ª ed.), 1955.
- 28-NADEL, S.F., A Etnologia, In: Dicionário de Antropologia, Paris: Verbo, 1983, pp.173-74.
- 29-NEWITT, Malyn D.D., The Portuguese Muzungos and the Zambezi Wars in: The Societies Of Southern Africa in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries. London: Institute of Commonwealth Studies, vol. 4, pp.19-28, 1974.
- 30-----,Portuguese Settlements on the Zambezi: Exploration, Land Tenure and Colonial Rule in East Africa, London: Longman, 1973
- 31-PERFIS DE DESENVOLVIMENTO DISTRITAL, Inharrime, Maputo: ACNUR;PNUD,1997.
- 32-PERFIS DE DESENVOLVIMENTO DISTRITAL, Zavala, Maputo: ACNUR; PNUD, 1997.
- 33-PILILÃO, Fernando, Moçambique- Evolução da toponímia e da divisão territorial 1974-1987, Maputo, [s.n.], [s.d.].
- 34-PINTO, C. dos Santos, Viagem de Inhambane às terras de Manicusse em 1840, In: Arquivo das Colónias, vol. I, nº 2, 6 Lisboa: Imprensa da Universidade, 1917, pp.269-274.
- 35-RIBEIRO, Sousa, Anuário de Moçambique, , Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1908; 1917; 1940. [ Sobre Inhambane]

36-RITA-FERREIRA, António, Grupos étnicos e história pré-colonial, In: Moçambique, aspectos da cultura material, Universidade de Coimbra: Instituto de Antropologia, 1986, pp. 15-32.

37----- Presença luso-asiática e mutações culturais no sul de Moçambique, até cerca de 1900, Lisboa: Est. Ensaios e Doc., nº 139, 1982.

38-ROCHA, Ilídio, A morte do *ngodo chope*- uma dramática forma de resistência cultural. In: Moçambique: Aspectos da cultura material, Universidade de Coimbra: Instituto de Antropologia, 1986.

39-SANTOS, Feliciano dos Santos, Gramática da Língua Chope, Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1941.

40-SERRA, Carlos, Para a História da Arte Militar Moçambicana (1505-1920), Maputo: "Cadernos Tempo", 1983.

41-SEYFERTH, Giralda, In: Dicionário de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas [FGV], 1986, pp. 424-429.

42-SEQUEIRA, Ramiro Lopes de, Monografia etnográfica dos indígenas da circunscrição de Inharrime, Mossuril, 1956, (datilografado).

43-TEXEIRA, Cândido, A fundação de Inhambane e sua estrutura administrativa e governamental nos meados do século XVIII. In: Arquivo, nº8, Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1990.

44-TOSCANO, Francisco, Os grandes chefes da África Austral e alguns usos e costumes dos indígenas do Sul do Save. Separata, In: Boletim da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique, nº44, Lourenço Marques, 1941.

45-XAVIER, A.A. Caldas, O Inharrime e as guerras Zavalla. Separata do Bol. da Soc. de Geogr. de Lisboa, nº7-8, 2ª ed., 1881, pp.479-528.

#### II-4. MAPAS

1-ALTAS GEOGRÁFICO, Maputo, Moçambique, Ministério da Educação, vol.I, 2ª ed., 1986.

2-IMAGEM SATÉLITE, folha nº 96/101, Escala 1:250.000, Maputo, Centro Nacional de Cartografia e Teledeteção, Zavala: Julho 1991; Maio 1992.

3-MAPA FLORESTAL, folha nº 96/101, Escala 1:250.000, Maputo, Direcção Nacional de Floresta e Fauna Bravia, Zavala:1995.

4-MAPA TOPOGRÁFICO, folha nº 96/101, Escala 1:250.000, Lourenço Marques, Direcção Provincial dos Serviços Geográficos e Cadastrais, Zavala:1970.

5-MAPA TOPOGRÁFICO, folha nº 1162/2433 Dd, Escala 1:50.000, Lourenço Marques, Direcção Provincial de Serviços Geográficos e Cadastrais,, Mangunze, Voo fotográfico 1958, Ano de Publicação 1967.

6-----,folha nº 1140/2435 Ac, Escala 1:50.000, Inharrime, Voo Fotográfico 1962, Ano de Publicação 1968.

7-----,folha nº 2434 Cc/+2534 Aa, Escala 1:50.000, Chidenguele, Voo Fotográfico 1962-3, Ano de Publicação 1968.

8-----, folha nº 1139/2434 Bd, Escala 1:50.000, Chacane, Voo Fotográfico 1962, Ano de Publicação 1968.

## ANEXO 1

### CONCEITOS

#### ARINGA

No dizer dos lexicógrafos, é um campo entrincheirado dos chefes africanos. Entre os indígenas das terras ribeirinhas do Zambeze, entre o delta do rio e Tete, é mais frequente ouvir-se falar de *guta*, plural *maguta*, do que *linga* (ou *ringa* com *r* brando), plural *mallinga* ou *maringa*; é mesmo frequente o nome de *guta* adoptado por homens tidos e havidos como robustos e resistentes, física ou moralmente<sup>1</sup>.

Aringa é uma fortificação a que nós chamaremos paliçada ou estacada, formada por duas fileiras paralelas de paus a pique com um intervalo variável entre cada fileira e entre cada pau -em regra 50 centímetros entre as fileiras e entre cada um dos prumos- os intervalos entre si são preenchidos com outros paus colocados horizontalmente até a altura estabelecida para os parapeitos, e as cabeças dos prumos das fileiras exteriores e interior são fortemente ligados entre si por cordas grosseiras de cascas fibrosas de certas árvores. Devido à ferecidade do solo muitos dos prumos pegam de estaca e tornam-se com o tempo árvores frondosas, dando assim maior resistência e duração às paliçadas.

Com o mesmo fim defensivo construía-se também uma fortificação mais ligeira, a *chitata*, plural *bzitata*, menos resistente e com menos periferia; destinava-se a postos avançados para pequenas guarnições, e conquanto o sistema de construção se assemelhasse muito ao das aringas, não era tão duradoura nem tão bem construída.

*Sondzoro* ou *sonzoro* é um abrigo móvel, em regra usado nas ofensivas contra qualquer aringa ou *chitata*; construíam-se durante a noite com prumos mais finos e com os intervalos cheios a ermo com troços de madeira de todas as qualidades e dimensões, servindo de abrigo durante o dia a grupos de sitiante ou atacantes; na noite imediata os *sonzoros* eram armados mais à frente, com materiais dos que tinham sido abandonados na antevéspera, e desta forma se faziam avanços ou se faziam recuos ou se apertavam os cercos com relativa segurança; como é óbvio, esta estratégia exigia muitos *sonzoros*<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Eça, 1953:217-218

<sup>2</sup> Eça, 1953:217-18

## CHOPE

O termo <<chope>>, com diversas variantes gráficas, aparece frequentemente na literatura colonial portuguesa de fins do século passado e princípios deste. A forma aporuguesada mais correcta é: CHOPE (pl. chopes). O termo chope é aplicado não só à tribo chope propriamente dita, que fala a língua chope e tem os seus usos e costumes característicos, mais ainda à vizinha tribo Khambana (do grupo *Nwamáti-Makuákua*), que fala o *chi-kcambane*, dialecto *chengue*, tão diferente do chope que, apesar da sua vizinhança desde há séculos, os cambanes não compreendem os chopes quando estes falam a sua língua. Também se encontra frequentemente na literatura colonial do século XIX o termo *Mindongues* e *Mendongues* para designar estes povos. O termo é a corruptela de *Mundonge* (pl. *Vandonge*), termo indígena que significa habitante do *Tonge* (leia-se *tongue* e não *tonje*).

Cumprе anotar que ainda em 1935-40, os velhos habitantes do regulado de Mucumbi, como o próprio régulo, Bona Pandje ou Sibone, e os de Coguno, se nomeiam a si mesmo *Vandonge*, opondo-se aos do sul do rio Inharrime, a que chamam *Vatchopi* (chopes). Os chopes do centro e do sul não dão pelo apelido *Vandonge*, e mesmo entre as novas gerações dos regulados Mucumbi e Coguno já quase obliterou o apelido *Vandonge*, tendo se generalizado o de chope<sup>3</sup>.

A designação *Vandonge* deve ser posterior a 1560 e de origem local, significando os habitantes do *Tonge* e seus próximos parentes ou descendentes, tal como foi referido em Abril de 1560 pelo Padre André Fernandes e Gonçalo Silveira quando chegavam ao *Tonge*<sup>4</sup>.

## CULTURA

No significado sociológico, cultura designa aquele conjunto de estilos, de métodos, de valores materiais que juntamente com os morais caracterizam um povo ou sociedade. Compreende ainda por um lado um acervo de objectos, utensílios, e, por outro, um conjunto de hábitos corporais ou mentais que servem directa ou indirectamente para a satisfação das necessidades humanas<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Santos, 1941: 10

<sup>4</sup> Santos, Gramática da Língua Chope, 1941:10

<sup>5</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, 1945:224

## **ESTRUTURA SOCIAL**

O conceito de Estrutura Social tornou-se popular nas ciências sociais na década de 30, do séc. XX, e apresenta hoje sentidos tão diversos como na ocasião em que surgiu, e, por vezes, à semelhança do conceito de cultura, faz duvidar da sua operacionalidade.

Estrutura Social é a diferenciação dos indivíduos e das classes através de seus papéis sociais. A posição social diferencial de homens e mulheres, de chefes e comandados etc. é tão determinante das relações sociais como a que se refere a diferentes clãs e nações. A realidade concreta com a qual se está preocupado é o conjunto das relações existentes em determinado momento histórico, que liga determinados seres humanos<sup>6</sup>.

## **ETNIA**

Qualifica a maior unidade tradicional de consciência de espécie, no ponto de encontro do biológico, social e do cultural: comunidade linguística e religiosa, relativa unidade territorial, tradição mítico-histórica (descendência bilateral a partir de um antepassado real ou imaginário), tipo comum de organização do espaço.

A noção de etnia mostra-se de difícil apreensão. Isto provém do facto de a realidade sócio-cultural que ela exprime não ser uma unidade estática: em virtude do acréscimo demográfico, ela pode deslocar-se no espaço, cindir-se ou germinar; em virtude dos contactos com outros grupos, ela pode transformar-se. A etnia é por conseguinte uma realidade que se faz ou desfaz e, consoante a captámos neste ou naquele momento da sua história, oferece traços mais ou menos coerentes<sup>7</sup>.

## **ETNICIDADE**

Neologismo que surgiu no âmbito dos estudos sobre as relações interétnicas no início da década 60. Pode ser definida objectivamente como a condição de pertencer a um grupo étnico. "É o carácter ou qualidade de um grupo étnico".

Etnicidade não é exactamente a mesma coisa que grupo étnico. O termo etnicidade se refere ao grau de conformidade dos membros da colectividade a estas normas de participação no curso da interacção. É essencialmente uma forma de interacção de grupos culturais diferentes que operam num contexto social comum.

---

<sup>6</sup> Dicionário de Ciências Sociais, 1986:424-26

<sup>7</sup> Dicionário de Antropologia, 1983:174

Os grupos étnicos não têm apenas características diferentes, mas também ocupam posições diferentes na sociedade. O que nestá em causa são as diferenças étnicas (sejam elas rotuladas de culturais, nacionais, raciais ou outras), manipuladas no sentido de organizar as relações sociais.

A etnicidade é um conceito que envolve muitas dimensões. Ela pode ser vista como um conjunto de estratégias para a mobilização política, ou para fazer reivindicações. Numa outra perspectiva, pode ser um fenómeno de identidade étnica, no sentido em que define limites grupais. Neste último caso é considerada uma questão de classificação e, no seu significado mais imediato, diz respeito à separação e ao ordenamento de uma população numa série de categorias definidas em termos de "nós" e "eles". A etnicidade começa com categorias sociais de atribuição de identidades étnicas; é o produto da interacção de percepção interna e resposta externa; de forças que operam de dentro no indivíduo e no grupo e daquelas impostas a eles de fora<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Dicionário de Ciências Sociais, 1986:436-37

## KHOKHOLO

Aldeias circulares, cercadas por sebes de pau-a-pique e, dentro desta paliçada dispunham-se as casas em círculo, viradas para o centro do terreiro, onde se via outra sebe circular de pau-a-pique, que servia de curral dos bois. Em frente das casas erguiam-se árvores frondosas que davam sombra e paz aos moradores. Uma delas distinguia-se não só pelo lugar que ocupava na aldeia como também por ser ela uma espécie diferente das outras, que ninguém confundia com aquelas, desempenhava a função de altar da povoação -era aí que faziam oferendas e preces aos antepassados. À volta da paliçada ainda se encontravam pequenas construções que serviam de currais de cabras, celeiros, lugar de reunião dos homens, etc. Dentro da aldeia, cada um construía a sua palhota no lugar que lhe competia, segundo a tradição, de acordo com o grau de parantesco que ocupava na família extensa<sup>9</sup>.

Este conceito, quanto às suas funções e características evoluiu ao longo do tempo. Assim, no séc.XIX designava fortificação de defesa; no início do séc.XX (1920/30) era uma povoação concentrada para fins sociais; e por volta de 1930/50 era povoação concentrada para fins religiosos, considerando as religiões não africanas<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Lima, 1975:18, esta definição do conceito, vai de acordo com o que os outros autores referiram, assim como com os nossos informantes.

<sup>10</sup> Estas três balizas cronológicas que consideramos vêm do facto de a bibliografia fornecer dados que até aos finais do séc.XIX e início do XX, descreverem aringas ou khokholo como fortificação de defesa e, as informações dos nossos entrevistados, que devem ter nascido entre as décadas de 10 até 40 uns terem nascido dentro dos khokholo e vivido até aos 5/10 anos e outros que só viram os khokholo religiosos. Tanto num caso, assim como no outro há os que só ouviram falar dos khokholo em todas estas funções. Ribeiro de Sousa no Anuário de Moçambique de 1908 e 1917 descreve os chopi a viverem em povoações concentradas até 100 ou 200 casas mas, em 1940 refere que já tendia a desaparecer este hábito. A.M., 1908:713; 1917:388; 1940:642.

## ANEXO2

### HISTÓRIA DOS KHOKHOLO

Nesta parte teremos as informações recolhidas junto dos informantes, o que observamos no terreno assim como o que diz a literatura sobre o mesmo assunto. Primeiro descreveremos os khokholo de Zavala e depois atravessaremos o rio Inharrime.

#### A-MAVILA

##### 1-MAMIDE

Mamide aparece como "Mamite" em Cabral que refere os seguintes limites: Terras do régulo Canda, Nhacutô, Zavala, Banguza e Zandamela. Na ascendência Mamide aparece como filho de Mavila<sup>1</sup>.

No local, encontramos alguma cerâmica decorada em forma de paralelogramas, típica para meados ou segunda metade do séc.XIX. Como outros lugares do mesmo tipo é caracterizado por laranjeiras velhíssimas. Devido á fertilidade do solo é cultivado quase continuamente até com o uso de charruas o que contribue, em parte, para as dificuldades em se conseguirem mais cacos, além das campanhas de recolha destes, por parte dos construtores de casas e poços.

Mamite era irmão de "Massiolôme", cabo e tributário de "Espadhanhana" e foi morto em combate quando as suas terras foram invadidas pelo Muzila (1862-1884), segundo Cabral. Liesegang considera que a menção de Espadhanhana (ou Xipenanhane) que governou entre 1889-1898 "talvez seja uma retro projecção pois "Espadhanhana" ou "Xipenenyane" era filho de Bingwana Mondlane (governou cerca de 1860-1889). E só seu pai pode ter sido referido. Deve ter morrido numa guerra com guerreiros de Muzila, talvez entre 1882-1884 (ou antes de 1860 quando Muzila era príncipe?)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cabral, 1910:54-55; Matos, 1973:85 também tem referências a Mamite, assim como nos dá uma cronologia dos régulos mas considera a lista de Cabral como a mais completa.

## 2-NHACUTÔ

Tem como limites as terras dos régulos Zavala, Xissico, Mavila, Canda e Oceano Índico, segundo Cabral, 1910:53.

Matos refere Nhacutô como um dos cabos de Zavala que várias vezes se rebelou contra este vindo, mais tarde, a prestar vassalagem à Coroa Portuguesa.

Eis a forma como os Nhacutôs obtiveram o poder nesta região, segundo o régulo Ulembane: “o meu avô conseguiu o poder nesta região graças ao conhecimento da tecnologia do ferro, porque nós somos originários de Bilene Macia e quando ele chegou nesta região encontrou algumas casas em número de três ou quatro de pessoas designadas de *mba tanranjine*. Eles pediram um espaço para se fixarem. Passado algum tempo o grupo que se tinha estabelecido primeiro conseguiu capturar um hipopótamo numa armadilha e como sabiam que o meu avô tinha uma *chipanga*(catana ou machado?) vieram pedir emprestado. No acto de devolução trouxeram uma porção de carne para o dono do utensílio. Este, procedeu aos *mipachos*(adoração aos espíritos), agradecendo a *oferta da terra*. A partir deste momento passou a ser designado como dono da terra<sup>3</sup>. Além dos Nyowelas estabelecidos aqui, existem outros em Morrumbene e em Massinga. Todos somos da mesma origem e o maior era o estabelecido aqui”<sup>4</sup>. Matos também refere-se a este facto, na página 73.

Neste khokholo, recolhemos também alguma cerâmica decorada, do mesmo tipo que a de Mamite, possui muitas laranjeiras velhas, algumas com um diâmetro superior a 20cm as quais se referiu ter nascido enquanto elas existiam. O principal khokholo ficou depois, dividido em khokholo de Nhacutô de *Ulambué*(sul) e khokholo de Nhacutô de *Upemba*(norte)<sup>5</sup>. Neste terreno, agora são machambas. Existiram palissadas que se destinavam à protecção dos animais domésticos, sobretudo dos porcos, para que não invadissem as machambas.

Nos casos de ataque, iam para a lagoa, onde tinham as *ticocas*, no meio.

---

<sup>2</sup> Cabral, 1910:55; Liesegang, relatório, 1998

<sup>3</sup> Ulembane em Nhacutô, 22/1/99

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> Ulambue e Upemba referem se a Pontos Cardeais, Norte (Upemba); Sul (Ulambué); Oeste (Ulungue) e Este (Utonga). Bernardo Mavique, 31/5/99. Junod fala do termo THONGA (ronga, tonga) como significando, provavelmente, “os povos do Este”, como Calanga significa “os povos do Norte”. Ele adianta ainda que os indígenas servem dela para designar os povos que vivem a Este, seja qual for a origem deles. Conclui que, é uma denominação geográfica, como o termo Orientais, e nada se pode deduzir dela para a etnologia destas tribos. Junod, 1974:584, vol.II

Os mais importantes khokholo que dependiam de Nhacutô eram *Ntolwe*, *Chelengwe*, *Macucule*, *Matimbe*, *Nhamawe* e *Nhatumbuque*.

### 3-GUWULA NHACUWOGO

Este khokholo, situa-se também a sul da Estrada Nacional nº1 junto à estrada velha abandonada em 1922, segundo o informante Xitimela Novela. Recolhemos também alguma cerâmica decorada. Predominam laranjeiras velhas e o local encontra-se cultivado, tal como nas anteriores zonas. O khokholo não tinha palissada. A água iam buscar a uma distância de cerca de 7km, o mesmo local usado pela população de Nhacutô.

## B-HELENE

### 1-CHILUNDWINE

O khokholo dos Chilundos<sup>6</sup> localiza-se um pouco para o norte de Zavala em direcção a Inharrime, perto do rio com o mesmo nome a cerca de 30 km de Zavala. A sua importância histórica para este estudo, relaciona-se à sua antiguidade na zona. Matos refere que “Não se encontram, obviamente, em obras de militares em campanha dados que substancialmente contribuam para o esclarecimento das origens das populações nativas. No caso de Guilundo (a parte a antiquíssima referência contida num relato de naufrágio) apenas se nos oferece o recurso à tradição oral”<sup>7</sup>. Era um dos súbditos de Zavala que no século passado procurou o apoio dos portugueses para dessa forma obter a sua independência.

Os seus limites eram: Terras dos régulos Mindu, Quissico, C.I., Muane e o rio Inharrime<sup>8</sup>.

Gonçalo Chilundo, em relação à origem diz que “Somos oriundos da Suazilândia que se estabeleceram em Magude, de descendência Cossa da linhagem de Maguiguana. De Magude viajaram pelo sertão até que se fixaram em Chilundine. O nome de Chilundo provem da expressão *ku lunduma* que significa

<sup>6</sup> O nome aparece em várias formas. Guilundo, Chilundo e Xilundo. Para Matos, 1973:72, “de acordo com os informantes Guilundo seria a forma *gui-tonga* (língua de Inhambane) que os portugueses teriam adoptado”. Segundo o informante Bernardo Maviqe, isto deveu-se ao intérprete da administração que era um Bitonga.

<sup>7</sup> Matos, 1973:72 a referência é ao Reino de “Herunto” referido em 1622.

<sup>8</sup> Cabral, 1910:53. Não vem esclarecido o significado da sigla C.I. Contudo pensamos que deve significar “Circunscrição de Inharrime”

“estamos perdidos”, “perder o caminho para um local desconhecido”. A língua que trazíamos de Magude foi esquecida e adoptamos a língua das populações que viemos dominar. Esta população era em número muito reduzida, e foi absorvida tanto pelo número do nosso grupo assim como pelo facto de possuirmos instrumentos de ferro para a luta”<sup>9</sup>.

Esta informação, com algumas pequenas diferenças, está de acordo com o que diz Leonor Correia de Matos. As diferenças são sobre a origem, nomeadamente a referência a África do Sul por parte de Matos enquanto que Chilundo fala de Suazilândia. Outra, relaciona-se a possível descendência dos Chilundo do clã Cumbane que Gonçalo não referiu assim como a fonte a que nos remete A. Cabral (1910:51). Esta contradição talvez se relacione ao facto de Cabral considerar Inhareluga e Chilundo como irmãos “gente Cossa emigrada da Africa do Sul” sendo este Inhareluga referido por Cabral como Cabo avassalado de Cumbana, na referida página 51.

Não pudemos visitar os khokholo desta zona mas o entrevistado afirmou a existência de muitas laranjeiras velhas nessas ruínas, e o facto de actualmente serem machambas.

Quanto ao tipo de khokholo predominante era o de habitação com função social. Isto deveu-se ao facto de “os ngunis não chegaram a passar por esta zona de Inharrime, desde *Nhangombene*, passando pela vila até à costa. Veja que nesta zona que estou a referir não podes encontrar ninguém com as orelhas furadas, símbolo de submissão aos nguni. Os nossos avós não tinham orelhas furadas. Eles passaram pela zona de *Guambene* indo para *Xiducwana* até Manjacaze de Xipenanhana. Veja que nessas zonas até existem muitos falantes de *xitswa*. Xipenanhana preparou o seu khokholo em forma de palissadas para a defesa porque sabia das contradições e do trajecto dos ngunis”.

## C-ZANDAMELA

Existem os khokholo de *Magumbene*, de *Buquene* chefiado por Paindana e o de *Papene*, como os maiores da zona.

Os limites das terras, segundo Cabral (1910:54) eram: Terras dos regulados Canda, Muzila, Nhatumbo, Saiabo e Barramo de Gaza.

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada em Helene ao Gonçalo Chilundo, 21/1/99

A população mais antiga nesta região, segundo Matos, são os Buque, Inhampule, e talvez também Vilanculos. "A tradição oral dos Buque diz terem chegado a esta região em tempos remotos simultaneamente com os Inhampule, a quem aliás não ligavam quaisquer laços de parentesco. Os Buque declararam ter deixado o Bilene, onde viviam, <porque os pássaros lhes estragavam a maxoeira>, segundo alguns informantes por dissenções familiares, segundo outros, não recordando que a caça aos elefantes (que trouxe outros povos a esta região) tivesse sido motivo da migração. Sabem ainda serem Cossas da Africa do Sul; sabem também descender de Madalete, filho de Nanguene, <filho> de Sumbane, ignorando como ou quando tomaram a designação Buque. A região era deserta quando chegaram (apenas mato e elefantes ali encontrados), mas em breve a ocuparam com grandes povoações que se estendiam da actual sede do regulado à lagoa Marambué (Marangué). Presentemente encontram-se muito reduzidos em número, não havendo qualquer chefe de grupo ou *inganacana* (chefe de povoação) da família Buque"<sup>10</sup>.

O facto de os Buque possuírem certas funções rituais, apesar da ausência do poder político, e serem reconhecidos como *vanyani wa ditiko* (donos do país) também reflecte a antiguidade destas populações na zona.

O outro grupo antigo da região de Zandamela, são os Inhampule. A sua antiguidade pode ser testemunhada pela documentação portuguesa do sec.XVI, quando os naufragos da nau "S. Tomé" se referem às terras do Rei Imhapura, referência também feita por Matos(1973:49).

No início Maunze dependia de Espadanhana e, nos finais do sec.XIX de Ngungunhana. Esta última dependência pode ser testemunhada pelas informações dos nossos informantes que afirmam que "o barro era buscado em *nguzene* muito distante daqui, perto de Zavala. Deu-se este nome pelo facto de nos tempos, os homens daqui terem adoptado o hábito de furarem as orelhas<sup>11</sup>, dos nguni. Como os Zavala estavam em constantes guerras com estes, qualquer pessoa que tivesse as orelhas furadas era considerado um inimigo. Por isso, os homens daqui quando fossem encontrados em Zavala eram massacrados, daí o nome de *nguzine*"<sup>12</sup> (nguzi significa perigo).

---

<sup>10</sup> Matos, 1973:48. O número de entrevistas realizadas nesta zona é muito reduzido, daí que não tenhamos muita informação a esta respeito, além das obras que citamos. Contudo, a referência a Buquene como um dos khokholo mais importante da zona, é elucidativo em relação à antiguidade deste grupo como é referido por Matos.

<sup>11</sup> Henrique A. Junod, fala dos tongas que furavam as orelhas com o fim de se parecerem aos seus conquistadores, Junod,1974:99; Cabral anota que o chefe das terras de Zandamela era induna e irmão (Como Como ou Khomukhomu) de Ngungunhana. Eis a razão dos homens de Zandamela terem as orelhas furadas, Cabral, 1910: 35

<sup>12</sup> A localização do local onde extraíam o barro para o fabrico dos utensílios de barro, sugere que seja provavelmente o mesmo onde as populações de Zavala e de Inharrime se serviam.

## D-INHARRIME

### 1-COCOLANE<sup>13</sup>

Este khokholo localiza-se em Coguno, Guamba (Gwamba) Grande. Segundo as indicações dos nossos informantes, era bastante grande. Encontraram-se apenas dois cacos de cerâmica não decorada, além de outros também não decorados que foram trazidos por donos de uma casa vizinha do local que, entretanto não visitámos. Segundo as observações efectuadas pelos Drs. Gerard Liesegang e Ricardo Texeira Duarte, é possível que este local se trate de uma fundação do sec.XIX e que não foi muito densamente povoado, tal como foi referido pelos informantes. Contudo pelo pouco tempo que tivemos de observação do local e pela sua importância histórica, requer que se faça um trabalho posterior.

A designação de Coguno a este local, deveu-se à adulteração de Cohuno<sup>14</sup>, filho de Matane que é quem estava no poder quando as autoridades coloniais fizeram o recenseamento das autoridades gentílicas. Segundo Abel Jossefa, Matane é considerado como o fundador deste khokholo.

Manuel Basquete Guambe diz que “este khokholo era cercado de palissadas de paus e semeavam catos em seu redor, deixando uma pequena entrada numa elevação, suficiente para passar uma pessoa”. Quanto ao fundador deste khokholo, também fala de Matane e a seguir veio Cohuno.

Cabral indicou os seguintes limites: terras dos régulos Mucumbi, Guambá Pequeno e rios Inhassune e Nhamitende<sup>15</sup>.

Sobre a antiguidade e importância histórica do khokholo dos Guambe, “um grupo que a literatura colonial do século passado abunda em referência aos Guambe, então considerados um dos grupos mais importantes, senão o mais importante, dos chopos<sup>16</sup>”, existe uma vasta bibliografia que se refere a eles. A mais recente é o estudo efetuado por Liesegang e publicado na revista Arquivo nº 8. Neste

<sup>13</sup> Outra designação do mesmo é de Chissaca (ninho).

<sup>14</sup> Cabral, na lista de ascendência que apresenta, Coguno aparece como irmão de Nhassanane nome porque era conhecido este khokholo antes de ser transferido para Cocolane, segundo um ancião cego, nascido em 1910, Coguno, 23/1/99; Matos também faz a mesma referência, de Coguno e Cohunu(Coguno) serem filhos de Matane o primeiro a fixar-se no actual regulado Guambe, Matos, 1973:86

<sup>15</sup> Cabral, 1910:48-9

<sup>16</sup> Termo de origem nguni e escrito também “choupe” ou “chope”. Só ganha aceitação geral a partir de cerca de 1870. Segundo H.P. Junod e outros autores é derivado do termo *uku-ichopa* (atirar com flecha) e refere-se à arma principal dos chope. Liesegang, relatório; Matos, 1973:56

estudo, o autor faz uma revisão dos dados referentes a continuidade ou descontinuidade dos Guamba naquele local. Como conclusão, afirma que:

“Temos referência a Guamba nos anos de 1560, 1589, 1622 e 1727-29 e 1885-1895. Em 1885-1895 a dinastia já estava dividida em Guamba Grande e Pequeno. Guamba Pequeno no Sul, não longe do rio Inharrime ocupava a zona provavelmente mais fértil.

Esta revisão dos dados mostra que as evidências militam a favor de uma continuidade local. Entre 1902 (Aires de Ornelas) e 1953 (Fuller) a identificação de Guamba ou Gamba com Gwambe não foi disputada, mas por volta de 1970-80 surgiram opiniões em publicações de Maria Leonor Correia de Matos e António Rita-Ferreira procurando Guambe em outras regiões, sem argumentos convincentes, como me parece”<sup>17</sup>.

Em relação à origem da população de Guamba Grande, os nossos informantes disseram que “Os Guambas, Macuacuas e o Manjacaze vieram ambos de Usutho e dividiram-se por três regiões no entroncamento dos rios (não mencionou os nomes). Matane, o mais velho dos três, veio fixar-se em Guambene e estendeu o seu território indo pelo rio Nhamitande até a fronteira com os Mucumbes a Norte, no Inhassune e os Nhangombes a Este no Nhangele. Depois ele foi buscar o irmão que tinha ficado em Manjacaze e o levou até a região designada por Mijohote, atravessando o Nhamitande. Esta região passou então, a ser designada por Guamba Lichuque, o Guamba Pequeno, e por Guamba Matane, o Guamba Grande. O terceiro irmão decidiu permanecer em Manjacaze a descansar *ku ndjâ* em chope. Então, os irmãos designaram-no de *a yule wa ku ndjâ* (aquele que quer descansar) e a terra destes de *ba kw ndjâ* (terra dos que querem descansar). Esta é a origem do nome de Manjacaze”<sup>18</sup>.

Os informantes de Mijohote (Mejohoti), além destes três irmãos acrescentaram o Zavala. Segundo eles, “Zavala é também um Guambe. Ele saiu daqui e emigrou para aí onde se encontra, devido a desavenças com o irmão mais velho a quem desobedeceu quando lhe mandou. Como punição desse desacato, o irmão partiu o seu *ulahu*(arco). Então ele atravessou o rio e foi fixar-se em *didzawa dzawane* onde se chama hoje de Zavala”<sup>19</sup>.

Matos traz uma informação que, no essencial, não difere muito da dos informantes. Ela diz que “De acordo com a tradição oral, que é inequívoca neste ponto, do país dos Basutos vieram três irmãos: Matane, Lichuque e um terceiro que tomou posteriormente o nome de Zavala. Tendo este desobedecido a seu irmão mais velho, Matane, que lhe ordenara que fosse buscar lenha, é expulso da comunidade após lhe serem quebrados o seu arco e flecha. Matane toma então o nome de *Tsuvaúra* (o que quebra o arco) e seu irmão

<sup>17</sup> Liesegang, 1990:65-73

<sup>18</sup> Entrevista com um ancião cego. 24/1/99, Coguno.

<sup>19</sup> Entrevista colectiva realizada em Mijohote, dia 1/2/99

mais novo passa para a margem direita do rio Inharrime; chegado a uma zona despida de vegetação arbustiva (*zava-zava*), aí se fixa e toma o nome de Zavala”<sup>20</sup>.

Matane e Lichuque permanecem ambos na margem esquerda do rio Inharrime, partilhando entre si a região atravessada pelo pequeno Inhamitande.

A área em que se fixam sabe-se que já era habitada. Governava-a Nhafungo, ou Nhafunguane, chefe dos Chocoches, a quem os recém-vindos se apresentam; bem recebidos, assenta-se em que passarão a pagar tributo aos donos da terra. Nhafungo vem a ser morto à traição, passando o governo para Lichuque a quem o chefe prometera em vida. Deste modo se tornam senhores da terra dos Guambes que têm desde então governado os naturais. (...) a Guambe Grande( Matane) pagavam tributo em frutos, óleo de mafurra, panos de casca de árvores e outros produtos não somente Guambe Pequeno (Lichuque) mas o próprio Zavala. Dadas embora as circunstâncias de partida deste, a obrigação de conjuntamente fazerem oferendas e sacrificios aos antepassados comuns em terras de Matane manteve-se.<sup>21</sup>

Nesta zona, temos ainda a referência a Ginabai que tinha fixado um estabelecimento comercial nesta zona<sup>22</sup>. O facto de haver um estabelecimento comercial, nessa altura, é mais uma prova de que esta região devia ser um ponto com uma povoação muito importante tal como é referido nas crónicas dos viajantes a partir dos meados do sec.XVI (1559) quando a companhia de Jesus decidiu levar a fé cristã a um reino de Inhambane, referido nas cartas de D. Gonçalo de Silveira, como Reino de “Gamba”<sup>23</sup>.

Portanto, esta é a história que se refere ao histórico Reino de Guamba Grande.

---

<sup>20</sup> Matos, 1973:61

<sup>21</sup> Matos, 1973:61-62.

<sup>22</sup> segundo o Dr. Liesegang, “a existência de fontes portuguesas sobre Gwambe no sec.XIX se deve ao facto de que por volta de 1540-45 o comércio de marfim ter ganho uma grande importância para os portugueses em Sofala e Ilha de Moçambique. Parece que João Raposo, um mulato natural de Sofala que já tinha estado em Portugal, tinha estabelecido uma casa na chefatura Gwambe”. Relatório sobre a viagem a Quissico e Inharrime, Fevereiro de 1999. Ginabai (Jinabai) está referenciado no Anuário de L.M. possivelmente como um posto ou estação. “Seria de toda a conveniência que o Caminho de Ferro de Gaza fosse prolongado, desde já, ao menos uns 25 km na direcção de Ginabai, a fim de, por entermédio de aquele, do rio Inharrime e do Caminho de Ferro deste distrito, se ter ,uma comunicação económica entre Gaza e Inhambane”> Vias de Comunicação, In: Anuário de Lourenço Marques, 1927:457

<sup>23</sup> Matos, 1973:22

## 2-MIJOHOTE

A história do khokholo deste lugar está muito ligada à história de Coguno, pois estes se separaram, segundo Liesegang antes de 1885-1895. É por isso que a sua designação é de Guambe, variando em Grande e Pequeno.

Segundo os informantes numa entrevista colectiva “A designação de Guamba Pequeno começou quando Matane, chefe de Guamba Grande, mandou seu irmão Lichuque para aqui”<sup>24</sup>.

Para Cabral (1910:48), os limites das terras eram, terras do “Goambá Grande” e rios Tende e Inharrime. A cronologia dos régulos apresentada por Cabral e pela Matos coincidem na parte relevante com a fornecida pelos nossos informantes<sup>25</sup>. A lista destes nossos informantes é a seguinte:

*Madjongote Guambe; Ntonela; Maguagane; Xingawangawa; Mabandane; Missalafo; Chicuangandze; Bassopa; Jossefa* (que morreu na guerra).

No khokholo visitado temos um *nrombe* muito grande, onde se realizavam os “*mipachos*” (adoração aos deuses). Ao lado temos um cemitério onde se realizou o primeiro enterro que data de 1942 e é do régulo Bassopa. Perto daqui, temos um *litala* (local onde depositavam o lixo) onde recolhemos alguma cerâmica sem decoração, com característica de ser muito recente (havia mesmo restos de pilhas e muito vidro, etc.). Este khokholo foi fundado por Mijohote.

A vegetação característica do local, tal como os anteriores, eram machambas e existência de muitas laranjeiras velhas.

O tipo de khokholo era de palissada que servia de protecção contra animais selvagens e para defender as machambas dos animais domésticos.

---

<sup>24</sup>Mijohote, colectiva realizada no dia 1/2/99

<sup>25</sup>Matos, 1973:86; Cabral, 1910:48; Chewetane Handela Guambe, Mijohote, 6/2/99

### 3-MUCUMBI

Segundo Cabral (1910:50), os limites das terras eram: Terras dos régulos Nhanombe, Cocolane em Inhassune, Cumbana, Goambá Grande e rio Inharrime<sup>26</sup>.

Leonardo Sibone Mucumbe, contou-nos o seguinte sobre a origem dos Mucumbis<sup>27</sup>.

“Somos originários de Ussapa e netos de Nhachengo (Nhaxengo). Com ele convivemos durante muito tempo; o nosso apelido inicial era Ussaca; o apelido de Mucumbi foi adquirido mais tarde por causa de uma história, que passo a contar:

Aconteceu que nos Nhachengues, nossos avôs, morreu o chefe da povoação deixando a sua viúva já muito velha de idade. O conselho de anciãos como de costume, decidiu que o sucessor do líder devia desposar primeiro a viúva do líder antes de ser entronizado. Os escolhidos deviam sair da família dos Nhachengues. Dos candidatos propostos, todos se recusaram a desposar a viúva do chefe por ser muito velha. O conselho também não aceitou ir contra as regras, empossando alguém que não tenha cumprido com o preceituado. Perante a falta de um candidato disposto ao “sacrifício” o conselho sugeriu que se procurasse entre os netos, os Ussacas, se havia alguém com coragem para resolver o problema de desposar a viúva. Vendo o receio dos Ussacas em desposar a viúva, foi lhes prometido a oferta de uma parcela da terra. Com esta oferta, apareceu um voluntário, no seio dos Ussacas, a desposar a viúva velha que na língua chope designam de (*wam sicathi wô kumba*) que significa, uma mulher velha.

Cumprido o ritual, foi entregue esta terra de Mucumbine aos Ussacas pelo Nhachengos. Pelo acto de desposar uma mulher velha, os Ussacas passaram a auto-denominarem-se de (*atu wô sambela wam sicathi wô kumba*) que quer dizer [nós que desposamos uma mulher velha]. Com o tempo, foi se simplificando a expressão, passando para (*atu wô kumba*) [nós que envelhecemos]. Assim nascia o novo apelido dos Ussacas que passaram para Mucumbi<sup>28</sup>.

Passado algum tempo, chegaram os portugueses, da comitiva de Vasco da Gama quando navegavam ao longo do rio Inharrime, que perguntaram o nome da região e lhes responderam que era Mucumbine. Assim ficou registado e perpetuado o novo nome de Mucumbi. Esta linhagem dividiu-se depois em três ramos: Mucumbi Massinhana; Mucumbi Ussaca e Mucumbi Mahique. Uns em *Mavunjana*, outros em *Matsambuine* para travar a progressão dos Guambes e outros em *Chalawanene*<sup>29</sup>. Esta longa citação tem a sua razão de

---

<sup>26</sup>Cabral, 1910:50. Para Cabral, Cocolane refere-se a Panda o que é diferente do mapa que fizemos referência, que refere Cocolane como Guamba Grande. O Dr. Liesegang atribui este erro ao facto de Cocolane ser o nome de pessoa, descendente de Mahuntse (Ca. 1850-1870).

<sup>27</sup> A grafia varia entre Mucumbi; Mucumbe; Incumbe; Cumbe ou Cumbi.

<sup>28</sup> Leonardo Mucumbi, 3/3/99.

<sup>29</sup> Leonardo Sibone Mucumbe é filho desse falecido régulo, entrevista realizada em Inharrime, 3/3/99. Neste khokholo encontrámos muitos cacos de cerâmica decorada num raio de cerca de 10/15 metros, onde actualmente

ser na necessidade de deixar as nossas fontes explicarem a sua origem. Na sua essência, os régulos citados por esta fonte, coincidem com os citados por Cabral na página 50 e no anexo fornecido por Matos na página 95.

O nome Sibone passou a designar a região de Mucumbi Ussaca, passando a <*Sibonine*>, devido ao facto de o seu regulado ter sido o mais longo, cerca de 62 anos, e terminou nos anos 40, tendo muitos filhos e súbditos que os seus antecessores. Na lista de sucessão, Sibone aparece como sendo o nono ou décimo régulo da dinastia Mucumbi.

---

são machambas. No centro, contrariamente ao que vimos noutros khokholo onde predominam laranjeiras e *nrombes/nrova* (possivelmente *Ficus Natalensis*) ou *nxavo* (*Ficus Sansibaricus*, com figos no tronco, folhas maiores), aqui temos um *ntamba* ou *ntsondzo* (*Brachystegia Spiciformis*) com um diâmetro de cerca de 50-60 centímetros, sendo o lugar onde realizam as cerimónias de adoração aos espíritos (*gandzelo*).

## ANEXO-3

### HISTÓRIA DOS NOMES

#### SURGIMENTO DE HELENE

Por Gonçalo Chilundo

Os *helenes* são originários de *Xissaquene* em *ndenguene* no distrito de Manjacaze, um pouco depois de ultrapassar Chindenguele em direcção a costa próximo do limite com Zandamela. Emigraram de *Xissaquene* até aqui, onde se estabelceram.

O nome de Helene surge devido a uma história de casamento. Um dos chefes dos Xissacas casou uma mulher dos clãs locais. Este homem era dotado duma avidez sexual fora do normal que cansou a mulher até desistir do casamento. Para tal teve de explicar aos pais as razões do seu descontentamento.

O acto sexual na lingua chope denomina se "*ku hela*" ou "*ku kunda*". Então a senhora disse aos pais que desistia do casamento porque o seu marido, durante toda a noite não deixava ela descansar o que fazia com que dormisse durante o dia e não conseguisse cumprir com os afazeres domesticos [*a khala ngu ku hela wotse wu sicu*]. Nessa altura que a filha estava a dar estas explicações aos pais, o marido estava escondido nas imediações da casa a escutar, porque não sabia das razões que tinham levado a mulher a fugir de casa. Quando ouviu esta explicação, ele pediu licença para entrar na casa. Perguntaram quem era. Respondeu que [*ngani hele*]. A partir de então, auto denominou-se *hele* e, por extensão, o seu grupo vindo de *Xissaca* passou a serem denominados pos *heles* e a sua zona por Helene [terra dos heles].

#### OUTRA HISTÓRIA DOS NOMES PELO MESMO AUTOR

Uma vez o meu avô decidiu mudar de nome. O seu nome era Inquengane e mudou para Valo [*de ku vala*] em chope que significa fechar. Ele atribuiu-se esse nome porque ele era o maior criador de gado caprino da zona, por isso considerava que [*a vade*], é o expoente máximo na

riqueza, ninguém o podia igualar na região. Assim começou esse nome de *valo* para o meu avô que se estendeu pelos filhos até aos netos. Assim nós somos conhecidos como Chilundos de *valuine*. Por isso, agora tenho um dos meus filhos, mais novo que o Arlindo que é Valuana em homenagem ao meu avô Valo.

## ANEXO 4

### ALGUNS ASPECTOS DA ANTROPOLOGIA CHOPE

#### 1-PROCEDIMENTOS FÚNEBRES

Por Bernardo Mavique e Filipe Ulembana [Nhacutô, 20/1/99]

Como eram realizadas as cerimónias fúnebres?

Aquí na nossa zona, a pessoa era enterrada por 3 a 4 pessoas. Na altura da retirada do corpo dentro da casa, as outras pessoas deviam esconder-se para não verem o defunto e só espreitavam depois de ter a certeza de que já estão longe. As pessoas responsabilizadas por esta tarefa eram chamadas "hienas". No local do enterro, depois deste feito, faziam desaparecer todas as marcas que pudessem permitir a sua localização futura. Os que faziam estes enterros eram pessoas mais velhas da comunidade. Portanto a morte era envolta de muitos tabús.

No caso do enterro do rei (*inkoma*) este não era efectuado no mato, como os outros. Era enterrado dentro da sua casa que depois era abandonada até cair de podre. É assim como era feito em toda esta nossa área.

O corpo do defunto era quebrado até ficar pequeno, na posição de sentado e era depositado numa espécie de gaveta que se fazia dentro da cova, para evitar que o corpo apanhasse directamente areia. Esta de fazer gaveta dentro da cova, era para qualquer pessoa.

O corpo do chefe, geralmente era depositado com objectos contundentes como zagaias e outras coisas mágicas pois acreditava-se que, se a sua morte foi provocada por feitiço, ele poderia vingar-se. Isto acontecia geralmente quando a morte fosse súbita ou de um jovem.

A morte do chefe era escondida durante a maior parte do tempo possível, mesmo para as suas mulheres como forma de a família real, continuar a receber as benesses reais que os seus súbditos continuariam a trazer. A vigilância para que isto não acontecesse por muito

tempo, era feita pela linhagem candidata ao trono na linha de sucessão. Contudo havia casos em que durava meses a aldrabice.

Houve um caso aqui na nossa zona em que morreu o chefe e a família directa fez segredo. Os que estavam na linha de sucessão desconfiaram da ausência prolongada do chefe nas reuniões da corte. Mas como não tinham acesso aos aposentos do chefe armaram um estratagema: Organizaram um “*msaho*” onde convidaram um comerciante de origem asiática a quem sabiam ser amigo do chefe, com quem entraram em acordo. Durante o festival, o comerciante pediu para ver o amigo. Como disseram que estava doente, disse para lhe levarem até aos seus aposentos para lhe visitar. Como já tinham feito o enterro dentro da casa, os da família real montaram um pilão coberto de cobertores. Chegado o comerciante, a história foi descoberta e o trono passou para a outra família.

*Xitimela Novela* [Mavila, 5/6/99]

A partir de cerca de 1900, alteraram-se muito as formas de enterro que nós realizávamos devido sobretudo a influência das missões americanas que aqui vieram instalar-se. Pessoas da idade do Abner Jonas, não sabem disto. Só nós que nascemos entre 1900 a 1910 ainda vivemos essas formas, apesar de ainda sermos crianças pois a mudança ocorreu por volta de 1920-24.

Nessa altura, se o defunto fosse um homem era deitado do lado direito e se fosse mulher do lado esquerdo, independentemente da sua idade. O significado desta forma de deitar os corpos, é porque considerava-se que um homem ampara a sua mulher pelo lado direito e esta recebia o seu marido deitada do lado esquerdo. A forma de deitar o corpo de costas é de influência das igrejas. Esta informação pode ser desmentida por alguns mais novos.

Qual era a forma de enterrar os régulos?

Era enterrado dentro da sua casa. Porque pretendiam ocultar a morte aos outros pretendentes ao trono. Assim podiam até ficar cerca de um ano, sem se saber que morreu o chefe como forma de continuarem a receber a vassalagem.

O significado de fazer uma cova e dentro desta fazer-se uma gaveta onde se escondia o corpo sendo depois tapado, primeiro por cactos e outros ramos com picos foi originado pelo facto de nos tempos viver-se muito com base nos curandeiros/feiticeiros que eram o suporte da nossa vida espiritual. Ora estes tinham o hábito de aproveitarem algumas partes do corpo do defunto para efeitos mágicos diversos. Quando localizassem o corpo na calada da noite depois do enterro, cortavam umas partes das unhas dos pés e das mãos, pedaços dos lábios superiores e inferiores e uma parte da língua. Depois disto juntavam todas estas partes e queimavam-nas até ficarem em forma de carvão que depois esmagavam até produzirem um pó que juntavam com outras raízes. Acreditava-se que depois de vacinar uma pessoa podia apoderar-se da força física do defunto,.

## 2- ALGUNS ASPECTOS DO CASAMENTO CHOPE

*Por Xitimela Novela* [Mavila, 5/6/99]

Nessa altura havia também um hábito de cruzar as pessoas na tentativa de obter a melhor estatura física possível. Isto acontecia porque havia muitas pessoas baixinhas e de fraca constituição física na zona. A solução para este “mal” era procurar dentro da comunidade e da vizinhança quem possuísse um rapaz forte. Depois de localizado conversava-se com uma das noras da casa no sentido de secretamente se encontrar com este, num lugar previamente escolhido pelos mais velhos até que concebesse. Como isto era tratado em segredo em relação ao nosso filho então aranjava-se um argumento forte para que este estivesse ausente de casa por um período considerado suficiente para a mulher engravidar.

Conseguido o objectivo a mulher voltava ao marido que assumiria tudo, sem se aperceber da manobra feita. Caso houvesse desconfiança a solução era fácil porque o nosso filho devia apresentar esse problema a nós.

O problema é que havia de facto muitas pessoas baixinhas e fracas e com este esforço, como vê hoje temos homens fortes<sup>1</sup>.

Outra preocupação na reprodução pode se verificar no caso feminino. Nessa altura uma menina candidata ao lobolo devia ser “inspeccionada” por um grupo de anciãs antes da decisão de ser aceite na família. O que se procurava verificar era a abertura vaginal e a bacia como segurança de ela poder deixar passar a cabeça de um bebé sem problema. Depois deste teste, é que se podia autorizar ou recusar a união.

Realizado o lobolo, na primeira noite da permanência da noiva em casa do marido outro grupo de anciãos, desta vez homens, tratava de misturar a sua comida com uma droga “*udiva*”<sup>2</sup> para a mulher ser submissa ao marido.

---

<sup>1</sup> Este esforço de procurar ter homens fortes, talvez esteja ligada ás constantes guerras que caracterizaram esse período.

<sup>2</sup> Udiva vem do verbo “*ku divala*” em chope, que significa esquecer. Este tratamento fazia com que mesmo com maus tratos, a mulher não chegava a pensar em abandonar o lar. Talvez seja uma das razões dos lares duradouros dos mais idosos.

## ANEXO 5

### PORQUE HÁ MAIS CHOPEES QUE TRABALHAM NOS SERVIÇOS DE SALUBRIDADE EM MAPUTO?

*Por Abner Jonas* [Mavila, 20/1/99]

O que levou os chopees a trabalharem na salubridade?

É por serem muito obedientes e cumpridores em relação aos outros grupos étnicos. Veja que os bitongas punham-se na situação de saberem português e conviverem com os brancos, os changanas são homens de murros sem motivos, por isso os únicos que restavam eramos nós.

Os rongas não podiam, porque eram os donos da terra de Lourenço Marques. Os mátswas não entravam também, mas não sei porquê pois estes são próximos a nós.

*Bernardo Mavique e Filipe Ulembane* [Nhacutô, 6/6/99]

O que levou a que os chopees fossem a maioria ou únicos trabalhadores da salubridade?

Para este tipo de trabalhos, no início foram levadas pessoas de várias etnias só que muitos não conseguiam resistir devido à fome. O que acontecia é que este tipo de trabalho com lixo e fezes tira o apetite e a pessoa enfraquece com muita rapidez.

Certa vez num dos grupos onde estavam os chopees, um dos elementos do grupo conhecia o medicamento para "reativar" o apetite [a perda de apetite é denominada *di tswihalo*, em chopees], quando chegou a hora da refeição, vendo que os colegas não tinham vontade preparou a sua poção e misturou-a com a comida e obrigou os outros a comerem. Depois de ter comido esta refeição com medicamento, passaram a fazê-lo sem restrições o que deu robustez ao grupo. Tendo notado esta diferença de comportamento entre os anteriores grupos e este de chopees, as autoridades coloniais passaram a preferir fazer o recrutamento entre este grupo étnico.

Mais tarde esta informação circulou na sua zona de origem e todos os chope que eram recrutados para a salubridade vinham munidos deste medicamento pois a sua raíz é largamente conhecida na zona. Mesmo aos animais que tenham este tipo de problema é ministrada esta droga com sucesso.



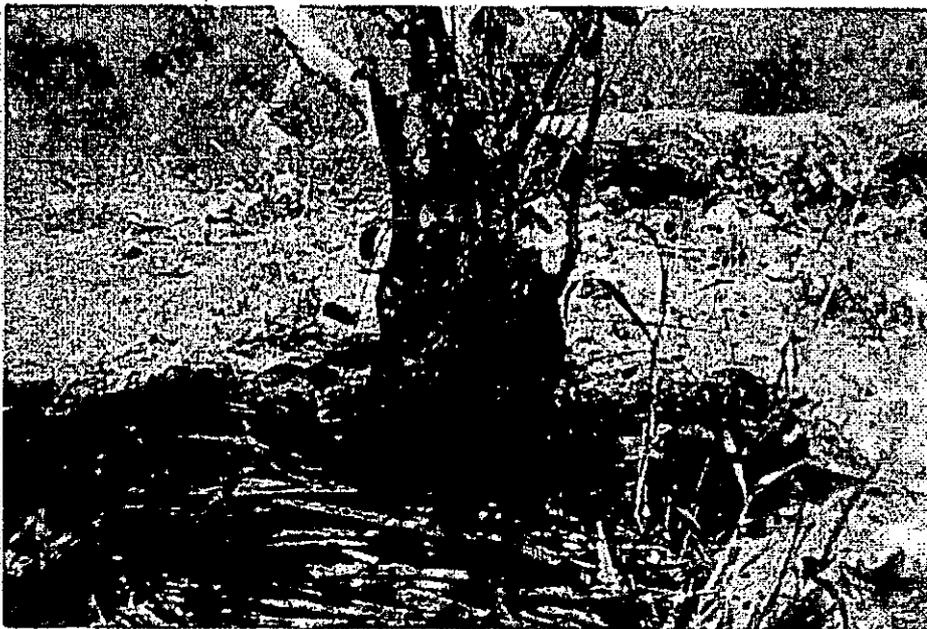
1-Filipe Ulembana; último régulo de Nhacindô apontado para o meio da lagoa onde ainda se vêm alguns paus dos que suportavam o khokholo que aí se encontrava, denominada "garine".



2-Dr. Liesegang procurando artefactos num dos khokholo do sul de Mavila.



1- Abner Jonas, último régulo de Mavila mostrando uma laranjeira do tempo do khokholo de Marite.



2. Observe o tamanho da base do tronco desta laranjeira. Ela encontra-se num antigo khokholo no sul de Mavila.



1-Dr. Ricardo Teixeira Duarte no cemitério familiar onde foi sepultado um dos últimos chefes do khokholo de Guamba Pequeno.



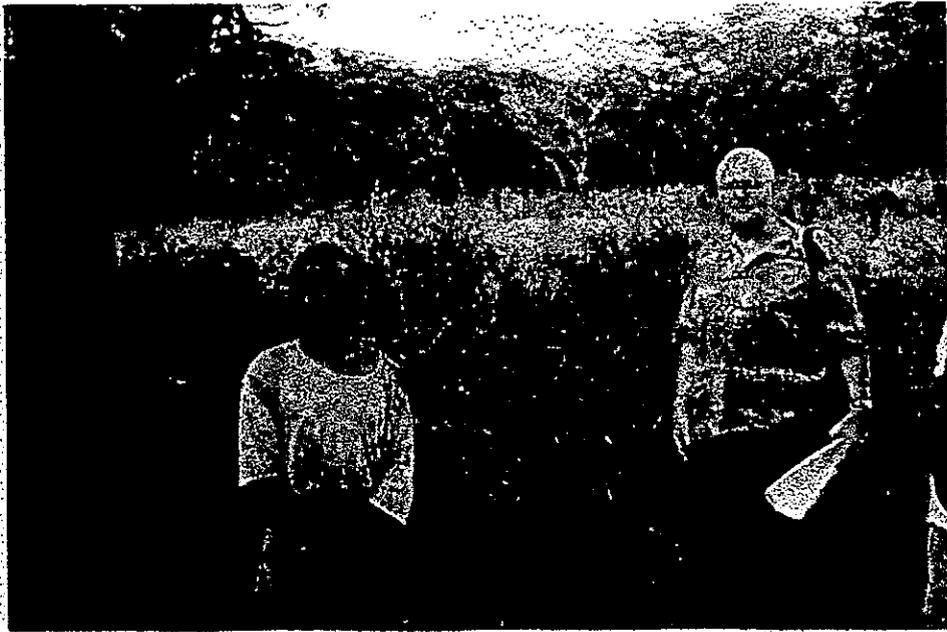
2-Sepultura de Bassopa, último régulo do khokholo de Guamba Pequeno falecido em 1942. Supõe-se que tenha nascido em 1870.



1-Local de floresta de *mitumbas* (*brachystégia*) onde o GPS deu as seguintes coordenadas: 24° 30' 0,4" S; 34° 43' 49" E.



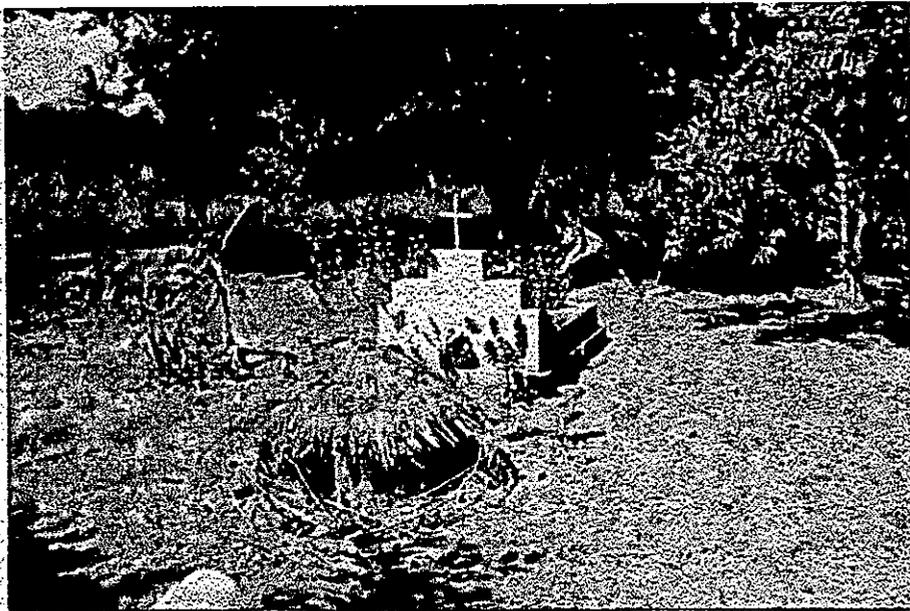
2-Mesma floresta, na estrada que sai de Mijohote a Sibonine em Mucumbi.



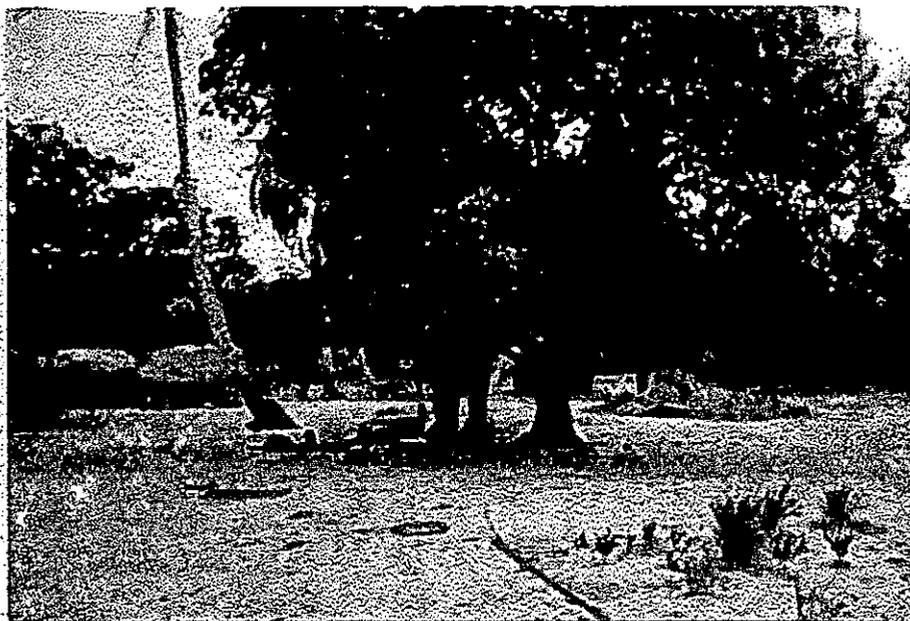
1-Dr. Liesegang e o descendente da familia real de Guamba Grande Alfredo Jacopo, no local onde se diz ter existido o khokholo principal, "Cocolane".



2-Eucalipto localizado numa zona onde se afirma que existia um poço do principal khokholo.



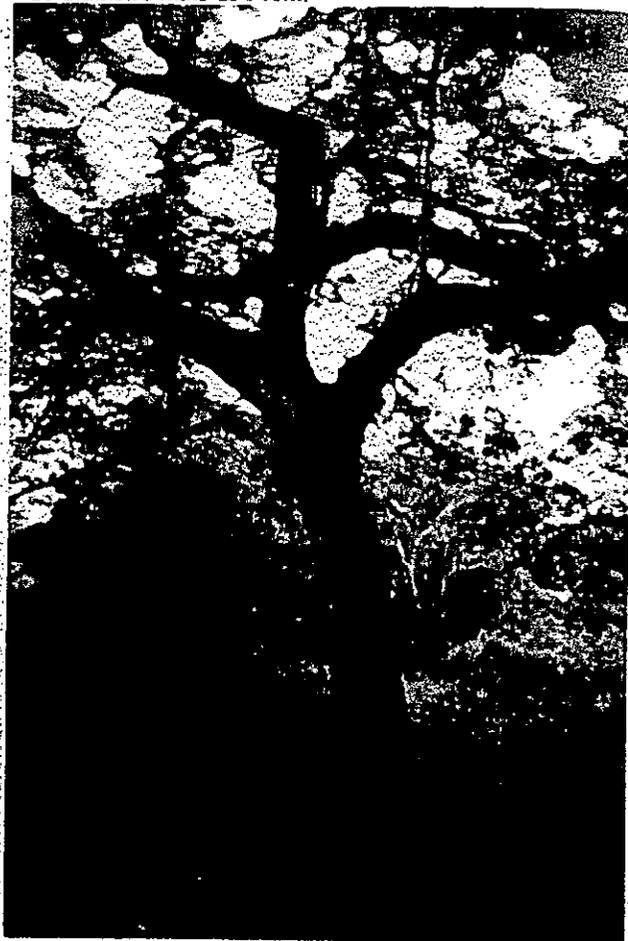
1-Sepultura de um antigo chefe de khokholo em Nhacutô.



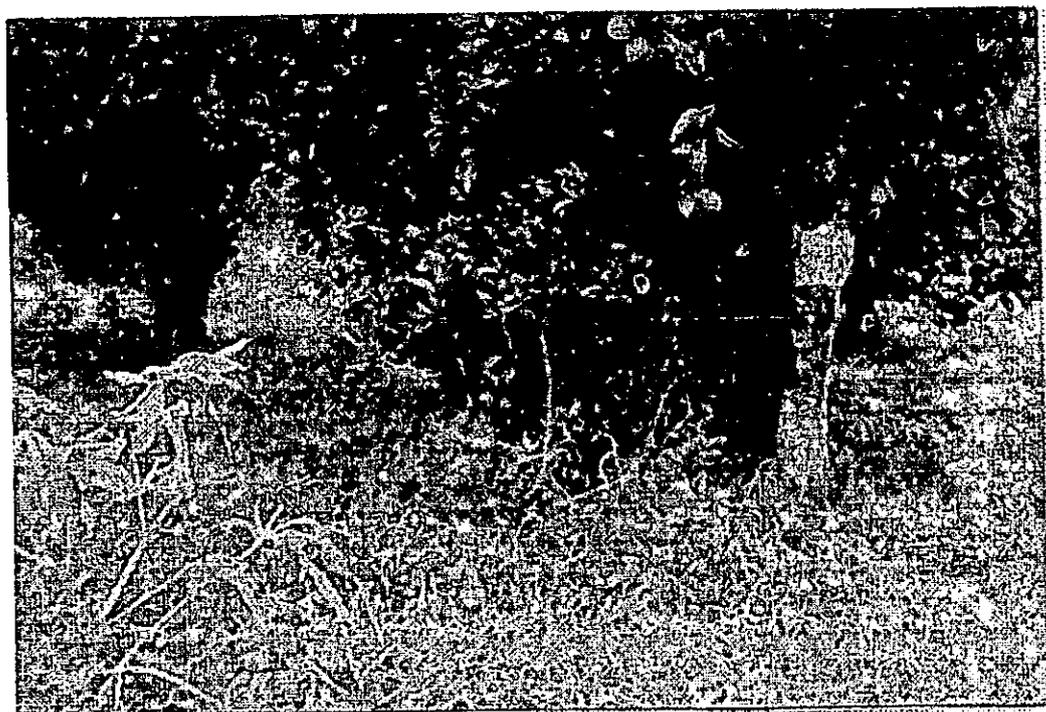
2-Esta residência encontra-se no local onde se estendia um antigo khokholo. É uma continuidade na ocupação do espaço.



1-Vista da base da *tambeira* (*brachystégia*) de Mucumbi em Sibonine, local onde residia o régulo Sibone e ainda hoje se realizam as suas cerimónias de adoração aos espíritos. Deve ter de diâmetro mais de 50cm.



2-Mesma *tambeira*.



1-Uma laranjeira secular de um antigo khokholo de Nahcutô.